Abril
Editora ABRIL
edição 2804 · ano 55 · nº 34
31 de agosto de 2022

veja

www.veja.com

FÉ, CLIQUES E VOTOS

Um levantamento inédito mapeia os influenciadores que mais mobilizam os eleitores evangélicos — todos a favor de Jair Bolsonaro. Seus seguidores, cerca de 100 milhões de pessoas, podem ajudar a definir a eleição

MAIS QUE UM SISTEMA DE ENSINO, UMA **SOLUÇÃO EDUCACIONAL** COMPLETA.
Com a **Plataforma AZ de Aprendizagem,** os estudantes têm uma experiência inovadora para a formação integral, da Educação Infantil ao Pré-vestibular, com trilha personalizada de estudos e uma metodologia que estimula a autonomia, o protagonismo e o gosto pelo estudo.
@PLATAFORMAAZ

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

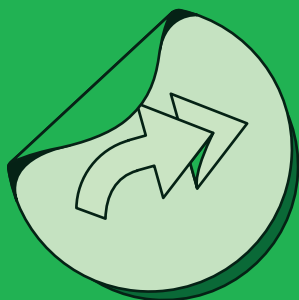
Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 804 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 34. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

Vamos juntos combater as informações falsas.

O WhatsApp tem parceria com organizações independentes de checagem de fatos. Você encaminha uma mensagem e elas verificam se é verdadeira.

Conte também com o Tira-Dúvidas do TSE, um assistente virtual direto no seu WhatsApp, que pode te ajudar com as informações sobre as eleições.

from Meta

Saiba mais sobre as organizações:

Fale com o Tira-Dúvidas do TSE:

EM NOME DE DEUS

DESDE A CONSTITUIÇÃO de 1891, o Brasil é uma nação laica, de separação entre o Estado e a Igreja. Diz a Carta de 1988: "É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança...". A laicidade, inspirada nos preceitos da Revolução Francesa — "liberdade, igualdade e fraternidade" —, é uma conquista civilizatória, sinônimo de respeito, especialmente em um país profundamente religioso. A ideia é que, em relação à fé das pessoas, o governo nada imponha e trate apenas de defender todos os credos, sem distinção. Esse é um dos pilares da democracia. Curiosamente, na própria *Bíblia,* atribui-se a Jesus Cristo a frase "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus", um resumo brilhante da necessidade de separação entre os assuntos seculares e religiosos.

A distância estabelecida por lei, contudo, nunca impediu que a política e a religião se misturassem. Nos anos 1970 e 1980, as Comunidades Eclesiais de Base, essencialmente católicas, ancoradas na Teologia da Libertação, ajudaram a ampliar as vozes de quem gritava contra a ditadura militar — e, assim que as eleições voltaram a acontecer, os púlpitos serviram de plataforma para angariar adesões. Mas não era exatamente um projeto de poder. No início da década de 90, com a queda do número de fiéis católicos e o espraiamento das nomenclaturas neopentecostais, deu-se um novo e decisivo passo nessa direção: a Igreja Universal do Reino de Deus, liderada por Edir Macedo, pôs em andamento um plano eleitoral, associando-se a uma emissora de televisão e lançando candidatos ao Parlamento. O movimento nunca parou de se expandir. De 2018 para 2022 houve um crescimento de 26% de candidaturas que usam denominações evangélicas — neste pleito serão 730 candidatos com a alcunha de pastor, bispo, missionário e apóstolo, entre outros títulos religiosos.

Os evangélicos, que representam 27% do eleitorado brasileiro — ante 50% dos católicos —, têm aumentado significativamente sua influência na cena política brasileira, dado o afinco com que apoiam ou rechaçam as decisões de Brasília (na maioria das situações, atuando em conjunto). Nos últimos quatro anos, a Presidência de Jair Bolsonaro — com o lema "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" — tornou mais fluidas as fronteiras entre os dois territórios, o da razão e o da fé. Ancorado numa pauta de costumes conservadora, Bolsonaro promoveu e foi promovido pelas forças evangélicas, em uma toada que, às vezes, fez mal ao país. Essa confusão chegou a ponto de prejudicar, por exemplo, a aceitação das vacinas contra a Covid-19, sem as quais não estaríamos neste momento mais tranquilo da pandemia.

FOTOS BRUNO MIRANDA/FOLHAPRESS; ALAN SANTOS/PR

LÁ E CÁ Edir Macedo, da Igreja Universal, com Lula em 2007 e com Bolsonaro agora: projeto político com base na religião

Com a proximidade da eleição, uma nova guerra santa se anuncia. A mais recente pesquisa do Datafolha, de agosto, aponta hoje o presidente com 49% das intenções de voto entre evangélicos, contra 32% de Lula — em maio a diferença era menor, de 39% para 36%. Lula, que em seus comícios tem adotado a correta postura a favor do Estado laico, simultânea e contraditoriamente acena para os pentecostais, que, aliás, estiveram a seu lado nas eleições de 2002 e 2006. Ciente da importância desse segmento, a campanha do candidato do PT já criou contas nas redes sociais destinadas a esse eleitorado, mas está bem distante da máquina montada a favor de Bolsonaro, como mostra a reportagem que começa na página 24. Trata-se de uma poderosa estrutura, com mais de 100 milhões de seguidores, voltada a um só objetivo: conseguir cada vez mais votos. Para onde quer que vá, o Brasil precisa estar firme no isolamento dos interesses do Estado e das igrejas, sem privilégios a qualquer grupo. Caso contrário, podemos entrar numa era de grande retrocesso. ■

JHSF

"NUNCA HOUVE ACORDO"

O líder da oposição a Bolsonaro na Câmara nega que tenha selado qualquer pacto com o PT para deixar o páreo ao Senado e diz que a divisão da esquerda é "erro estratégico"

MONICA WEINBERG E **RICARDO FERRAZ**

RICARDO BORGES

COM CINCO MANDATOS no currículo, o deputado federal e atual líder da oposição na Câmara em Brasília, Alessandro Molon, 50 anos, acabou no centro de uma disputa de colorido local, mas que reverberou nacionalmente. Ele decidiu não arredar pé da candidatura ao Senado pelo Rio de Janeiro, mesmo que uma ala do PT, partido aliado de sua sigla, o PSB, tenha enfaticamente repetido que isso significaria a ruptura de um acordo — o postulante ao Palácio Guanabara, Marcelo Freixo, sairia das fileiras pessebistas, enquanto o petista André Ceciliano correria sozinho pela vaga de senador. "Eles é que expliquem de onde saiu essa história", dispara Molon, cuja posição gerou alta tensão entre caciques da aliança que, na disputa presidencial, uniu Lula ao ex-governador Geraldo Alckmin. Em seu apartamento no Leblon, na Zona Sul carioca, ele, que ainda passou pela Rede, rememora a dolorida saída do PT, a quem tece críticas por não mirar a agenda ambiental como deveria, e garante que vai seguir firme na briga para não deixar a arena política.

Por que o senhor insistiu tanto em se manter candidato ao Senado, ainda que petistas graúdos sustentassem que isso seria uma quebra de acordo e ameaçaria a aliança PT-PSB no Rio? Antes de tudo, é preciso deixar bem claro: nunca houve qualquer acordo para que o PT lançasse sozinho o candidato ao Senado e eu ficasse de fora. Essa história vem à tona o tempo todo, é verdade, mas eu, como presidente estadual do PSB no Rio, garanto que jamais falamos nesses termos. O próprio Carlos Siqueira, presidente nacional da legenda, me autorizou a dizer que em nenhum momento firmou acordo dessa natureza com o PT. A turma que afirma tal coisa precisa esclarecer em que reunião se tratou do tema e quem assumiu, afinal, esse compromisso. Francamente, eu não sei.

Então o PT está mentindo? Os que teimam em repetir essa versão é que devem responder à pergunta.

Faria sentido o PT selar uma aliança encabeçada pelo PSB no terceiro maior colégio eleitoral do país sem colocar nenhum quadro seu em destaque no páreo? O Rio não é exceção. Tanto assim que em quinze estados houve alinhamento entre as duas siglas, em outros doze, não. Conversei inclusive com o alto escalão do PT nacional. Eles entenderam que o melhor era que a vaga ao Senado fosse minha, pelas chances que tenho, mas disseram que havia um pleito local que não estavam conseguindo contornar.

Nos bastidores, chegou-se a cogitar até um rompimento da aliança no Rio e em outros estados, como Pernambuco, em decorrência do impasse fluminense. Nem isso abalou sua convicção de seguir candidato? Esse caso está resolvido. Lula vai apoiar o nosso candidato, Marcelo Freixo, para o governo, e o André Ceciliano, do PT, para o Senado. E o ex-presidente terá seguramente o meu voto. Nunca, aliás, atuei para que o Ceciliano saísse da corrida, como fizeram comigo. Agora, acho tudo isso uma perda de energia à toa, justo numa etapa da vida democrática em que as forças progressistas precisam estar unidas para derrotar Bolsonaro em uma eleição que, já se sabe, não será nada fácil. Lembrando que, nesse espectro ideológico, sou eu que estou à frente nas pesquisas, o único com chances de vencer o postulante bolsonarista.

Os últimos levantamentos mostram o senhor bem atrás de Romário, do mesmo PL do presidente, o atual líder nas aferições. Considera estar diante de um oponente qualificado? Andam surgindo por aí fatos contra Romário que o desabonam para uma candidatura ao Senado, como, por exemplo, a ocultação de uma Ferrari na declaração de bens. Além disso, o que posso dizer sobre ele como senador? Que Romário foi um excelente jogador de futebol.

“Há uma pressão para tirar dinheiro da minha campanha. Gastar tempo para me asfixiar é um erro estratégico. Tem gente do PT que age para me desqualificar. É fogo amigo”

Procede a informação de que o PT, incluindo aí a presidente da sigla, Gleisi Hoffmann, pressionou o PSB para tirar dinheiro de sua campanha e que seu partido teria acatado? Sim, houve essa pressão, um grave erro, mas não sei ainda o que vai acontecer. A direção nacional do PSB não tomou uma decisão. Estou falando com eles para tentar reverter a tendência de que ocorra e, enquanto isso, para não ficar de mãos vazias nem ser pego de surpresa, lancei uma vaquinha, angariando doações. Mas repito: gastar tempo para asfixiar a candidatura de um aliado é um erro estratégico. Recebo ataques nas redes que não vêm de bolsonaristas, não. Tem gente do PT ali que age para me desqualificar. É fogo amigo.

Por que avalia que essas eleições presidenciais serão tão difíceis? Quem se fia nas pesquisas e acha o contrário está perigosamente equivocado. Bolsonaro detém o poder da máquina, que ainda pode repercutir de forma importante mais à frente, e conta com um generoso tempo de TV, que não teve em 2018. Também vai muito bem nas redes, melhor do que nós. O Paulinho da Força é que costuma dizer: “Governo é que nem cobra, até morto é perigoso”. Lula precisa mostrar alta capacidade de diálogo. Vai ter de contar com o apoio do MDB, sim, e já está atuando para abrir o leque. A própria escolha do Geraldo Alckmin como vice na chapa é um sinal inequívoco disso.

Tem conversado com Lula? Falei com ele lá atrás, em maio de 2021, em Brasília. Disse que sairia candidato ao Senado, e ele foi afetivo, reagiu bem. Voltamos a conversar em setembro, em uma reunião das direções do PT e do PSB. Nesse momento, estou tentando um encontro com Lula, pedindo ao responsável pela agenda dele que abra uma brecha para falarmos pessoalmente, mas, até agora, nada.

Apesar de sua saída do PT, em 2015, o senhor e Lula se dão bem? Ele sempre aparece sorridente ao meu lado. Quer ver a foto? Quando Lula não está satisfeito com alguém, mostra isso claramente com o rosto. Isso eu já sei. O sorriso não é o mesmo.

Muita gente diz que o senhor debandou do barco petista pensando em sua trajetória política, justamente quando ele estava afundando. Concorda? O PT não estava sabendo lidar com os problemas de corrupção que surgiam e eu avaliei que era hora de sair. Mas fico possesso quando me vêm com essa história de que eu fui ingrato. Até porque já tinha ido para a Rede, que apoiou maciçamente o im-

peachment de Dilma Rousseff, e mesmo assim me pus no alto da tribuna da Câmara para me pronunciar contra o afastamento. Não foi trivial deixar o PT, depois de dezessete anos e tantos laços. Não decidi de uma hora para outra, no impulso. E é claro que envolveu frustração e tristeza.

Afinal, o Lula vai fazer palanque duplo no Rio, apoiando Freixo e o candidato de Eduardo Paes ao governo, Rodrigo Neves, do PDT? Não vi qualquer confirmação desse papo. O que Lula afirma hoje é que o candidato dele ao Palácio Guanabara é o Freixo. É verdade que chegou a se cogitar que ele não daria mais o apoio, em razão da tensão justamente criada em torno da candidatura ao Senado, mas Lula continuou conosco.

Há registros de petistas participando de eventos em prol da candidatura do governador Cláudio Castro, do PL, que briga pela reeleição no lado bolsonarista. Como vê essas iniciativas? Buscar apoios é do jogo e eu mesmo estou trabalhando por isso, em várias frentes, mas há um limite: no campo bolsonarista eu não piso. Minha campanha, garanto, tem o pé numa canoa só. Dito isso, cabe ao PT explicar por que flerta com esses palanques.

Sua relação com Freixo segue tensa? Superamos os atritos do passado e estamos na mesma tecla agora. No começo de 2021, no auge da crise embalada pela pandemia, entendemos que eu, como líder da oposição na Câmara, e ele, o líder da minoria, precisávamos nos acertar. Felizmente, tivemos a sabedoria de não ficar esmiuçando as diferenças, remexendo as divergências para saber quem estava certo ou errado nesse ou naquele caso. Ia acabar virando uma nova briga, para quê? O nosso combinado é não tocar mais em nossas discordâncias.

O senhor anda dizendo que a agenda ambiental não entrou na campanha presidencial como deveria, nem mesmo no programa do PT. É falta de visão? A questão ambiental ainda aparece tímida, não está no centro das propostas progressistas, apesar de ser a principal agenda do mundo hoje. No Brasil, não caiu a ficha de que esta é uma oportunidade — do ponto de vista do emprego, da renda, da inovação —, e não um problema. O país tem tudo para liderar a transição verde, se quiser. Fiz um estudo com economistas da UFRJ contendo propostas para cumprirmos as metas do Acordo de Paris. Entreguei inclusive o plano nas mãos do Lula. Essa eleição precisa ser uma disputa olhando para o futuro, e não um debate fincado no passado, a respeito do governo de dois presidentes.

O fato de temas da pauta progressista, como aborto e casamento gay, não serem postos a fundo em debate é um sinal de atraso da cena política brasileira? Acredito que a sociedade queira falar desses assuntos, mas discussões espinhosas dessa natureza são frequentemente usadas como armas nas eleições. O aborto, aliás, provavelmente virá à tona nos debates na televisão, já que o Lula tocou no tema tempos atrás.

“Surgiram fatos contra o Romário que o desabonam, como a ocultação de uma Ferrari na declaração de bens. Posso dizer que, como senador, ele foi um excelente jogador de futebol”

O Rio de Janeiro, que já deu vitórias a Lula e Dilma, na última eleição preferiu Bolsonaro. Agora, segundo as últimas pesquisas, o presidente avança no estado. Acha que o perfil do eleitorado fluminense mudou? O que aconteceu no Rio foi o acúmulo de decepções com governantes em série. Em determinado momento, parecia que estava tudo dando certo e, de repente, eles estavam atrás das grades. Criou-se um vácuo, que Bolsonaro logo ocupou. O bolsonarismo foi gestado nestas praias. Os três senadores do estado são hoje do PL, um deles o próprio filho do presidente, e Cláudio Castro é mais do mesmo do que se viu nos últimos anos. É preciso reconhecer que o Rio de Janeiro ainda não conseguiu espantar os fantasmas que o assombram.

Como o senhor rebate a crítica de fazer parte de uma certa “esquerda caviar”? Esse é um rótulo criado pela extrema direita, que não pode ser repetido por quem, como eu, defende a democracia como valor inegociável. Basta ver minha agenda. Ontem, estava na Baixada Fluminense, fazendo campanha, e nos últimos vinte anos exerci mandatos comprometidos com as causas da esquerda.

Após tanto tempo na vida pública, ficar sem mandato o assusta? Vou lutar para me eleger e acredito que serei vitorioso. Se não der, estou preparado para engatar no direito, no qual me formei e ainda dou aula. Mas adoro a política. Ficar de fora dessa arena seria uma frustração. ■

NO DESCOMPASSO DO CORAÇÃO

PELA PRIMEIRA VEZ em 187 anos, desde que foi depositado em um cálice revestido de mogno no sarcófago da Igreja da Lapa, na cidade do Porto, em Portugal, o **coração de dom Pedro I** saiu de seu refúgio — **e veio bater no Brasil, recebido com pompa.** A travessia do músculo de Pedro IV, como é conhecido entre os portugueses, foi cercada por cuidados de cientistas forenses. Havia alguns riscos, sim, mas eles foram minimizados ao máximo. Difícil foi fugir das críticas do ponto de vista político do gesto, em decisão do governo de Jair Bolsonaro para celebrar os 200 anos da independência. É ideia um tanto sem sentido e que remete à importação do corpo do imperador para São Paulo, em 1972, durante a ditadura militar, nas festas do sesquicentenário da separação da Corte portuguesa. Há cinquenta anos, o coração ficou no além-mar. Vieram só os ossos. Bolsonaro deu um jeito, agora, porque o prefeito do Porto compartilha as ideias conservadoras do presidente. Não seria exagero dizer que dom Pedro I se revira no túmulo, porque o que ele queria, ao morrer, deixou anotado em um de seus diários: desejava "ser enterrado em caixão de madeira simples, como um soldado, comandante do Exército português". O pesquisador Paulo Rezzutti, respeitado especialista no assunto, resume a ópera: "É um carnaval macabro, um evento efêmero que a nada serve; trazer um órgão humano dentro de um vidro, expô-lo em Brasília e dizer que esse é o grande evento comemorativo dos 200 anos da nossa independência é trágico". O historiador Luiz Felipe de Alencastro ecoa: "Que coisa mais ridícula, exibicionismo necrófilo do pedaço do corpo de um chefe de Estado que apoiou a continuidade do tráfico de escravizados". O Brasil, como diria Tom Jobim, não é para amadores. ■

Fábio Altman

JOÉDSON ALVES/EFE

HAARETZ.COM

MISSÃO Mozer: “Devemos estar conscientes da escala que a maldade alcança”

“MATAR ERA NATURAL”

O diretor israelense do celebrado documentário *A Confissão do Diabo* fala das fitas inéditas que revelam a natureza de Eichmann, o carrasco nazista que inspirou a teoria da banalidade do mal

Por que remexer a macabra história de Adolf Eichmann seis décadas após seu julgamento? A ideia do documentário surgiu quando me contaram algo fantástico: havia fitas desaparecidas em que o carrasco nazista falava abertamente sobre seu papel no Holocausto. Acabei as encontrando no arquivo do Estado alemão, em 2019, e logo soube que tinha um material de inestimável valor histórico nas mãos.

Qual a razão para ele se expor depois de já ter escapado? Enquanto os grandes arquitetos do regime de Hitler eram julgados em Nuremberg, Eichmann se escondeu na Argentina e, passados quinze anos, sentiu-se seguro para revelar sua identidade a colegas nazistas. Foi quando um jornalista holandês, da unidade de propaganda nazista, convenceu-o a conceder uma entrevista. Eichmann estava procurando o reconhecimento que não teve após a queda da Alemanha. Queria deixar, digamos assim, um legado.

Como essas fitas passaram tanto tempo em segredo? O tal jornalista holandês foi ameaçado por nazistas porque publicou um artigo com parte da entrevista. Eles acharam aquilo uma traição. Como um pedido de desculpas, ele deu então as gravações à família de Eichmann, nos anos 1990, que as vendeu. Passaram aí de mão em mão, até pararem no arquivo alemão. Tinham um dono e eu o convenci a cedê-las, dizendo que era judeu e as usaria com sabedoria.

O que as fitas contêm de mais horripilante? A certa altura, Eichmann afirma que a única coisa que lamentava era não ter completado seu trabalho. Queria ter matado 10,3 milhões de judeus. Parou em 6 milhões. Em outro momento, critica colegas julgados em Nuremberg por não assumirem a responsabilidade pelo que fizeram, um hipócrita, já que faria o mesmo quatro anos mais tarde. O tom *blasé,* de naturalidade, torna tudo pior.

O depoimento de Eichmann em Jerusalém, onde foi enforcado, embasou a teoria da banalidade do mal de Hannah Arendt. Em que medida ele trata sua participação no genocídio de forma banal? No julgamento, ele sustenta que só fez o que fez porque cumpria ordens, como se isso suavizasse a barbaridade que pôs em marcha, gerenciando deportações em massa para os campos de concentração. Porém, na vida real, Eichmann agia como um devoto incondicional da ideologia nazista, para quem matar era natural.

Ser neto de sobreviventes do Holocausto o influenciou na decisão de produzir o documentário? Minha mãe e sua irmã não falavam sobre a história dos pais, e eu era muito jovem para ficar perguntando. Eu carregava essa lacuna vital. Talvez por isso tenha tido o desejo de produzir o filme. Faz parte da minha vida, da minha família. Foi uma missão que assumi.

A ascensão dos movimentos neonazistas o preocupa? Tenho medo, claro, mas também me preocupa as novas gerações não conhecerem bem um capítulo tão terrível. Precisamos estar conscientes da escala que o mal pode alcançar para nos prevenir dele. ■

Amanda Péchy

Acesse nosso canal no Telegram @BRASILREVISTAS
Rock in Rio

@mixriofm

MIX
102.1 FM
RIO

O RISO COMO REMÉDIO

Filha de um caixeiro-viajante que ganhava dinheiro cantando tangos e de uma enroladora de balas de coco, a humorista carioca **Claudia Jimenez** levou a vida na flauta, assobiando, apesar das dificuldades. Nem mesmo as três cirurgias de coração a que foi submetida, em decorrência de um câncer no tórax, a fizeram esconder o sorriso largo, que distribuía democraticamente. Claudia estreou no teatro profissional em 1978, como a prostituta Mimi Bibelô, na peça *Ópera do Malandro,* de Chico Buarque. Levada para a televisão, fez imenso sucesso com algumas das grandes personagens da comédia. A partir de 1990 viveu a saliente Dona Cacilda, na *Escolinha do Professor Raimundo,* de Chico Anysio, e seu impagável bordão: "Beijinho, beijinho, pau, pau". Em 1996 explodiu como a doméstica Edileuza, do programa *Sai de Baixo,* em permanente conflito com Caco Antibes, interpretado por Miguel Falabella. "Era uma comediante muito refinada e, ao mesmo tempo, muito popular", diz Falabella.

Claudia costumava dizer que soube de seu caminho, que parecia inevitável, já na infância. "Sempre fui palhaça, sempre. No colégio de freira me pagavam um chocolate, uma bala, para eu não deixar de ir na aula de religião, porque quando eu ia era um divertimento só", lembrou. Profissional dedicada, ela mergulhava em cada nova empreitada como se fosse a última, mesmo com a saúde fragilizada. Ela morreu em 20 de agosto, aos 63 anos, no Rio, de insuficiência cardíaca.

RICARDO BORGES/FOLHAPRESS

VARIEDADE Claudia Jimenez: na pele de Dona Cacilda e de Edileuza

FRANKA BRUNS/AP/IMAGEPLUS

ÍCONE Vrubel e a pintura de Brejnev e Honecker no Muro: arte com história

O BEIJO MORTAL DE BERLIM

Poucas imagens representam tão claramente os anos de euforia que se sucederam à queda do Muro de Berlim, em 1989, do que o colorido beijo entre o líder soviético Leonid Brejnev e seu par da Alemanha Oriental, Erich Honecker. Em 1990, o artista russo **Dmitri Vrubel** foi um dos 117 artistas de 21 países convidados a criar trabalhos em um trecho ainda em pé da infame muralha. Ele recriou, então, uma foto em preto e branco do carinho entre os dois mandachuvas do comunismo — e o que nascera burocrático, registro de um encontro da dupla, virou ícone pop. Debaixo da ilustração, o artista escreveu: "Meu Senhor, me dê forças para sobreviver a esse amor mortal". Vrubel morreu em 14 de agosto, aos 62 anos, em Berlim, de complicações da Covid-19. ■

O LEVIATÃ BISBILHOTEIRO

“GOLPE foi soltar o presidiário!”, diz um dos membros do agora famoso grupo dos “golpistas do WhatsApp”. Outro integrante mira no STF: “A Corte age à revelia da Constituição!”, diz e conclui: “Até quando vamos assistir o abuso prevalecer?”. A frase mais grave veio na forma de um desejo: “Prefiro um golpe à volta do PT”. Ele parece falar de variações do modelo chinês, que junta autoritarismo com mercado, e engata: “Ninguém vai deixar de fazer negócios com a gente”. Por fim, alguém arrisca uma digressão whats-filosófica, dizendo que “a espécie humana sempre foi violenta”, e que seria “uma utopia pensar que as coisas sempre se resolvem ‘na boa’”.

É o Brasil em transe. Não por essas frases desconexas, algumas com o lamentável traço autoritário, aliás, ditas aos milhares no universo cacofônico das redes, dos bares, dos clubes, nos jogos de *beach tennis* Brasil afora. O transe é estarmos em meio a uma campanha presidencial discutindo essas coisas. Mais estranho ainda é que alguém tenha mobilizado o aparato repressivo do Estado, bloqueado contas, quebrado sigilos, em razão dessa fraseologia whatsappiana. Talvez porque deixamos que tudo fosse longe demais. Transformamos em questão de Estado alguém dizer, em um grupo fechado, que sonha com o Brasil governado como uma grande comunidade Osho, ou por um ditador como Trujillo, do romance de Vargas Llosa, ou quem sabe ainda pelos irmãos Castro. Do meu ponto de vista, isso tudo é uma grande bobagem, ainda que seja um direito de as pessoas pensarem assim.

STEFANO BIANCHETTI/CORBIS/GETTY IMAGES

LIMITES A criatura que simboliza o Estado controlador: presença exagerada

O problema é isso se tornar um crime, sob o ponto de vista do Estado brasileiro. Em primeiro lugar, porque o único ponto de vista aceitável para o Estado é o que está escrito na Constituição e nas leis. E não há rigorosamente nada ali que torne crime algum cidadão manifestar preferência por esse ou aquele modelo político. O que as nossas leis fazem é criminalizar a “ação de grupos armados” contra a ordem constitucional, como está escrito na Constituição, ou “tentar depor, por meio de violência ou grave ameaça”, o governo legitimamente constituído, como se lê no Código Penal.

Nossos legisladores foram sábios. Sua preocupação foi estabelecer limites claros e objetivos para a ação repressiva do Estado sobre os cidadãos. E mais: confiar que os agentes de Estado teriam a sabedoria de não dispor desse poder de modo trivial. Que saberiam distinguir entre um punhado de palavras expressando a preferência de alguém por viver sob uma ditadura, seja ela qual for, em um grupo pessoas, e um chamado à ação subversiva que possa representar um risco crível às instituições. É evidente que nada disso se verifica nesse episódio triste. Mesmo o participante que expressa de maneira mais nítida o seu desejo de ditadura não faz uma ameaça. O que ele faz essencialmente é cogitar, e “não há crime de cogitação”, como explica, elegantemente, o ex-ministro do STF Marco Aurélio Mello.

A liberdade de expressão não é um bem secundário nas democracias. Não por acaso, os americanos colocaram sua proteção irrestrita como o primeiro princípio da Declaração de Direitos, na Constituição. O.k., somos do Sul, somos latinos, temos duas di-

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

taduras nas costas poluindo nossa cabeça, somos uma democracia precária sob muitos aspectos, e não pertencemos à tradição do Bill of Rights. Tudo isso é verdade. Mas também nós fizemos uma opção pela liberdade de pensamento como um valor essencial na Carta de 1988. Só que agora parecemos ter esquecido. É disso que se trata o presente episódio. Algo que vai além da liberdade de expressão. Não o direito de expressar uma opinião em público, mas de fazê-lo em um espaço privado. Não de falar no Facebook, mas no espaço da casa, do grupo, da mesa de bar. Direito de expressar visões, inclusive, contrárias à Constituição. Ideias que digam, por exemplo: "Não gosto desta Constituição, gostaria de outra, semelhante à da Venezuela ou do Reino do Butão". Isto pelo fato de que não temos, graças ao bom Deus, uma "Constituição do pensamento" no Brasil. Temos uma Carta ordenando instituições e assegurando direitos, ao invés de dizer o que as pessoas estão tituladas a pensar ou a deixar de pensar.

A modernidade liberal se fez exatamente no reconhecimento dessa fronteira por vezes visível, através das leis, e por vezes invisível, pela força da cultura cívica, entre as esferas pública e privada da vida social. Da esfera da liberdade regulada positivamente pelo Estado, e dos espaços da intimidade, cuja regra é a liberdade negativa, ou como não impedimento externo. A distinção vem do grande Isaiah Berlin. Ele nos lembra que nenhuma sociedade é livre se não souber reconhecer "que há áreas limitadas, onde os homens devem ser invioláveis". A esfera do gosto, do pensamento, do desejo, da opinião, das crenças. Pois é isso, no fundo, que está em jogo. No Brasil, já admitimos que um órgão de Estado tutele a opinião; aceitamos que puna pessoas em nome da verdade. Agora ensaiamos aceitar que seu poder não se restrinja aos espaços tradicionais da liberdade de expressão, mas se projete sobre as esferas da intimidade. Espaços em que o grande panóptico instalado no coração do Estado parecia não alcançar, mas agora alcança. Na prática, já havíamos admitido o delito de opinião no espaço público. Agora inventamos o delito de opinião no espaço privado.

O resultado é o medo. Algo que me fez lembrar da leitura de um livro monumental: *O Fim do Homem Soviético*, da premiada escritora russa Svetlana Aleksiévitch. Ela nos conta como as cozinhas russas, durante gerações de famílias soviéticas, funcionaram como refúgio da intimidade. O lugar em que se podia falar dos livros proibidos, das ideias perigosas e, principalmente, "falar mal do governo, e não ter medo". Tudo com o cuidado de não ter "gente estranha" por perto, com o som ligado na sala, para abafar uma escuta, e com um travesseiro sobre o telefone, por via das dúvidas. Svetlana fala de um tempo absurdo, ao qual as pessoas iam se acostumando. Tomando cuidado, cochichando, aprendendo a driblar o Leviatã bisbilhoteiro. Relendo o seu relato, me dei conta da sorte que temos de viver em uma grande democracia, em que não precisamos cochichar, escondidos na cozinha. Mas também de como tudo pode ser frágil. Sobre como é preciso prestar atenção a certos princípios, para que tudo não escoe pelo ralo, sem a gente sequer perceber. ■

> **"A liberdade de expressão não é um bem secundário nas democracias"**

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

JORNAL NACIONAL
Durante a entrevista com o presidente Jair Bolsonaro na segunda 22, o programa registrou a maior audiência desde o início da pandemia.

VIAGENS DE ÔNIBUS
No primeiro semestre deste ano, o movimento de passageiros cresceu 104%, segundo a ClickBus, empresa líder na comercialização de passagens pela internet.

A CASA DO DRAGÃO
A estreia da série derivada do universo de *Game of Thrones* registrou o maior índice de audiência da HBO Max para a América Latina.

DESCE

CRISTINA KIRCHNER
O Ministério Público argentino pediu doze anos de prisão para a vice-presidente, que é acusada de associação ilícita e fraudes contra o Estado durante o período em que esteve à frente do país, de 2007 a 2015.

FORD
O vazamento à imprensa de um plano de demissão de cerca de 3 000 funcionários (a maior parte deles nos Estados Unidos) derrubou o preço das ações da montadora.

GOLDMAN SACHS
O banco americano enfrenta ação coletiva por discriminar mulheres em salários e promoções.

FRANCK FIFE/AFP

“No ano que vem, vou me permitir olhar fora das seleções e ficar com a dona Rose, que é a minha esposa. Eu não sei quanto tempo ela vai ficar contente com isso.”

TITE, ao anunciar sua saída da seleção depois da Copa do Mundo, associada a um período sabático

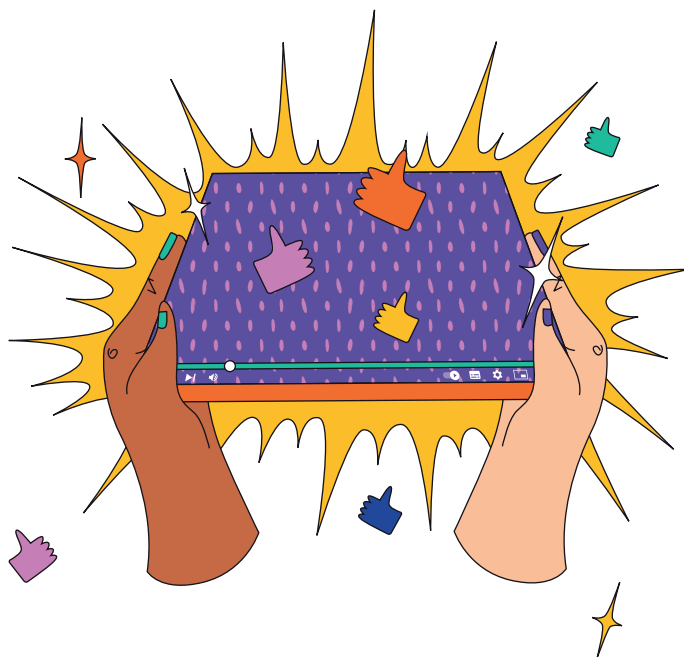
“Não vai ter outro Galvão na Globo, eu fazia tudo.”

GALVÃO BUENO, o faz-tudo, ao confirmar que deixará a emissora no fim do ano

“Você está me estimulando a ser ditador.”

JAIR BOLSONARO, em sabatina no *JN*, questionado a respeito de sua aliança com o Centrão

O entrevistador **WILLIAM BONNER** retrucou:

“Por favor, candidato, não, longe de mim”.

"A história não vai perdoar os que não defendem a democracia."

LUIX FUX, presidente do Supremo Tribunal Federal

"O Judiciário deu golpe ao soltar Lula, por que não pode dar na urna?"

CARLA ZAMBELLI, deputada bolsonarista do PL, batendo na tecla de sempre

"Mão de homem foi feita para trabalhar, fazer carinho em quem ama, nos seus filhos, não para bater em mulher. Quer bater em mulher, vá bater em outro lugar, mas não dentro da sua casa ou no Brasil, porque nós não podemos mais aceitar isso."

LULA, em gafe muito criticada, como se fora daqui fosse autorizado bater em mulher

"Não trocaria o que tenho hoje pela minha juventude. Não sofro por bobagem."

DEBORA BLOCH, atriz de 59 anos, estrela do filme *O Debate*, dirigido por Caio Blat

"Todos os escritores que falam a verdade são meus irmãos. Cada escritora que não se deixa comandar pelo medo é minha irmã. A coragem de Salman Rushdie diante do fascismo religioso é um exemplo para todos nós."

STEPHEN KING, escritor americano, ao condenar o absurdo atentado contra Rushdie, vítima de uma facada nos Estados Unidos

ESTEVAM AVELLAR/TV GLOBO

FELLIPE SAMPAIO /SCO/STF

CANETA Fachin: ação que limita compra de armas aguarda liminar do ministro

Preocupação real
Relator no STF de ações que tentam limitar a compra de armas, um tema vital nas hostes de Jair Bolsonaro, **Edson Fachin** recebeu apelos de colegas da Corte para que retome o julgamento do assunto, por meio de liminar, de modo a tentar conter uma escalada de violência na campanha.

Capital fortificada
Por falar em violência, será uma autêntica operação de guerra o esquema de segurança em Brasília no 7 de Setembro. Mais de 10 000 militares foram convocados para isolar a capital.

Daqui não passa
Barreiras serão montadas nos acessos a Brasília para impedir a entrada de caminhões. A ideia é evitar a bagunça vista no ano passado, quando caminhoneiros invadiram a Esplanada e lá ficaram dias a fio à espera do "golpe".

Distância preventiva
O ponto de parada dos ônibus com as comitivas bolsonaristas será no Estádio Mané Garrincha, a 5 quilômetros do STF. As barreiras para o público ficarão na frente do Itamaraty. Policiais infiltrados vão monitorar atos violentos na multidão.

Papo de amigo
Investigadores negam as especulações sobre conversas de Augusto Aras com empresários bolsonaristas da ação realizada pela PF. Aras, de fato, conhece a turma, mas os celulares apreendidos estão lacrados e protegidos por senha.

Canal aberto
Não é só com empresários bolsonaristas, aliás, que Aras conversa. Ele tem linha direta com Bolsonaro e seus ministros. Lindôra Araújo também recebe "zaps" de Bolsonaro com frequência na PGR, segundo auxiliares diretos.

Banho de loja
Com duas aposentadorias a caminho, o STF renovou o contrato com o alfaiate que faz as togas dos ministros. Cada veste custa 3 000 reais ao tribunal. O contrato anual, que inclui outros serviços, é de 14 500 reais.

Bye-bye, Brasil
A operação da PF nesta semana levou um dos empresários investigados a finalmente acatar os apelos dos filhos. Quando isso passar, ele vai se mudar para Miami — e sua fortuna vai junto.

Deu lucro
A operação da PF contra os empresários, aliás, fez a alegria de Bolsonaro *(leia a reportagem na pág. 34)*. No PL, dobrou o número de milionários que querem doar à campanha. "É um protesto contra o Moraes", diz um bolsonarista.

Tiro curto
Bolsonaro vai usar as inserções na TV de trinta segundos — aquelas no meio dos comerciais — para chamar Lula de ladrão. Já no horário político, falará de propostas para o segundo mandato.

Todo cuidado é pouco
Bolsonaro teve uma concessão atendida pela Globo na entrevista ao *JN*. A emissora permitiu que a segurança do presidente entrasse com armas de fogo no antigo Projac.

Água fria
Para Paulo Guedes, a viagem ao Rio não foi exatamente um passeio. No frio hotel de trânsito do Exército, o banho logo cedo veio com um amargo chuveiro gelado. "Eu devo ter cortado verba deles. Aí me puniram", brincou Guedes no voo da volta.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia e Lucas Vettorazzo

Passando fome
Não é a primeira vez, aliás, que o ministro passa perrengue com os militares. Outro dia, num voo mais demorado, deixaram Guedes sem refeição.

Na estrada
Simone Tebet prepara uma agenda de viagens para passar uma semana percorrendo o Nordeste. Quem organiza o roteiro é Tasso Jereissati. Até agora ela tinha focado no Sul e Sudeste.

Baixo impacto
Ciro Gomes foi bem no *JN,* mas o impacto no Google (27 pontos) foi muito abaixo do de Bolsonaro (100 pontos) e distante do aquecimento de Lula, na quarta (36 pontos), para a entrevista.

Homem de família
A milionária declaração de bens de Lula no TSE registra dois empréstimos feitos pelo petista. Um deles, de 200 000 reais, foi para **Janja.** Ele também passou 50 000 reais a um dos filhos.

TWITTER @JANJALULA

AGRADO DO MARIDÃO Janja: Lula emprestou 200 000 reais a sua mulher

Assinem, por favor
Maior associação de magistrados do país, a AMB de Renata Gil vai propor uma carta de compromissos a todos os presidenciáveis. O objetivo é "fortalecer a independência do Judiciário, a Constituição e a democracia".

"Bolsoneto" e "Luneto"
ACM Neto é um caso raro nesta campanha. O candidato ao governo da Bahia, segundo as pesquisas, tem votos nos dois lados da polarização.

Fiz o que pude
A turma de Alexandre Kalil andou cobrando Rodrigo Pacheco por não fazer campanha no estado. O chefe do Senado lembrou que abriu as portas de 600 prefeituras ao candidato do PSD.

Exílio italiano
Tratado como cabo eleitoral de Lula no agro, Blairo Maggi está, na verdade, longe. "Estou fora da eleição, na Itália. Só quero saber de vinho e pasta."

Pendura na parede
O acordo com o STF sobre o corte de 35% do IPI animou tanto a Economia que a equipe até mandou emoldurar o decreto publicado no *Diário Oficial.*

Auxílio na mão é vendaval
A Caixa de Daniella Marques já liberou o auxílio a 190 000 caminhoneiros e a 245 000 taxistas. Cerca de 60% deles já pegaram o dinheiro.

Poder feminino
O Caixa Pra Elas, canal do banco para mulheres denunciarem violência, assédio e buscarem crédito, bateu nesta semana os 11 milhões de acessos únicos.

INSTAGRAM @JADEPICON

MARÉ BOA Jade: a empresa agora funciona num prédio de luxo em SP

Histórias do czar
A Intrínseca vai reeditar *O Homem sem Rosto,* livro-reportagem sobre a ascensão de Vladimir Putin ao poder na Rússia. A obra de Masha Gessen foi lançada no Brasil há dez anos.

Alto padrão
Poderosa nas redes, **Jade Picon** adiou recentemente o plano de registrar uma linha de produtos de maquiagem. Os negócios, no entanto, vão bem. Ela acaba de transferir sua empresa, a JP.777 Produções, para um dos prédios mais luxuosos de SP, na Vila Olímpia. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

A MULTIPLICAÇ

CAIO GUATELLI/AFP

CAPA: MONTAGEM COM FOTO DE SHUTTERSTOCK

ÇÃO DE VOTOS

A POLÍTICA DA FÉ
Marcha para Jesus em São Paulo: a internet infla a força conservadora do eleitorado evangélico

Um levantamento inédito mapeia os influenciadores que mais mobilizam os evangélicos em favor de Bolsonaro. Seus seguidores, cerca de 100 milhões, podem definir o rumo da eleição

MAIÁ MENEZES E **RICARDO FERRAZ**

Um dos alicerces que sustentam as democracias liberais é a separação entre Igreja e Estado. O conceito, que revirou a ordem estabelecida, até então cimentada na interferência explícita da religião nos rumos das nações, nasceu nas revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII e ganhou força de lei na primeira emenda à Constituição dos Estados Unidos, em 1791. Ali se estabeleceu uma espécie de muro para apartar claramente duas das mais relevantes instituições das sociedades a favor da união de todos em torno da identidade nacional. A engenhosidade do modelo fez com que ele se espalhasse por quase todo o Ocidente, inclusive o Brasil, onde a Constituição de 1891 estabeleceu nítida divisão entre fé e poder, tema da Carta ao Leitor desta edição.

Esse marco civilizatório, no entanto, vê-se aqui, nesta antevéspera de eleição presidencial, mais ameaçado do que nunca. Ao repetir à exaustão que Deus está "acima de todos", o presidente Jair Bolsonaro inflou o fervor com que o rebanho evangélico defende um governo regido pela intervenção divina e despertou um exército de influenciadores dispostos a tudo para garantir sua reeleição.

Por mais que seja garantida pela lei, a divisão Igreja-Estado, na prática, nem sempre é respeitada, inclusive nos pioneiros Estados Unidos, onde *In God We Trust* ("Em Deus nós confiamos") é lema oficial e aparece impresso nas cédulas de dólar. No Brasil, a fronteira sempre foi atravessada por crucifixos nas instituições

1º

PASTOR ANTONIO JUNIOR,
38 anos

INTERAÇÕES* 56,5 MILHÕES

SEGUIDORES 20,6 MILHÕES

FILOSOFIA

"DEUS TEM UM PLANO PARA TRANSFORMAR O BRASIL, MAS É PRECISO QUE PESSOAS COM TEMOR AO SEU NOME ESTEJAM NO PODER"

* O ranking considera a capacidade de engajamento, que se traduz em compartilhamentos, comentários e curtidas no Instagram, YouTube e Facebook

públicas, missas em eventos oficiais e uma discreta, mas potente pressão da Igreja Católica em torno de seus dogmas. As eleições do século XXI introduziram na receita o eleitorado evangélico, barulhento, com feições próprias e em franca expansão — atualmente, é representado por 183 deputados, dos 513 da Câmara, que compõem a Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Esse grupo frequentemente se instala ao lado do presidente que se declara católico, mas vive aparecendo em cultos e marchas por Jesus (nove só no último mês). No cenário político polarizado de hoje, em que o debate de propostas é sufocado pelo debate ideológico, pastores e blogueiros de igrejas dedicam-se de corpo e alma a ajudar Bolsonaro a diminuir a distância de Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas.

Levantamento realizado com exclusividade para VEJA pela Casa Galileia, instituto que promove estudos e iniciativas para fortalecer a democracia entre católicos e evangélicos, mapeou o perfil dos influenciadores religiosos que mais se envolvem na campanha de reeleição de Bolsonaro e mais provocam apoio em seu público. Os resultados são impressionantes. Os dez perfis evangélicos com mais engajamento do Brasil, cujos titulares ilustram as páginas desta reportagem, têm 105 milhões de seguidores no YouTube, Facebook e Instagram e as interações, na forma de compartilhamento, comentários e *likes,* passaram de 180 milhões nos últimos oito meses — uma média de 22,8 milhões por mês. No topo da lista figura o pastor Antonio Junior, da Igreja Batista Reformada Aliança do Calvário, que, no afã de atrelar ser cristão a ser eleitor de Bolsonaro, computa mais de 56 milhões de respostas de seguidores à sua pregação. Em seguida vem o pastor Deive Leonardo, da "independente" Reviver, com 17 milhões de interlocuções, prova do alcance de sua franca defesa de um Estado atado umbilicalmente à igreja.

No ranking repleto de desconhecidos do grande público, uma das exceções é o quarto lugar, de Damares Alves, ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, hoje candidata a senadora e uma potência nas redes sociais evangélicas. "Eu sou pop. Sou a rainha das tias do zap. Esses meninos todos aprenderam comigo", declara, sem falsa modéstia. Famoso em seu meio, o pastor André Valadão (sétimo lugar), à frente da Igreja Batista da Lagoinha, que tem sede em Belo Horizonte, recebeu recentemente Jair e Michelle Bolsonaro no púlpito e bradou "O Brasil é do Senhor Jesus", enquanto abençoava o

A FORÇA DO PÚLPITO

Enquanto Bolsonaro está atrás de Lula no levantamento para a corrida presidencial, entre os evangélicos ele abriu uma boa diferença nos últimos três meses

INTENÇÃO DE VOTO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

INTENÇÃO DE VOTO NO SEGMENTO EVANGÉLICO

Fonte: *Datafolha*

2º

PASTOR DEIVE LEONARDO,
32 anos

INTERAÇÕES 17 MILHÕES

SEGUIDORES 21,6 MILHÕES

FILOSOFIA
"FELIZ É A NAÇÃO CUJO DEUS É O SENHOR"

3º

TIAGO BRUNET,
41 anos

INTERAÇÕES 14,4 MILHÕES

SEGUIDORES 9,1 MILHÕES

FILOSOFIA
"A BÍBLIA É UM MANUAL PARA O SER HUMANO"

4º

DAMARES ALVES,
58 anos

INTERAÇÕES 8,6 MILHÕES

SEGUIDORES 19,9 MILHÕES

FILOSOFIA
"NÃO É A POLÍTICA QUE VAI MUDAR ESTA NAÇÃO, É A IGREJA"

casal. “Trata-se de uma ala religiosa rompida com a defesa do Estado laico. Ela quer participar do poder por meio da influência da fé na promoção de políticas públicas conservadoras”, diz Flávio Conrado, doutor em antropologia pela UFRJ.

Dispondo de linha direta com o universo evangélico, que reúne entre 27% e 31% do eleitorado e que pode ser decisivo nas urnas, os *influencers* da linha pentecostal inundam as redes de alertas para a “ameaça da esquerda”, uma expressão vaga que engloba legalização das drogas e do aborto e extinção dos valores tradicionais e da família cristã (composta de homem e mulher), entre outros “perigos” de inspiração supostamente satânica. Tem dado resultado. A diferença entre os dois candidatos nessa fatia do eleitorado, que segundo o Datafolha era de apenas 3 pontos porcentuais em maio, saltou para 17 a favor de Bolsonaro em agosto. Foi o segmento que mais se movimentou, contribuindo decisivamente para um aumento de 5 pontos nas intenções de voto no presidente entre o público em geral, enquanto Lula permaneceu estável *(veja o quadro na pág. ao lado).* “Nas eleições passadas, 70% dos evangélicos votaram em Bolsonaro. Reconquistar esse voto agora pode garantir que haja segundo turno”,

5º

SILAS MALAFAIA,
63 anos

INTERAÇÕES
7,8
MILHÕES

SEGUIDORES
8,52
MILHÕES

FILOSOFIA
“NÃO É PRECISO DIZER QUE LULA É O DIABO, HÁ TEMPOS O PT VEM MOSTRANDO SUA CARA”

BRUNA PRADO/AP/IMAGEPLUS

MODELO Michelle em passeata religiosa no Rio: a missão é convencer mulheres

avalia Felipe Nunes, diretor do instituto de pesquisas Quaest.

Um dos motores da popularidade de Bolsonaro entre os evangélicos atualmente é sua mulher, Michelle, devotíssima integrante da igreja batista Atitude, com sede no Rio de Janeiro, que demorou a entrar em cena — mas, quando entrou, produziu barulho. Michelle começou a fazer pequenas pregações quando frequentava a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, do pastor Silas Malafaia, onde realizava trabalho voluntário, e foi ganhando desenvoltura para falar a públicos maiores. Em seu primeiro discurso de campanha, afirmou que o Planalto, antes do expurgo espiritual bolsonarista, "era um lugar consagrado a demônios". "Ela nos surpreendeu, falou de improviso e deixou o PT desesperado", exagera Sóstenes Cavalcante, deputado federal (PL-RJ) e presidente da Frente Parlamentar Evangélica. A primeira-dama seria a arma nada secreta para o presidente se tornar mais palatável ao eleitorado feminino, onde patina. O foco de sua atuação está nas mulheres com renda até dois salários mínimos, a maior parte negra, que seguem religiões evangélicas mas nutrem uma imagem positiva da gestão petista por causa dos programas de ajuda financeira.

Michelle ainda não chega a ser um fenômeno nas redes — tem 3,3 milhões de seguidores no Instagram —, mas tem potencial para saltos extraordinários: no mês em que fez o discurso sobre os demônios conquistou 160 000 novos fãs. Os influenciadores digitais bolsonaristas, ao mesmo tempo que apresentam a primeira-dama como modelo de fé, contrapõem a ela a mulher de Lula, Rosângela da Silva, a Janja, associando-a a práticas "diabólicas" — no caso, uma alusão às religiões africanas, em flagrante preconceito e desafio à saudável laicidade do Estado. Grupos de WhatsApp das igrejas pentecostais viralizaram um tuíte em que Janja diz estar com saudade de "vestir branco e girar, girar, girar", como nos ritos do candomblé. Também houve compartilhamento massivo de Lula recebendo um "banho de pipoca", outro ritual dos terreiros.

A guerra santa virtual, como não podia deixar de ser, tornou-se uma poderosa máquina de disseminação de *fake news*. Sem nenhuma prova concreta, Marco Feliciano, pastor e deputado federal (PL-SP), espalhou que Lula pretendia, se eleito, fechar as igrejas evangélicas, inverdade que circula até agora nas redes. Outra ilação marcofeliciana é a de que, em um governo petista, o destino dos fiéis da sua igreja é a cadeia. "Em um ato com a presença de Lula na USP, chamaram as igrejas de máfia e ele não nos defendeu. Se para eles somos mafiosos, só podemos pensar que nos prenderão caso voltem ao poder", concluiu. (A título de esclarecimento: na ocasião, a urbanista Ermínia Maricato afirmou que as periferias das grandes cidades estão "dominadas por igrejas que fazem parte de uma máfia"). Na mesma linha, correm soltas imagens de Lula com Daniel Ortega, o

RICARDO STUCKERT

6º
MAGNO MALTA,
64 anos

INTERAÇÕES **7,2** MILHÕES
SEGUIDORES **3,97** MILHÕES

FILOSOFIA
"QUEREMOS MANTER VIVA A FAMÍLIA TRADICIONAL"

7º
ANDRÉ VALADÃO,
44 anos

INTERAÇÕES **7,1** MILHÕES
SEGUIDORES **11,12** MILHÕES

FILOSOFIA
"O BRASIL É DO SENHOR JESUS"

8º
NIKOLAS FERREIRA,
26 anos

INTERAÇÕES **7,1** MILHÕES
SEGUIDORES **4,8** MILHÕES

FILOSOFIA
"O ESTADO É LAICO, MAS NÃO PODE SER ATEU"

CONTRAPONTO Janja: a mulher de Lula virou alvo dos pastores por simpatizar com o candomblé

ditador da Nicarágua que recentemente prendeu um bispo católico. "É na eleição que o pau come", diz Malafaia, pastor com 8,5 milhões de seguidores em três redes monitoradas. "A esquerda nos ataca e quer que fiquemos quietos?"

Do outro lado da trincheira, a estratégia petista para responder à cruzada evangélica ensaia sair da defensiva. Inicialmente, Lula limitou-se a repetir que não era candidato de uma "facção religiosa" e recorreu à linguagem bíblica para alfinetar Bolsonaro, comparando-o aos fariseus. "Lula resiste a entrar em templos ou misturar comício com pregação. Mas existe, sim, uma preocupação com o impacto nas urnas do eleitorado evangélico, em sua maioria conservador", diz um integrante da coordenação da campanha. Para rebater o exército digital adversário, Lula gravou um vídeo, a ser exibido no horário eleitoral e comerciais, negando que vá fechar igrejas, acompanhado de depoimentos positivos de mulheres evangélicas.

O partido, que nas eleições presidenciais de 2002 e 2006 esteve muito próximo dos evangélicos, desenvolveu agora sites exclusivamente voltados para os fiéis pentecostais, em que veicula mensagens afirmando que Lula jamais perseguiu os cristãos. Católico fervoroso com boa interlocução entre os pastores, Geraldo Alckmin, candidato a vice, foi escalado para ajudar a minimizar os estragos e tem mandado vídeos para os líderes religiosos realçando os pontos fracos do governo Bolsonaro, como o desemprego e a inflação alta. Outro reforço de peso é o pastor Paulo Marcelo Schallenberger, um dos poucos da Assembleia de Deus a debandar para a esquerda. Ele está insistindo na realização de um ato religioso com a presença de Lula. "Temos de cantar louvores e falar uma linguagem que o público evangélico entenda", alega.

O caminho para a redenção, porém, é cheio de percalços. O maior é a mitologia bolsonarista de que seu candidato é ungido pela graça divina. "Bolsonaro explora a idewia, muito disseminada entre os evangélicos, de que Deus capacita os escolhidos e ele é um deles", explica Lívia Reis, antropóloga e pesquisadora da UFRJ e do Instituto de Estudos da Religião. Se o eleitorado evangélico em peso estiver crente em outubro de que Deus é por Bolsonaro, quem será contra ele? ■

Com reportagem de Duda Monteiro de Barros

9º

LAMARTINE POSELLA,
61 anos

INTERAÇÕES 5,2 MILHÕES

SEGUIDORES 3,8 MILHÕES

FILOSOFIA
"VIVEMOS EM UM TEMPO EM QUE O MARXISMO CULTURAL ERRADICA A FÉ JUDAICO-CRISTÃ"

10º

RAFAEL BITENCOURT,
40 anos

INTERAÇÕES 6,2 MILHÕES

SEGUIDORES 1,7 MILHÕES

FILOSOFIA
"O BRASIL VIVE UMA CLARA GUERRA POLÍTICA E ESPIRITUAL"

DOUGLAS MAGNO/AFP

ESTRATÉGIA Bolsonaro: prioridade para as realizações do governo e denúncias de corrupção contra Lula e o PT

FOI DADA A LARGADA

Ao contrário de 2018, os debates, as entrevistas e os programas eleitorais voltam a ter protagonismo, serão fundamentais para revelar o que pensam os candidatos e podem até definir a eleição **DANIEL PEREIRA** E **MARCELA MATTOS**

É INEGÁVEL a influência da televisão nas campanhas presidenciais realizadas após a redemocratização. O PT reclama até hoje da edição do último debate na TV, em 1989, entre Lula e Fernando Collor de Mello, que, segundo o partido, foi feito para prejudicar o petista. Em 2014, a propaganda eleitoral de Dilma Rousseff, comandada pelo marqueteiro João Santana, hoje a serviço de Ciro Gomes (PDT), dedicou minutos preciosos para desconstruir com mentiras a candidatura de Marina Silva, que despontava como uma ameaça à reeleição da então presidente. A estratégia deu certo: Marina perdeu musculatura, Dilma foi reeleita, e as feridas daquela ofensiva ainda não cicatrizaram, tanto que Marina resiste a declarar apoio a Lula na atual campanha. Em oito eleições diretas desde o fim da ditadura militar, o poder da TV só foi posto em xeque uma vez, em 2018, quando Jair Bolsonaro venceu por um partido nanico e com apenas oito segundos na propaganda eleitoral. Deputado do baixo clero, ele ganhou embalado pelas redes sociais, e sua consagração parecia um prenúncio de que a campanha televisiva perderia importância ou seria relegada a segundo plano. Nada disso ocorreu.

Em 2022, os presidenciáveis mais bem colocados nas pesquisas apostarão pesado na TV. Há consenso entre eles de que uma campanha, para ter sucesso, precisa combinar bem o material veiculado na televisão com as mensagens postadas nas redes sociais. Um meio tem de complementar o outro, até porque, em muitos casos, eles atingem públicos diferentes. Os próprios coordenadores da campanha à reeleição de Bolsonaro são

REPRODUÇÃO

TÁTICA Lula: promessas de combate à fome e críticas à política econômica

entusiastas dessa estratégia. À frente de uma coligação que reúne PL, Progressistas e Republicanos, o presidente terá a segunda maior fatia na TV entre os concorrentes *(veja o quadro na pág. 33).* Serão dois minutos e 38 segundos por bloco na propaganda eleitoral, além de 207 inserções ao longo da programação. Esse tempo será usado para atingir dois objetivos: vender as realizações do governo, como o novo valor do Auxílio Brasil e a recente redução do preço da gasolina, e insuflar o antipetismo, rememorando denúncias de corrupção contra Lula e o PT.

Por mais que prefira as redes sociais, Bolsonaro está comprometido com o projeto de buscar votos na TV. Na última segunda-feira, 22, o presidente abriu uma rodada de entrevistas do *Jornal Nacional,* da Rede Globo, com os quatro candidatos mais bem colocados nas pesquisas. Durante o programa, Bolsonaro defendeu sua atuação na pandemia, reconhecidamente negacionista, traçou um cenário otimista na economia e evitou confrontos com representantes de outros poderes e com os entrevistadores. Uma parte de seus assessores disse que o resultado foi bom porque o chefe manteve o equilíbrio e, assim, não se afastou do eleitor indeciso, que quer moderação e está cansado de sua retórica beligerante. Antes da entrevista, havia o temor de que o presidente se irritasse e até deixasse a bancada ou que partisse para cima da emissora caso fossem abordados os pagamentos de Fabrício Queiroz, o operador da rachadinha, à primeira-dama Michelle. O tema nem sequer foi tratado. “Foi extremamente positivo”, disse um ministro a VEJA. Essa análise não é consensual.

Para outros assessores, Bolsonaro perdeu uma oportunidade de ouro para encurtar a desvantagem em relação a Lula, já que o *Jornal Nacional* é líder de audiência em horário nobre na TV aberta.

“Foi um zero a zero perdendo pênalti”, lamentou um aliado do presidente. As intenções de voto trazidas pela televisão são um grande desafio para a campanha à reeleição. Pesquisa Genial/Quaest divulgada em 17 de agosto mostrou que 44% dos entrevistados se informam sobre política pela televisão, 25% pelas redes sociais, 17% por rádio, jornais impressos e WhatsApp, e 10% por sites, blogs e portais de notícias. Na estratégica faixa de renda de zero a dois salários mínimos, a fatia da TV é ainda maior, de 50%, enquanto a das redes sociais cai para 22%. Entre quem se informa sobre política pela televi-

DIVULGAÇÃO

REVERSÃO Tebet: a candidata do MDB, desconhecida por 70% do eleitorado, acredita que a TV pode mudar esse quadro

são, Lula tem 52% das intenções de voto e Bolsonaro marca 25%. Já entre aqueles que se informam pelas redes sociais, Bolsonaro lidera por 47% a 37%. Ou seja: o presidente precisa ganhar terreno na televisão.

O plano para isso já está traçado e é tocado por uma equipe profissional de comunicação e marketing, com direito a gravações em estúdio de ponta — muito diferente do que aconteceu na eleição passada. Com as propagandas na TV, Bolsonaro quer resgatar os eleitores "arrependidos", um contingente de 15% que votou nele em 2018 e tem forte inclinação antipetista, mas agora busca outro candidato. Hoje, esse grupo estaria menos sensível aos arroubos, lacrações e despautérios do presidente. A forma de trazê-lo de volta será repetir na propaganda eleitoral o "Bolsonaro do *Jornal Nacional*", mais contido e sereno, com acenos retóricos à estabilidade. Pelo roteiro traçado, as peças de TV também contarão com a participação da primeira-dama Michelle, considerada um ativo importante para conquistar votos entre as mulheres e os evangélicos, e destacarão a agenda de costumes e a defesa da família e da religiosidade. Boa parte dessa tática já está sendo testada no universo digital, numa prova de que haverá uma simbiose com a TV *(leia a reportagem na pág. 24).* A participação no *Jornal Nacional,* por exemplo, repercutiu imediatamente nas redes sociais. Segundo a Quaest, 9 milhões de pessoas foram impactadas com postagens sobre a entrevista durante a sua exibição. Do total de menções a Bolsonaro, 35% foram positivas e 65% negativas.

No quesito repercussão, o desempenho de Ciro Gomes foi melhor. Em sua quarta candidatura presidencial, o ex-ministro deu entrevista ao *Jornal Nacional* na terça-feira 23. Contrariando seu temperamento mercurial e sua propensão à arenga, ele

MARCOS SERRA LIMA/G1/AFP

RECALL Ciro: em terceiro lugar nas pesquisas, o pedetista terá 52 segundos

CAMPANHA NA TV

O tempo de cada candidato a presidente depende do tamanho de seu partido e de sua coligação. Quanto maior a legenda e sua aliança, mais minutos na propaganda eleitoral

LULA (PT)

3 minutos e 39 segundos

286 inserções

BOLSONARO (PL)

2 minutos e 38 segundos

207 inserções

SIMONE TEBET (MDB)

2 minutos e vinte segundos

184 inserções

SORAYA THRONICKE (UNIÃO BRASIL)

2 minutos e dez segundos

170 inserções

CIRO GOMES (PDT)

52 segundos

68 inserções

ROBERTO JEFFERSON (PTB)

25 segundos

33 inserções

FELIPE D'AVILA (NOVO)

22 segundos

29 inserções

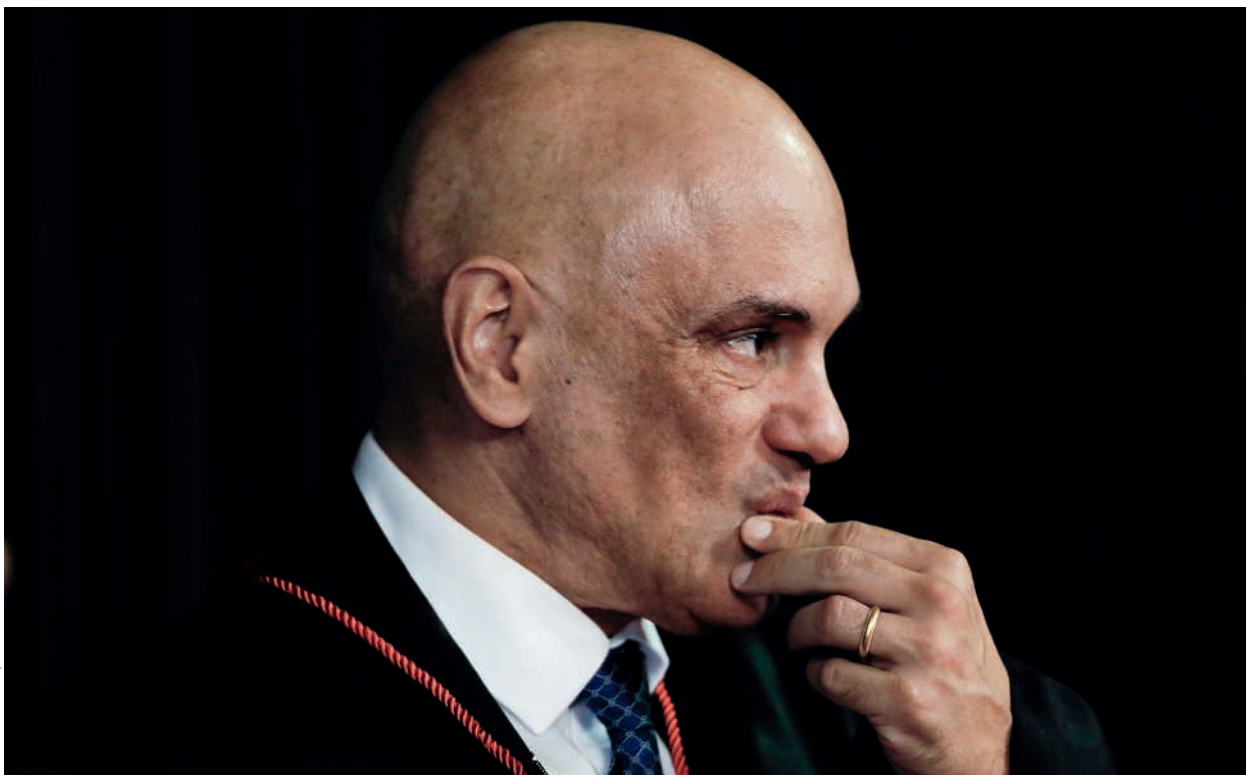
Fonte: *TSE*

NELSON ALMEIDA/AFP

NA ARENA Debates: em 2018, Bolsonaro sofreu o atentado e não foi a vários

se apresentou como um grande conciliador e vendeu uma série de propostas. Entre elas, taxar grandes fortunas para bancar um programa de renda mínima que pagaria 1 000 reais a 60 milhões de brasileiros. Durante a entrevista, 2 milhões de pessoas foram impactadas com postagens nas redes sociais, sendo que 54% das menções a Ciro foram positivas. O pedetista, que só terá 52 segundos na propaganda eleitoral, aproveitou a oportunidade para convidar o eleitor a conhecer seu canal de televisão na internet. Bem-humorado, brincou que concorrerá com a Globo. Também estavam previstas entrevistas de Lula e Simone Tebet (MDB), que ocorreriam após o fechamento desta edição de VEJA. Com apenas 2% de intenções de voto, a senadora conta com seu tempo na propaganda da TV, o terceiro maior entre os concorrentes, para se tornar mais conhecida — 70% do eleitorado não sabe quem ela é.

Suas peças apresentarão o seu currículo e terão como temas centrais a fome e o combate à pobreza. "Você não tem como comparar a Simone com o presidente Bolsonaro ou com o ex-presidente Lula, que são pessoas com grande capacidade de comunicação nas redes, muitos seguidores e uma movimentação muito grande de conversa sobre eles. Mas na televisão não é assim, e fica estabelecido um equilíbrio de forças e um diálogo mais democrático", diz Felipe Soutello, marqueteiro da senadora. A propaganda eleitoral na TV começa no próximo dia 26. Lula deu o tom de sua estratégia num vídeo divulgado nas redes sociais no dia 16, quando foi iniciada oficialmente a campanha. Nele, o petista promete lutar contra a fome e a alta da inflação, que desgastam a imagem do rival Bolsonaro. Como de costume, os dois líderes das pesquisas usarão suas peças para exaltar as próprias virtudes, reais ou imaginárias, e estimular a rejeição ao adversário. Outro ponto em comum: para fugir do contraditório, ambos pretendem participar de poucos debates na TV, reduzindo a possibilidade de comparação das biografias, ideias e propostas. Lula e Bolsonaro podem até se beneficiar dessa iniciativa, mas, se ela se confirmar, haverá um perdedor incontestável: você, eleitor. ■

CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

EXAGERO Moraes: autorização de buscas e congelamento de contas de empresários com base em conversas privadas

UM RISCO À PAZ

A polêmica operação contra um grupo de empresários reacende as desavenças entre o governo e o STF. Até aqui, quem saiu ganhando com essa história foi Bolsonaro

MARCELA MATTOS E **LARYSSA BORGES**

NA MANHÃ de quarta-feira 24, Jair Bolsonaro e seus principais assessores estavam visivelmente animados. O balanço da primeira semana de campanha, ao menos até aquele momento, tinha se mostrado altamente positivo. O desempenho do presidente na entrevista à Rede Globo foi considerado melhor do que o esperado e as pesquisas começaram a apontar um suave viés de alta em seus índices de intenções de voto. O principal motivo do entusiasmo, no entanto, veio de onde não se imaginava. Vinte e quatro horas antes, na terça-feira, agentes da Polícia Federal, autorizados pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, realizaram uma operação de busca nos endereços de oito empresários que trocavam mensagens através de um aplicativo, supostamente defendendo um golpe diante da possibilidade de o ex-presidente Lula vencer as eleições de outubro. Obrigados a entregar seus celulares, computadores e tablets, os empresários foram instados a prestar depoimento, tiveram os sigilos bancário e telemático quebrados e as contas nos bancos e nas redes sociais bloqueadas. Em teoria, o episódio representaria um desgaste para o governo, já que alguns dos investigados são notórios apoiadores do presidente. Também serviria como argumento para Bolsonaro retomar os ataques ao STF, particularmente a Alexandre Moraes, a quem já acusou de perseguição e xingou de canalha.

Não foi o que aconteceu. Na mesma terça-feira, com a operação policial ainda em andamento, o presidente participou de um almoço com alguns dos mais importantes empresários do país. O assunto, claro, dominou as rodas de conversa. Bolsonaro ouviu reclamações e foi perguntado diversas vezes sobre um provável exagero na decisão de Moraes. A inquietação, em síntese, era derivada de um receio de que o ministro, ao autorizar buscas e quebra de sigilo bancário a partir de mensagens privadas sem evidências claras de prática de algum ilícito, estaria lançando mão de métodos similares aos utilizados na Lava-Jato. Alguns empresários, acertadamente, ponderaram que investidas de força como

ANA PAULA PAIVA/VALOR/FOLHAPRESS

EDUARDO MARQUES/TEMPO EDITORIAL

ALVOS Meyer Nigri e Luciano Hang: diálogos sobre "golpe" resultaram na apreensão de celulares, computadores e tablets

essa criam um clima de instabilidade no mercado, afetam o ambiente de negócios e, em último caso, podem até levar empresas à bancarrota — o que, de fato, aconteceu com as empreiteiras Odebrecht e OAS. Mais contido do que o normal *(veja a matéria na pág. 30)*, o presidente comentou apenas que, até onde sabia, a ação policial parecia desproporcional e lembrou que suas críticas ao STF miravam exatamente essas intervenções controversas. "Os empresários perceberam que amanhã qualquer um pode ser envolvido num enredo parecido, e nem precisa ser bolsonarista", disse um auxiliar do presidente que acompanhou a reunião. Em razão disso, segundo esse mesmo auxiliar, Bolsonaro obteve a solidariedade de representantes de um setor eleitoralmente influente mas refratário à sua reeleição — daí o entusiasmo.

As mensagens que provocaram a decisão de Alexandre de Moraes, reveladas pelo site Metrópoles, foram postadas num grupo de WhatsApp criado no ano passado e do qual fazem parte expoentes do bolsonarismo, como Luciano Hang, dono da rede de lojas Havan, o empreiteiro Meyer Nigri, fundador da Tecnisa, o dono do grupo Coco Bambu, Afrânio Barreira, o proprietário do shopping Barra World, José Koury, além de empresários como Ivan Wrobel, da W3 Engenharia, Marco Aurélio Raymundo, das lojas Mormaii, e José Isaac Peres, da Multiplan. Nos diálogos, um diz preferir "golpe do que a volta do PT", outro pondera que "golpe foi soltar o presidiário", se referindo ao ex-presidente Lula, e um terceiro afirma que "o golpe teria de ter acontecido nos primeiros dias de governo". As mensagens também versavam sobre teorias conspiratórias envolvendo a manipulação do resultado das eleições. "Todo esse desserviço à democracia dos três ministros do TSE/STF faz somente aumentar a desconfiança de fraudes preparadas por ocasião das eleições. O Datafolha infla os números de Lula para dar respaldo ao TSE por ocasião do anúncio do resultado eleitoral", escreveu Meyer Nigri, um dos empresários mais próximos ao presidente.

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

INTRIGA Augusto Aras: troca de mensagens com um dos investigados

Desde 2019, Alexandre de Moraes conduz inquéritos que apuram a ação de supostas milícias digitais e a disseminação de notícias falsas e ataques às

instituições democráticas. A investigação, sigilosa, já levou à prisão militantes bolsonaristas que promoveram manifestações em defesa do fechamento do Supremo e blogueiros que faziam pregações golpistas — medidas que encontram total amparo na legislação e serviram para conter uma escalada de investidas concretas contra o Poder Judiciário. A decisão do ministro autorizando as buscas e a quebra do sigilo bancário dos empresários, porém, dividiu juristas. Para alguns, as medidas podem se justificar caso, além dos desatinos escritos, existam mais informações sobre um financiamento de manifestações ou campanhas digitais por parte dos empresários. Para a maioria, porém, o ministro pode ter se excedido — o que reforça o temor de um Estado excessivamente punitivo, que ultrapassa limites constitucionais se assim o desejar. A rigor, as mensagens dos empresários não sugerem um movimento orquestrado ou um crime que levasse ao bloqueio de seus patrimônios. Vários ali naquele grupo nem sequer concordaram com as opiniões escritas pelos colegas. Ou seja: até aqui, foi um risco desnecessário a um importante armistício. Mas, como as investigações são protegidas por segredo (ninguém além de Moraes tem acesso ao processo), não se sabe se há outros fatos ou circunstâncias que justifiquem a decisão.

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

ALAN SANTOS/PR

BOM SENSO Jair Bolsonaro: o presidente tem evitado críticas ao Supremo

A polêmica aumentou ainda mais depois que a Procuradoria-Geral da República se manifestou formalmente sobre o caso. Na quarta-feira, a vice-procuradora-geral Lindôra Araújo afirmou, em recurso ao STF, que "da cópia da decisão, não se vislumbra, de início, presença de autoridade com prerrogativa de foro a ensejar atuação do Supremo Tribunal Federal, nem se verifica quais seriam os elementos já colhidos na investigação em curso que corroborariam a necessidade das medidas constritivas adotadas" contra os empresários. Em outras palavras, para que se configurasse crime de abolição do estado democrático de direito, como cogitado por alguns, seria necessário ter havido violência ou grave ameaça às instituições, o que, pelas mensagens que vieram a público, não está nem de longe demonstrado. Segundo interlocutores de Alexandre de Moraes, o sigilo da decisão que determinou as buscas contra bolsonaristas "somente será levantado quando não houver mais risco de prejuízo à investigação". Para botar mais lenha na fogueira, o site Jota noticiou que a polícia encontrou nas buscas uma troca de mensagens entre o procurador-geral Augusto Aras e um investigado — o que, em princípio, também não significa absolutamente nada além de intriga. Aras e Meyer Nigri são amigos de longa data.

Alexandre de Moraes já disse a interlocutores que não acredita no risco de um golpe de Estado e até se diverte com o temor que o inquérito sob seu comando provoca no presidente da República e em alguns auxiliares do governo. Tanto que, no início deste mês,

ARRUACEIROS Manifestantes que pediam o fechamento do STF e ameaçavam os ministros: presos

Paulo Guedes, o chefe da Economia, fez chegar ao ministro uma proposta de trégua. O presidente cessaria os ataques ao STF e, em contrapartida, Moraes concluiria as investigações que se arrastam há mais de três anos. Não houve um acordo, mas, para mostrar que existia algum entendimento, Moraes foi ao Palácio do Planalto entregar em mãos ao presidente o convite para a cerimônia de sua posse no Tribunal Superior Eleitoral. Bolsonaro, por sua vez, garantiu presença na solenidade. Na entrevista à Rede Globo, o presidente foi questionado sobre os xingamentos ao ministro. "Hoje, ao que tudo indica, está pacificado. Espero que seja uma página virada", respondeu, emitindo mais um sinal de que a bandeira branca continuava estendida. O presidente não sabia que, naquele instante, a ordem de busca contra os empresários já estava autorizada pelo ministro. E jamais imaginou que algo assim pudesse acabar gerando dividendos a seu favor. ■

ALON FEUERWERKER

BOXE SEM PROGRAMA

Os candidatos continuam imunes às cobranças do que importa

DEBATES e entrevistas duras em disputas eleitorais são como lutas de boxe. O primeiro objetivo é não ser nocauteado. Por isso, saber defender-se é tão ou mais importante quanto saber atacar. Melhor ainda quando se consegue encaixar um contragolpe e marcar uns pontinhos.

Nocautes são raríssimos em entrevistas e debates eleitorais. A regra é a luta acabar em uma discussão sobre quem ganhou por pontos, com a vantagem de não haver juízes para decidir. Cada lado é livre para tentar impor sua narrativa.

Nem o resultado final da eleição serve de veredicto a respeito de quem "ganhou o debate". Sempre haverá quem recorra a grupos focais, a medições nas redes sociais, a pesquisas quantitativas. Mas nunca será definitivo. Sempre haverá viés.

Então, qual deve ser o objetivo principal de quem entra nesse ringue? Simples: fazer seu eleitor orgulhar-se dele. Para armá-lo, o seu eleitor, de argumentos na batalha por novos votos e nas refregas com eleitores adversários.

Debates não costumam acabar em nocautes, mas eleições sim. E o exército que luta com mais vontade e convicção tem um "plus a mais" na busca da vitória.

Líderes políticos são medidos, em última instância, pela capacidade de conduzir os liderados à vitória. Pouco mudou a esse respeito desde sempre. O chefe da tribo não é julgado pelos seus atributos morais, mas pelo talento para chefiar na guerra pela sobrevivência e sucesso material.

Daí que os valores na política tenham peculiaridades.

A tão glamorizada coerência pode eventualmente levar a desastres. Na política, desdizer hoje o que foi dito ontem não necessariamente é pecado. Se a mudança puder ser vendida ao público como uma alteração de rota indispensável para a vitória, será absorvida e até saudada.

E a insistência no erro, por coerência, é pecado capital quando coloca a tribo em perigo. Situação em que o líder corre o risco de ser guilhotinado, real ou metaforicamente, pelos dele.

A eleição presidencial deste ano é peculiar por estar na prática monopolizada, até o momento, entre dois políticos que exibem como principal atributo precisamente a liderança tribal. Em terceiro vem um personagem na sua quarta tentativa de chegar à Presidência, sempre defendendo uma fatia em torno de 10% dos votos válidos.

> **"Na política, desdizer hoje o que foi dito não necessariamente é pecado. Se a mudança puder ser vendida como indispensável para a vitória, será até saudada"**

Tal circunstância acaba reforçando precisamente o escrutínio das capacidades do líder, ou candidato a líder, deixando nas sombras o julgamento do que, afinal, cada um deles pretende fazer com o país. É rotineiro nas eleições brasileiras, mas desta vez o traço anda bem exacerbado.

Mesmo nas raras abordagens ditas "programáticas", os contendores buscam reforçar antes de mais nada seu "preparo" e clarividência. No que são facilitados pelo até agora aparente desinteresse do jornalismo em aprofundar e destrinchar os caminhos de cada um para tratar dos assuntos da vida prática dos cidadãos.

É confortável para os boxeadores, que vislumbram para o vencedor um cheque em branco. Pode até ser ilusão deles nesta nossa República retalhada pelos diversos núcleos de poder. Mas não deixa de ser apetitoso. ■

RICARDO STUCKERT

NOVA PAIXÃO Lula: após criticar brasileiro de classe média, petista dará visibilidade a propostas para atrair esse eleitor

SONHO DE CONSUMO

Lula prepara uma ofensiva para reconquistar a classe média, que viveu uma forte expansão em seus governos, mas que hoje se inclina em direção a Bolsonaro **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

LÍDER DAS PROJEÇÕES de intenção de voto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) derrapou feio em alguns discursos entre a pré-campanha e a largada da disputa presidencial. Falando quase sempre de improviso, como se acostumou em cinco décadas de carreira política, já se indispôs com eleitorados importantes por causa de suas gafes. Uma delas atingiu em cheio a classe média: em abril, na Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT, em São Paulo, ele declarou que essa parcela da sociedade brasileira “ostenta um padrão de vida que nenhum lugar do mundo a classe média ostenta”. Com a repercussão negativa, Lula criou um problema a ele, porque, apesar de ter encolhido na pandemia, essa faixa ainda representa 41% do eleitorado, segundo projeção do Datafolha. Problema maior ainda porque terá de se voltar a ela agora, já que seu principal adversário, o presidente Jair Bolsonaro (PL), ensaia uma recuperação nas pesquisas, em boa parte amparado pelo avanço nesse segmento.

O trabalho não será fácil porque a performance de Bolsonaro nesse estrato do eleitorado é significativa. Entre os brasileiros que ganham de cinco a dez salários mínimos, por exemplo, o presidente tem 47% das intenções de voto contra 34% do petista, conforme o Datafolha. Já entre aqueles com renda entre dois e cinco salários mínimos, ele ultrapassou Lula em agosto *(veja o quadro na pág. 39)*. Apesar da gestão errática de Bolsonaro, o apoio das duas faixas ao presidente se mantém similar ao da véspera do primeiro turno de 2018, quando o então deputado marcou 41% entre dois a cinco salários mínimos e 51% na camada logo acima. Outro dado ruim para Lula: ao contrário da média nacional, a rejeição a ele nessas faixas supera a do seu oponente — entre quem ganha de cinco a dez salários mínimos, ela chega a 56%.

A cobiça petista pelos votos da classe média não se baseia tão somente no desempenho de Bolsonaro, mas também em uma pesquisa interna do PT, concluída há três semanas, que mostrou que há um contingente de 9% de eleitores indecisos que consideram votar no petista. Entre estes, há forte pre-

MARCELO BITTENCOURT/FUTURA PRESS

NO BOLSO Contribuintes: a revisão do imposto de renda é uma das promessas

sença da classe média, sobretudo eleitores com renda acima de 5 000 reais mensais, e religiosos, principalmente evangélicos, outro campo em que a campanha tenta avançar *(leia a reportagem na pág. 24)*. A meta é consolidar ao menos um terço desse eleitorado, que seria fundamental para a pretensão — cada vez mais difícil — de liquidar a fatura já no primeiro turno.

O discurso de Lula para conquistar esse segmento terá, claro, de mudar. Sairá a crítica à ostentação e entrará a preocupação com as angústias da classe média. Um dos temas que devem ser explorados é o da atualização da tabela do imposto de renda. O petista avalia ampliar a faixa de isenção a quem ganha até 5 000 reais mensais (hoje é de 1 903 reais), uma antiga reivindicação dessa parte da população e que pode render dividendos nas urnas por ser vista como uma promessa eleitoral descumprida por Bolsonaro. Também está na pauta a proposta de criar meios para atenuar o endividamento das famílias e facilitar o pagamento de seus débitos. O problema é, de fato, imenso: levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) apontou que em julho 78% das famílias brasileiras estavam endividadas e 29% delas tinham contas atrasadas.

Enquanto em uma ponta a campanha acenará com iniciativas para aliviar as despesas, na outra vai se esforçar para tentar aumentar a renda. Uma das propostas centrais será a retomada da política de ganho real do salário mínimo (reajuste acima da inflação) e a sinalização de aumentos salariais ao funcionalismo público (um setor importante da classe média) à medida que a economia se recupere. Ainda está na agenda de Lula diversificar a atuação do BNDES, ampliando o financiamento a pequenos e médios empreendedores. A lógica econômica por trás de todas essas medidas já foi vista nos governos do PT, sobretudo quando a economia crescia na casa

PREOCUPAÇÃO PETISTA

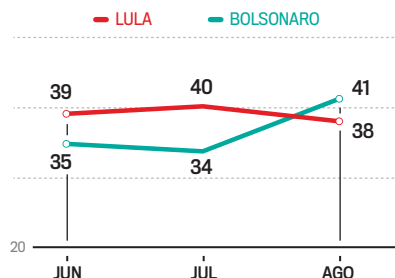
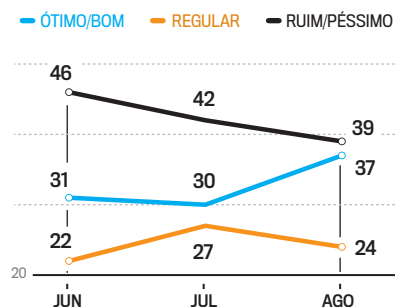
Bolsonaro avança entre quem tem renda média

DE 2 A 5 SALÁRIOS MÍNIMOS

INTENÇÕES DE VOTO (em %)

LULA — BOLSONARO

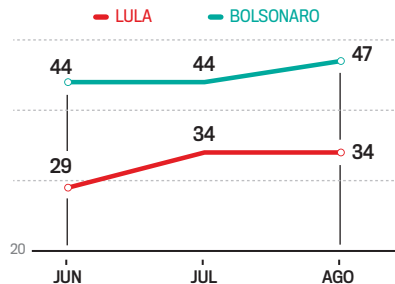
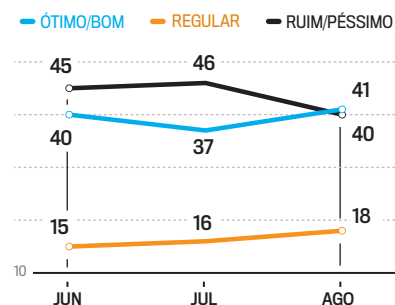
AVALIAÇÃO DE BOLSONARO (em %)

ÓTIMO/BOM — REGULAR — RUIM/PÉSSIMO

DE 5 A 10 SALÁRIOS MÍNIMOS

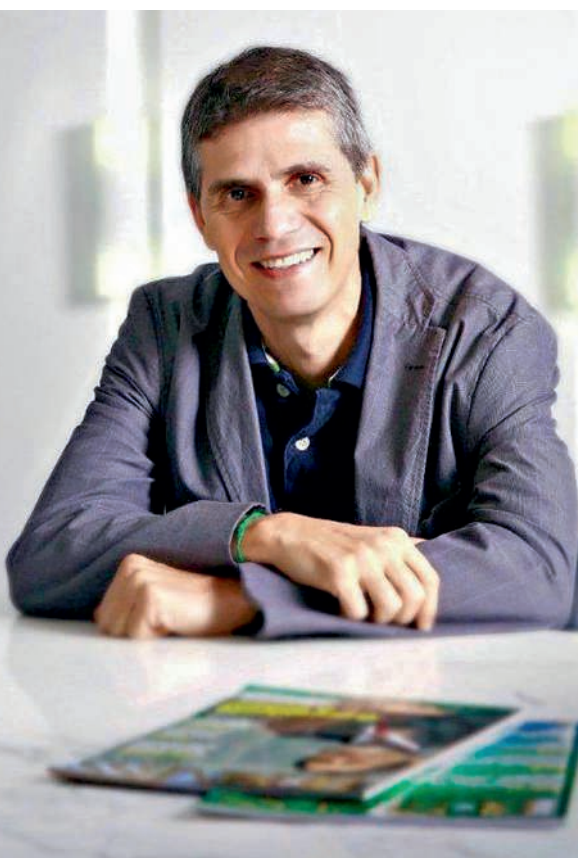
INTENÇÕES DE VOTO (em %)

LULA — BOLSONARO

AVALIAÇÃO DE BOLSONARO (em %)

ÓTIMO/BOM — REGULAR — RUIM/PÉSSIMO

Fonte: *Datafolha*

RICARDO STUCKERT

PRIORIDADE Aloizio Mercadante: plano de governo coordenado pelo ex-ministro terá a economia como um ponto central

MARCUS CLAUSSEN/JORNAL GRANDE BAHIA

PLANO Sidônio Palmeira: na TV, o marqueteiro exibirá campanha para dizer que a vida era melhor com Lula

dos 7% ao ano, e não sai da boca de Lula: o estímulo ao consumo, visto como chave para a indução do crescimento econômico. "À medida que se amplia o consumo, se força o crescimento da produção, de outras atividades integradas e o país cresce, gera renda e emprego", diz o ex-governador do Piauí Wellington Dias, um dos coordenadores da campanha.

A relação da classe média com o PT, assim como a com setores do empresariado, se estreitou a partir da eleição de 2002, quando Lula se apresentou ao país em tons mais moderados e pragmáticos do que nas eleições perdidas entre 1989 e 1998. "Lula sacou isso muito bem, montando um ministério com segmentos avessos ao PT, incluindo empresários. Ele levou ao governo as diferentes configurações da sociedade", lembra o cientista político Marco Antonio Carvalho Teixeira, da FGV. Com a alta das commodities a impulsionar a economia, com geração de emprego e renda, um dos fenômenos econômicos dos anos Lula foi a ascensão da chamada "classe C", um contingente de 35 milhões de pessoas que fez a classe média subir de 38% para 53% da população entre 2002 e 2012. O "*boom* social" virou pó, no entanto, com a forte recessão dos últimos anos de Dilma Rousseff, que colocou a perder os avanços anteriores e se transformou em uma pedra no sapato de Lula para 2022.

As boas memórias de seus já longínquos governos, contudo, podem influenciar o escrutínio do governo Bolsonaro, que agiu mal na pandemia e está às voltas com problemas concretos como o aumento de preços. "A nova classe média é bastante pragmática e menos ideológica do que a classe média tradicional, que era mais conservadora, foi base do lacerdismo, do udenismo e apoiadora do golpe", diz o cientista político e sociólogo Antonio Lavareda. Bolsonaro, claro, também

vai apresentar suas ideias para esse eleitorado, mas parte delas carrega uma certa desconfiança por já ter sido feita em 2018, como a do reajuste da tabela do imposto de renda, que o presidente voltou a incluir no seu programa de governo. Além de propostas mais amplas como estimular o crescimento econômico e a geração de empregos, Bolsonaro diz que vai reduzir a informalidade, que atinge 40% dos trabalhadores, e melhorar a qualidade dos empregos oferecidos, com a criação de contratos de trabalho diferenciados para categorias como motoristas de aplicativos — estes também alvos de Lula. Bolsonaro também fala em estimular o empreendedorismo por meio da desregulamentação e em intensificar programas de crédito a juros baixos para microempreendedores.

A ofensiva do PT vai começar já a partir da sexta 26, com o início da campanha eleitoral no rádio e na TV. Ao menos nos primeiros dias, o foco será lembrar os "tempos de Lula". "Ainda há margem para crescer no primeiro turno, principalmente entre o eleitor que já votou em Lula e pode voltar a votar", diz um interlocutor frequente do ex-presidente. Os programas eleitorais da campanha de Lula, que serão parte do esforço para aproximá-lo da classe média, são tocados pelo marqueteiro Sidônio Palmeira, mas o *bureau* de comunicação inclui o ex-ministro Edinho Silva e o deputado Rui Falcão (SP), enquanto a coordenação do plano de governo cabe ao ex-ministro Aloizio Mercadante. A tentativa de sedução da classe média vai focar o período entre 2003 e 2010 e esconder os anos finais de Dilma e o que pensava o próprio Lula até três meses atrás. Resta saber se vai funcionar. ■

A OUTRA ELEIÇÃO

Já há uma ampla movimentação em torno do comando do Legislativo

NOS DIAS DE HOJE, a análise fria dos acontecimentos políticos tem sido soterrada pela superficialidade das abordagens e, ainda, pelo partidarismo. Mas, de verdade, o Brasil viveu a partir de 2013 um profundo processo de reforma política, que ainda não acabou e desaguou em uma espécie de semipresidencialismo, que é o regime vigente no país.

Paradoxalmente, pouca atenção é dada à eleição de deputados federais e um terço do Senado. De modo geral, a sociedade dá pouca importância à eleição de deputados e senadores. A ponto de muitos nem sequer se lembrar em quem votaram na eleição passada. Pesquisa do Ipec divulgada no início do ano informava que quase 60% dos paulistanos não lembravam em quem haviam votado para a Câmara de Vereadores. Pesquisa semelhante do Datafolha divulgada em 2018 informava que 58% dos eleitores não lembravam o nome dos seus candidatos a deputado e a senador na eleição de 2014. Já, na mesma pesquisa, apurou-se que 62% se lembravam do candidato a presidente da República em quem haviam votado.

"Caso os dois futuros presidentes do Congresso estejam alinhados entre si, a dupla mandará no país"

Uma das razões para o descaso com a votação dos parlamentares refere-se à péssima imagem do Congresso perante a população. Em dezembro de 2021, pesquisa do Datafolha informava que apenas 10% dos brasileiros confiavam no Congresso As razões da desconfiança vão desde a ignorância sobre o que faz o Poder Legislativo até a profusão de escândalos.

Porém as votações para o Congresso Nacional terão como consequência a eleição dos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, que, nada mais nada menos, definirá duas das personalidades mais importantes da República. A governabilidade nos dias de hoje repousa nas mãos dos presidentes da Câmara e do Senado, que são os grandes formadores de maiorias, definidores de pauta e influenciadores decisivos dos destinos do Orçamento da União.

Não importa quem for o presidente da República, o hiperpresidencialismo ficou no passado. As autonomias adquiridas pelo Congresso Nacional desde 2015 — tais como o caráter mandatório da liberação das emendas dos parlamentares ao Orçamento e a votação de vetos, entre outros — não serão revisitadas nem reduzidas. A governabilidade do futuro presidente dependerá de suas relações com os dois comandantes do Congresso.

Daí, longe dos holofotes, já há uma ampla movimentação de olho na eleição dos comandantes do Legislativo a partir de 2023. Em especial, por aqueles que disputam a reeleição para a Câmara baixa. No Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), por ocupar o cargo e não estar disputando a eleição, tem possibilidade de ser conduzido para um novo mandato. Renan Calheiros (MDB-AL), que já foi presidente, também é um nome forte para a disputa. Na Câmara, Arthur Lira (PP-AL) é favorito para o posto. Mas outros nomes se movimentam para a eleição.

Caso os dois futuros presidentes do Congresso estejam alinhados entre si, a dupla mandará no país. Não há dúvida de que o Brasil vive sob um regime semipresidencialista, praticamente um triunvirato composto pelo presidente da República e pelos presidentes do Congresso Nacional, com a severa vigilância dos ministros do Supremo Tribunal Federal. Mais do que nunca, as eleições para o Congresso serão vitais para o futuro do país e devem ser objeto de muito interesse do eleitorado e dos formadores de opinião. ■

AQUI EU NÃO FICO

Hoje no União Brasil, Sergio Moro diz que a verdadeira razão para ele deixar o Podemos foi uma investigação que levantou indícios de corrupção da cúpula do partido **LARYSSA BORGES**

EM NOVEMBRO do ano passado, Sergio Moro se filiou ao Podemos numa concorrida cerimônia em Brasília. Na época, o ex-juiz da Lava-Jato era apontado como um nome capaz de romper a polarização entre Jair Bolsonaro e Lula na disputa presidencial. As primeiras pesquisas mostravam que a tese, de fato, encontrava alguma sustentação na realidade. O simples anúncio da pré-candidatura do ex-ministro da Justiça mexeu no tabuleiro da sucessão. De imediato, ele assumiu a terceira colocação, deixando para trás políticos tradicionais como Ciro Gomes e Simone Tebet. Em março, sem maiores explicações, o ex-juiz anunciou que estava deixando o Podemos e se filiando ao União Brasil — mudança que colocava um ponto-final em sua pretensão de disputar a Presidência da República. A decisão nunca foi bem explicada. Oficialmente, Moro abandonou a legenda por divergências sobre a condução de sua campanha. O verdadeiro motivo do rompimento, porém, foi outro: suspeitas de corrupção envolvendo os dirigentes da sigla.

Em certa medida, o caso faz lembrar o Moro da Lava-Jato. Cinco dias antes de deixar o Podemos, o ex-juiz recebeu o resultado de uma auditoria encomendada pelo partido. O documento, de 173 páginas, trazia o resumo de uma investigação preliminar realizada por um escritório de compliance contratado a pedido do próprio Sergio Moro. Os técnicos fizeram um levantamento dos bens, dos negócios e das ligações pessoais e societárias de dezoito dirigentes e funcionários do partido, entre eles a presidente da sigla, deputada Renata Abreu (SP), o presidente do diretório de São Paulo e atual secretário de Espor-

Análise preliminar de informações públicas de pessoas relevantes

25 de março de 2022

Saud Advogados

Hughes Hubbard & Reed

Sra. Renata Hellmeister de Abreu

Thiago Martins Milhim

- De acordo com informações públicas disponíveis, um site de decoração de imóveis publicou uma matéria sobre a reforma de um dos imóveis do Sr. Thiago Milhim, que teria sido assinada por um arquiteto de renome.
- De acordo com a matéria, o imóvel possui 285 m² e está localizado na cidade de Nova Granada.

Imagem retirada do site

Imagem retirada do site

Imagem retirada do site

O NÓ DA QUESTÃO Auditoria: o documento lista negócios estranhos e reúne informações sobre dezoito pessoas entre dirigentes e funcionários do partido

EVANDRO LEAL/AGENCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS

FUI Moro: "O assunto era de conhecimento da alta direção, e eles nada fizeram"

tes do governo estadual, Thiago Milhim, e familiares de ambos. A apuração foi solicitada em fevereiro, após o ex-juiz ter recebido informações sobre a existência de um esquema de captação ilegal de dinheiro e enriquecimento ilícito que envolveria a cúpula do Podemos. Segundo aliados do ex-juiz, ficou combinado que a formalização da candidatura se daria apenas depois que as suspeitas fossem esclarecidas. A investigação, feita de maneira sigilosa, foi batizada de "Projeto Cerrado". VEJA teve acesso à íntegra do documento.

Os auditores não fazem acusação direta a ninguém, mas listam operações estranhas e certas coincidências, como a de uma funcionária do partido que montou uma empresa de transportes e, logo na sequência, assinou um contrato milionário com uma prefeitura do interior de São Paulo, base eleitoral da deputada Renata Abreu. Em um tópico dedicado ao secretário de Esportes, por exemplo, relatam que ele é dono de uma mansão na cidade de Nova Granada, mesmo município onde a funcionária do Podemos ganhou a licitação, e também é proprietário de uma empresa de reciclagem de lixo que já teve Renata Abreu como sócia. O relatório não faz nenhuma conexão entre os casos. Quem faz são testemunhas "anônimas" que teriam se apresentado para contar o que sabiam "no canal do partido".

Foram testemunhos como esses que deram origem à investigação solicitada por Sergio Moro. Segundo eles, dirigentes do partido enriqueceram a partir de irregularidades que envolvem a criação de empresas que prestam serviços na área de saúde, reciclagem de lixo e transportes, como o caso do contrato de Nova Granada. Também operariam a indicação de ocupantes para cargos públicos em troca da devolução de parte dos salários, uma espécie de rachadinha partidária. Por fim, existiria ainda um esquema para beneficiar certas prefeituras com a destinação de emendas parlamentares em troca de porcentuais. As conclusões da auditoria foram apresentadas numa reunião em que estava presente, além de Moro, a presidente do partido. Na ocasião, os técnicos explicaram que o levantamento preliminar colheu apenas indícios. Era necessário aprofundar a apuração, ouvindo testemunhas, analisando contratos e acessando a contabilidade da legenda. Sem a garantia de que as suspeitas seriam devidamente investigadas, Moro teria decidido então deixar o Podemos.

PROTAGONISTA Renata Abreu: a investigação envolve a presidente da legenda

ROBERT ALVES/MONUMENTALFOTO

Procurado por VEJA, o ex-juiz confirmou que essa foi a principal razão de sua saída do partido. Confrontado com o resultado da investigação, ele disse ter tomado conhecimento de "situações suspeitas envolvendo casos de corrupção" e declarou que o "assunto era de conhecimento da alta direção do Podemos e de lideranças como o senador Alvaro Dias, que decidiram não tomar qualquer medida após o resultado preliminar". O Podemos não comentou o motivo pelo qual Renata Abreu e Thiago Milhim foram alvo da auditoria, tampouco a razão de não terem dado andamento ao caso. Em nota, a sigla se limitou a informar ser a primeira do país a ter um sistema de compliance. Fora da disputa nacional, o ex-juiz se transferiu para o União Brasil e vai concorrer à vaga de senador pelo Paraná. Detalhe: seu principal adversário é exatamente Alvaro Dias, do Podemos, que o convidou para tentar o sonho presidencial e hoje lidera as pesquisas de intenção de votos contra Moro. "Eu não participo da burocracia partidária, confio na presidente e nos seus esclarecimentos", declarou Alvaro Dias. Nunca na história da política brasileira criador e criatura brigaram tão rápido. ■

ANDRÉ RIBEIRO/FUTURA PRESS

ALVO O ex-governador: busca em apartamento dele no litoral paulista apreendeu celular, notebook, joias e dinheiro

ENROSCO ELEITORAL

Líder para o Senado em São Paulo, Márcio França tenta, sem sucesso, frear investigação sobre desvios na saúde — e o caso pode ter novos capítulos em meio à campanha **SÉRGIO QUINTELLA**

MÁRCIO FRANÇA (PSB) é um hábil político que carrega no currículo atuações bem-sucedidas nos bastidores partidários e eleitorais. Nesta eleição, foi um dos responsáveis por unir Geraldo Alckmin (PSB), de quem foi vice-governador entre 2015 e 2018, a Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em uma até então improvável chapa presidencial. Antes, articulou a ampla composição de legendas que levou João Doria (PSDB) à inédita vitória dos tucanos no primeiro turno na eleição da prefeitura da capital paulista, em 2016. Depois de ensaiar uma tentativa de volta ao Palácio dos Bandeirantes neste ano (em 2018 perdeu a reeleição para Doria), desistiu da empreitada em prol da chapa liderada por Fernando Haddad (PT). Hoje, lidera as pesquisas para o Senado, com 28% das intenções de voto, segundo o instituto Real Time Big Data, quase o dobro do registrado pelos adversários mais próximos. Em meio a esse momento favorável, com perspectivas reais de obter uma vaga no Congresso (e até em um ministério, num eventual governo Lula), França está tendo, no entanto, de lidar com um fantasma que o assombra desde o fim do ano passado.

O pesadelo começou quando um magistrado de Santos autorizou uma busca e apreensão pedida pela Polícia Civil e pelo Ministério Público em seu apartamento em São Vicente, no litoral paulista, para apurar indícios de que ele participaria de um esquema de desvios de recursos públicos na área da saúde. A decisão foi cumprida em 5 de janeiro. França foi à Justiça para tentar colocar um ponto-final na apuração, mas, em 23 de junho, o desembargador Newton Neves, do Tribunal de Justiça de São Paulo, rejeitou seu pedido, sem entrar no mérito do processo, mas alegando que a ação era importante para a investigação.

PREFEITURA BIRIGUI

ENCONTROS Cleudson Montali *(no centro)* em jantar com França *(acima*, em 2017) e preso *(abaixo*, em 2020): a defesa nega haver relação entre ele e o político

POLÍCIA CIVIL

Para embasar o pedido de incluir França no rol de investigados da Operação Raio-X, os policiais usaram grampos telefônicos autorizados pela Justiça em que o nome do ex-governador é citado por outros personagens, como Cleudson Garcia Montali, médico condenado a mais de 200 anos de prisão e apontado como o líder de uma organização criminosa que desviou 500 milhões de reais por meio de contratos de organizações sociais. O irmão de Márcio, Cláudio Luiz França Gomes, réu em duas ações recentes de improbidade administrativa, também foi alvo da ação. Nos autos que embasaram a busca, não há áudios, mensagens de textos nem pagamentos diretos a França, apenas citações que supõem a proximidade de investigados com o então governador. Um deles, de nome Régis, diz a um interlocutor que se "Márcio França for eleito *(em 2018)*, teremos a saúde do estado de São Paulo em suas mãos".

A ação policial provocou prejuízos materiais imediatos a França. Foram apreendidos notebook, celular, joias e cerca de 2 000 euros, que estavam em uma bolsa de viagem da sua esposa, Lúcia França (candidata a vice-governadora na chapa de Haddad). Mas França já sabia qual seria o maior dano e, de imediato, chamou a investigação de "operação política". "Não há outro nome para uma trapalhada, por falsas alegações, que determinadas autoridades, com medo de perder as eleições, tenham produzido os fatos ocorridos nesta manhã em minha casa", disse à época. Logo depois, sua defesa entrou com o pedido de anulação, alegando não haver indícios concretos contra ele. Também afirma que seu cliente não é réu, nem denunciado e não foi ouvido. Além disso, cita outra decisão judicial, de dezembro de 2020, que determinou buscas nas casas de Cleudson e outros envolvidos em desvios de recursos da saúde em Carapicuíba (SP), mas que deixou França de fora. "A imputação trazida pelo Ministério Público é a de que o representado Márcio França teria uma participação como mandante ou beneficiário da fraude, mas sem trazer elementos mínimos nesse sentido", disse então o juiz de Carapicuíba — os argumentos, no entanto, foram aceitos pelo magistrado de Santos.

A ligação de Márcio França com Cleudson, embora sua defesa alegue que foram apenas encontros fortuitos, chamou atenção dos investigadores. Um despacho assinado por França em 2018 reconduziu o médico ao cargo de diretor do Departamento Regional de Saúde de Araçatuba (SP). Ele havia sido exonerado por suspeita de cometer atos de improbidade administrativa. França afirmou haver pareceres internos favoráveis à revogação, mas a Corregedoria-Geral da Administração paulista disse que a informação não procede. Cleudson foi exonerado definitivamente em 2020. Outra ligação foi uma doação de 5 000 reais que Cleudson fez a França na eleição de 2020. Segundo a defesa do ex-governador, o valor é irrisório e se refere à compra de um jantar da campanha, como forma de arrecadar fundos.

Não ter conseguido brecar a investigação pode não ter sido o último revés para França. Outro personagem da história, o médico Franklin Cangussu Sampaio, que foi flagrado pela Raio-X em conversas com Cláudio França sobre cargos no governo, além de ter sido alvo da busca e apreensão que envolveu o ex-governador, é visto como alguém prestes a fazer delação premiada. Procurado por VEJA, Sampaio não se pronunciou. Se a expectativa se concretizar, França terá de carregar um lento inquérito nas costas por mais tempo — e com potencial para trazer novas más notícias no período crítico da campanha. ■

IMPULSO ACELERADO

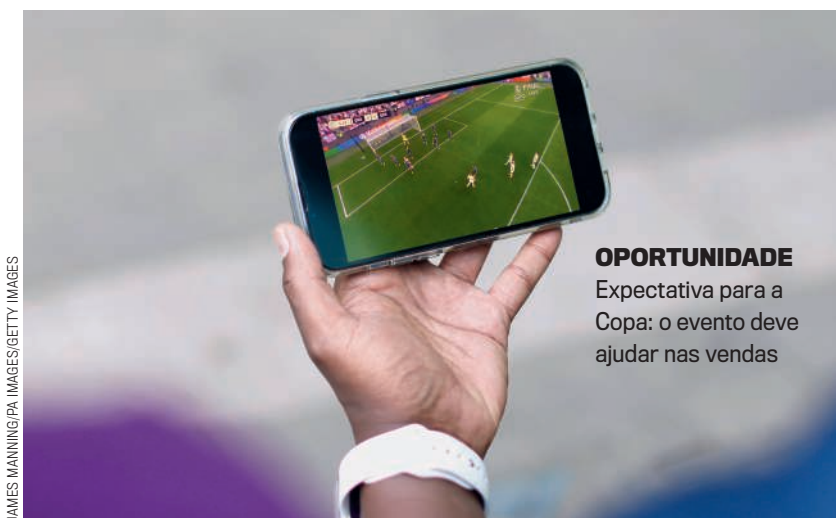
Disponível em doze capitais, a tecnologia de 5G anima varejistas do setor de eletrônicos com o seu potencial de estimular as vendas de celulares no fim de ano

FELIPE MENDES E **LARISSA QUINTINO**

A Copa do Mundo a ser realizada no Catar acumula diversas peculiaridades, a começar pela data de sua realização, entre novembro e dezembro, uma ruptura com o calendário desse evento que costuma acontecer no verão do Hemisfério Norte, entre junho e julho. Até poucos meses atrás, os empresários do setor de varejo viam essa data com grande preocupação, pois havia o temor de prejudicar as vendas de duas datas cruciais para o comércio brasileiro — a Black Friday e, obviamente, o Natal. A chegada da tecnologia de telefonia celular 5G nas últimas semanas mudou esse panorama. O sistema de transmissão de dados de alta velocidade que permite baixar e visualizar vídeos em tempo muito inferior que o atual 4G passou a ser visto como um aliado decisivo no impulsionamento das vendas de novos aparelhos de telefone celular dotados da tecnologia. Com os horários das 64 partidas marcados para o período diurno, acredita-se que será grande o número de brasileiros que acompanharão as emoções do futebol pelo celular.

As previsões dos analistas do setor é de que os celulares habilitados para o sistema 5G ajudem a alavancar o faturamento do setor de eletroeletrônicos em até 2,7% no segundo semestre do ano em relação ao mesmo período de 2021, levando a uma receita de 97 bilhões de reais. “Não fossem os 3 bilhões de reais injetados como efeitos da Copa do Mundo e do 5G, esse segmento, quando muito, ficaria empatado em relação ao ano passado”, diz Fabio Bentes, economista sênior da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). “O cenário de 2022 é parecido com o de 2010, quando ocorreu a Copa na África do Sul e se realizou o lançamento do 4G. Na ocasião, o impacto da nova tecnologia foi muito positivo.”

A diferença, entretanto, é que, desta vez, a economia não está tão aquecida quanto há doze anos. Em conferências com analistas, após divulgarem os últimos resultados trimestrais, executivos de Magazine Luiza, Via (controladora das redes Casas Bahia e Ponto Frio) e Americanas comentaram de forma unânime que existe um “otimismo cauteloso” para o fim do ano. O “cauteloso” tem relação com o ainda preocupante ambiente de juros

JAMES MANNING/PA IMAGES/GETTY IMAGES

OPORTUNIDADE
Expectativa para a Copa: o evento deve ajudar nas vendas

FOCO NA TELA
Jovem com celular no primeiro dia do 5G em Brasília: tráfego de dados mais rápido

JOÉDSON ALVES/EFE

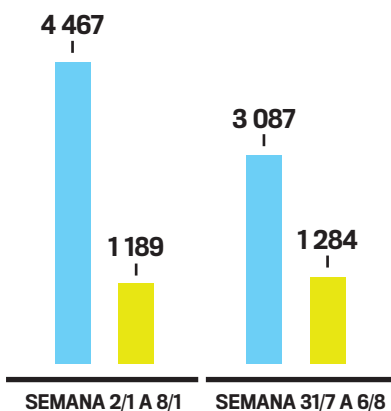
RONALDO SILVA/FUTURA PRESS

INFRAESTRUTURA Antenas em São Paulo: operadoras superaram as metas iniciais da Anatel para as instalações

e inflação elevados. Já o "otimismo" tem muito a ver com a chegada do 5G e o seu potencial impulsionador de negócios para o mercado varejista, que, apesar de estar 1,6% acima do volume de vendas pré-pandemia, apresenta dificuldades justamente na área de eletroeletrônicos, que ainda não alcançou o patamar de 2019. Nas capitais em que a tecnologia está disponível, o Magazine Luiza percebeu um aumento entre 30% e 40% da demanda por aparelhos compatíveis com a nova geração.

Na segunda-feira 22, o sinal da nova geração de internet móvel chegou ao Rio de Janeiro, Vitória, Florianópolis e Palmas. Antes disso, capitais como Brasília, Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Goiânia, Porto Alegre e João Pessoa já contavam com o sistema desde 6 de julho. As últimas quinze capitais entrarão nesse novo mundo tecnológico até o dia 27 de novembro, depois de a Anatel estender em dois meses o prazo, por causa de dificuldades de importação de equipamentos.

Por sua vez, as operadoras das redes travam uma corrida para entregar a melhor conectividade possível nas regiões de maior potencial de uso. No Rio, o edital do 5G previa que 252 antenas estivessem funcionando para o lançamento, mas, na prática, o número é bem superior: os pedidos de licenciamento ultrapassam 700. "Estamos seguindo o cronograma da Anatel e teremos 5G instalado em todas as capitais até o fim deste ano. Mas, em algumas, optamos por ter uma estratégia mais agressiva", diz Leonardo Capdeville, vice-presidente de tecnologia da TIM. "Em Curitiba, por exemplo, chegamos a instalar dez vezes o número mínimo de antenas que eram exigidas pela Anatel. No Rio de Janeiro e em São Paulo, já temos presença em todos os bairros da cidade e iremos aos poucos ajustando as redes para alcançar uma cobertura contínua como temos hoje no 4G."

Há, atualmente, 83 modelos de celulares aptos ao 5G, segundo a Anatel. A lista de homologações é liderada pela sul-coreana Samsung, com 28 modelos, seguida por Motorola, com dezessete, Xiaomi, com dez, e Apple,

DIVULGAÇÃO

PARA TODOS Teixeira, da Claro: a estratégia é oferecer aparelhos mais baratos com acesso 5G

com nove. Segundo a empresa de pesquisas GfK, na primeira semana do ano, as vendas de aparelhos compatíveis com o 5G representavam 6,7% do total, ante os atuais 17,5% — e a tendência é de que esse crescimento se intensifique. Um estímulo extra é a queda no preço dos aparelhos, de um custo médio de 4 500 reais em janeiro para os atuais 3 100 reais. Os modelos 5G mais em conta no mercado custam cerca de 1 500 reais. “Antes mesmo do 5G puro chegar ao país já vínhamos buscando opções mais acessíveis. A ideia é justamente facilitar o acesso”, afirma Paulo Cesar Teixeira, CEO da Claro. Com um leque de aplicações extremamente vasto e que garantirá um impulso dramático às conexões por celular, a tecnologia do 5G começa a se expandir pelo país com a perspectiva de mostrar seus benefícios de forma inequívoca para os consumidores. ■

MAILSON DA NÓBREGA

A FALÁCIA DA AMEAÇA COMUNISTA

Uma mudança de regime exigiria alteração na Constituição

O RETORNO de Lula à corrida presidencial, por ora com chances de vitória, reacendeu velhos mitos sobre ameaças às liberdades individuais e à estatização total do país. Passaríamos a viver os tempos da revolução bolchevista, de 1917, da qual nasceram a União Soviética e o regime comunista na Rússia. É assim que pensa o presidente Jair Bolsonaro. “Peço a Deus que os brasileiros não experimentem as dores do comunismo”, é o lema que costuma propagar. Só os incautos caem nessa lorota.

O comunismo prometia a abundância, mas eliminou o mercado livre e aboliu a propriedade privada, tornando aquele objetivo uma mera utopia. Os preços eram fixados pelo governo, e não pela lei da oferta e da procura. Perdia-se a referência do sistema de preços como gerador de decisões. Inexistiam incentivos à inovação, que é a fonte básica de ganhos de produtividade e, assim, de expansão da economia, do emprego, da renda e do bem-estar nas sociedades capitalistas.

> “A sociedade brasileira jamais abdicaria da liberdade de falar, ir e vir, e de decidir seu próprio futuro”

O colapso da União Soviética (1991) derivou, em grande parte, da incapacidade de ofertar adequadamente alimentos e outros bens de consumo. As imensas filas refletiam a escassez e o racionamento. O mercado negro equivalia a 10% do PIB. Até os anos 1960, a economia crescia pelo impulso da indústria de base, particularmente da manufatura de aço, da fabricação de armas e da corrida espacial. A produção siderúrgica avançava rapidamente e tendia a superar a americana. Na época, acreditava-se que fabricar aço em larga escala era sinal de pujança da economia. Mais tarde, viu-se que o vigor da siderurgia comunista retratava ineficiências. O trator soviético pesava oito vezes mais do que o americano. O comunismo era um sistema inferior.

No livro *Camaradas — Uma História do Comunismo Mundial*, o historiador britânico Robert Service mostrou que os soviéticos “jamais conseguiram superar ressentimentos sociais ou o apático desinteresse popular por seus objetivos”. Mais: “perseguiram as religiões sem conseguir eliminá-las. A ordem abaixo da liderança política tinha de se adaptar a certo grau de desobediência e obscurantismo sem igual nas democracias liberais”. Para se sustentar, o regime se tornou opressivo. São muitas as razões, portanto, que explicam o fracasso do comunismo, que hoje sobrevive como tal em apenas dois países pobres, Cuba e Coreia do Norte.

Pessoas bem-educadas se influenciam pela lenda. Ignoram que nossa sociedade é majoritariamente conservadora e jamais abdicaria da liberdade de falar, de ir e vir, e de decidir seu próprio futuro. Uma imprensa vigilante seria um contraponto à ameaça. O comunismo requereria alterar a Constituição — o que depende do apoio de 60% dos votos de cada uma das Casas do Congresso — com o objetivo de eliminar a liberdade de expressão e outros direitos e garantias iluministas. A esquerda nunca passou de 30% da Câmara e do Senado. Somente os mal informados podem temer essa mudança, mas os mal-intencionados teimam em divulgá-la. ■

SUBIDA DE TOM

Explosões na Crimeia, debaixo do nariz do inimigo russo, e um atentado em Moscou atribuído aos ucranianos reforçaram a posição de Kiev. Mas a guerra ainda está longe de acabar

AMANDA PÉCHY

AP/IMAGEPLUS

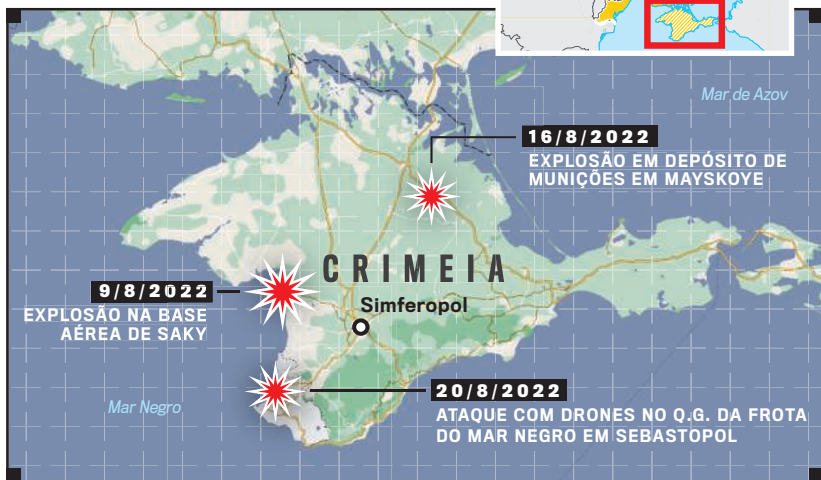
Na guerra travada desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, há seis meses, a movimentação militar ucraniana vem sendo um cipoal de surpresas — uma das principais razões para o lado mais fraco ter resistido até agora, e até forçado recuos, no embate com um inimigo muitíssimo mais forte. Movidos pelo patriotismo e armados e treinados pelos Estados Unidos e demais aliados ocidentais, as forças do presidente Volodymyr Zelensky impuseram ao poderoso Vladimir Putin o constrangimento de ver aviões abatidos, um navio de guerra afundado e rotas de suprimento cortadas.

Foram tantos tanques destruídos que o governo, em comemoração do Dia da Independência (24 de agosto), transformou uma das principais avenidas de Kiev em museu a céu aberto de blindados capturados, visitado por famílias inteiras. Nas últimas semanas, em mais um gesto inesperado e audacioso, militantes infiltrados explodiram alvos militares na Crimeia, província ucraniana que Moscou invadiu e anexou em 2014 e que está fora do alcance do armamento usado na guerra. Depois de relutar inicialmente, Zelensky assumiu a autoria dos ataques e elevou o confronto a um novo patamar, ao declarar a intenção de retomar o território. "Tudo começou na Crimeia e vai acabar na Crimeia", proclamou. Por enquanto, é mais desejo do que possibilidade, mas que abalou as estruturas do Kremlin, abalou. Explosivos detonados em três dias de agosto destruíram aviões e um depósito de munições e atingiram até o quartel-general da frota russa no Mar Negro, a mesma que mantém o bloqueio naval que paralisou as exportações ucranianas.

Mais do que conquistas militares, porém, as investidas na Crimeia são ações simbólicas repletas de significado. Tendo pertencido à Rússia por décadas, apesar de separada do gigante vizinho por um braço de mar, e com população majoritariamente russa, a Crimeia foi tomada da Ucrâ-

DE SURPRESA Incêndio em paiol do Exército russo na Crimeia: agentes infiltrados atacam em três frentes

LINHA ROMPIDA

Alvos militares são atingidos dentro da Crimeia, província ucraniana que a Rússia anexou, acirrando o conflito entre os dois países

REPRODUÇÃO

MOSCOU NA MIRA Dugin com a filha: atentado a bomba matou Daria em um subúrbio da capital

nia com relativa facilidade e voltou a ser um balneário chique frequentado pela elite de Moscou — um vídeo mostra parte dela, em trajes de banho, correndo para se abrigar durante uma das explosões. A Ucrânia ter driblado as linhas de defesa, entrado no território e levado a guerra para a porta dos resorts luxuosos é um golpe na empáfia de Putin, que cultiva internamente a balela de uma "operação militar especial" na Ucrânia onde os russos só levam vantagem. "Não podemos subestimar o impacto psicológico dos ataques à Crimeia", diz Igor Lukes, professor de relações internacionais da Universidade de Boston. "A população local tomou consciência de que está no meio de uma zona de guerra."

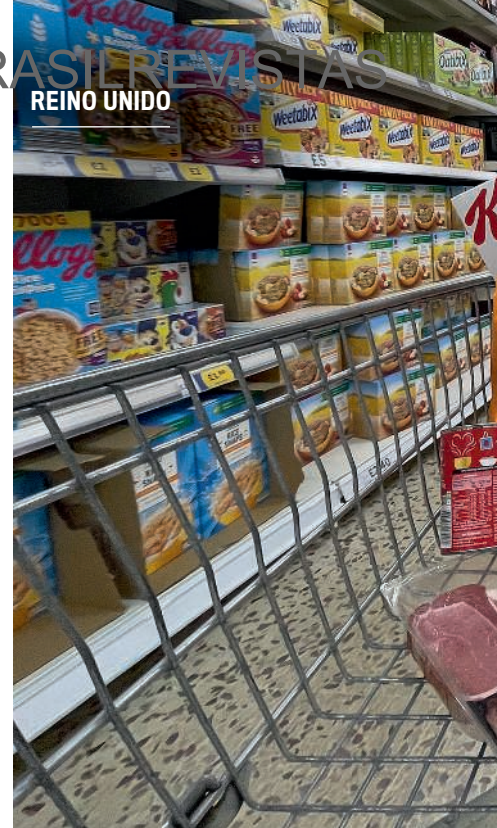
Outro baque na mesma toada foi o atentado que explodiu um SUV da Toyota na passagem por um dos subúrbios mais exclusivos de Moscou, matando Daria Dugina, 29 anos, apologista da extrema direita que vem a ser filha de Alexander Dugin, autoproclamado filósofo que prega a volta de uma Rússia imperial à frente de uma civilização "euroasiática" e é considerado uma espécie de influenciador de Putin. O serviço de inteli-

DIMITAR DILKOFF/AFP

MUSEU Tanques capturados em exposição em Kiev: passeio de famílias

gência russo, em excepcional demonstração de eficiência, desvendou o mistério em dois dias: uma ucraniana contratada por Kiev teria colocado a bomba e depois cruzado a fronteira da Eslovênia de carro. Zelensky negou qualquer participação. Putin lamentou o "crime vil e cruel" e prometeu vingança.

No campo de batalha, os dois lados sentem o efeito de seis meses de conflito sem ganhador definido. Putin reluta em tomar a impopular medida de convocar reservistas para compensar as baixas em suas forças — a CIA calcula em 10 000 a 20 000 soldados russos mortos até agora. Este seria um dos principais motivos para a pausa na ação militar que pretendia conquistar a região de Donbas e ampliar os 10% de território ucraniano que já estão em seu poder. A Ucrânia, por sua vez, conta agora com o poder de fogo dos HIMARS, lançadores de foguetes montados em caminhões cujos mísseis guiados por satélite podem atingir alvos com alta precisão a 80 quilômetros de distância. Mas também ela sente o baque das perdas de vidas (100 a 200 por dia) e continua a ter poder de fogo muito menor.

Com seus foguetes de longo alcance e atos de sabotagem, o comando ucraniano busca aproveitar o intervalo para reagrupamento das tropas russas e avançar na contraofensiva. "Chegamos a um ponto de inflexão na guerra e um momento crucial para a Ucrânia. Com os ataques à Crimeia, os russos passam a travar uma guerra em duas frentes", diz Iuliia Osmolovska, diretora-executiva do Instituto de Segurança da Europa Oriental, em Kiev. Reforçar sua posição é requisito essencial para a Ucrânia continuar a receber armas e apoio dos Estados Unidos e, principalmente, da Europa, hoje atormentada pela perspectiva de um inverno sem aquecimento devido ao bloqueio do gás russo. Putin, por sua vez, pode preferir engolir as provocações e esperar os aliados abandonarem a Ucrânia, vencendo pelo cansaço. Uma invasão pensada para ser uma ação fulminante acabou se tornando um conflito que se arrasta sem solução à vista, à espera de ver quem pisca primeiro. ■

QUANDO T

Pobres britânicos: crises pipocam por todo lado e nem o governo que sai nem o que entra se mexem **CAIO SAAD**

NÃO HÁ FLEUMA inglesa que resista a tantos problemas ao mesmo tempo. A inflação bate recorde, uma seca prolongada baixou os reservatórios a ponto de faltar água nas torneiras e trabalhadores entram em greve, uma forma de pressão que Margaret Thatcher parecia ter esvaziado para sempre. Como se não bastasse, o verão escorchante eleva às alturas o grau de irritação de uma população despreparada para sentir calor. Em meio a tudo isso, Boris Johnson, o primeiro-ministro que tapa buraco até o anúncio de seu sucessor, em 5 de setembro, tira férias semana sim, semana não, e não mexe uma palha, alegando que as decisões virão do próximo governo. Definitivamente, há algo que não está cheirando bem no Reino Unido.

CHRISTOPHER FURLONG/GETTY IMAGES

CONTENÇÃO Menos compras: a inflação corrói a renda da população

UDO DÁ ERRADO

Culminando (por enquanto) seguidas altas mensais, a inflação em julho chegou a 10,1%, o primeiro aumento de dois dígitos em mais de quatro décadas. O próprio Banco da Inglaterra antecipa que atinja 13% e um catastrofista relatório do banco Citi alerta que a escalada inflacionária está "entrando na estratosfera", devendo alcançar 18% em janeiro — o que, nos seus cálculos, vai catapultar a taxa básica de juros de 1,75% para inimagináveis 7% ao ano. Inflação é hoje um problema planetário e suas causas no Reino Unido não diferem das de outros países: o gargalo do abastecimento pós-pandemia, a falta de mão de obra e a crise energética decorrente da guerra na Ucrânia. Na ilha britânica, porém, o vazio de governo é fator decisivo na enxurrada de previsões sombrias. "É como esperar a chegada de um tufão. Sabemos que coisas ruins vão acontecer e não há ninguém para tomar providências", compara Steven Fielding, professor de história política da Universidade de Nottingham.

Como os salários estão longe de acompanhar a elevação de preços, os carrinhos dos clientes nos supermercados ficam cada vez mais vazios. Inconformados, os ferroviários promoveram em julho uma greve que afetou milhões de passageiros dos tradicionalmente confiáveis trens britânicos. O exemplo ou já foi, ou está para ser seguido por bombeiros, médicos, professores, funcionários dos correios, servidores públicos, advogados, engenheiros das operadoras de telecomunicações e outros. A produtividade entrou em queda livre e o PIB, depois de recuar 0,2% em abril, teve leve recuperação para 0,5% positivo em maio, mas deve encolher mais do que se expandir até o fim do ano, colocando o país na trilha da recessão.

De todos os perrengues, o que mais tira o sono dos britânicos é a crise de energia a poucos meses do inverno. O bloqueio do fluxo de gás russo para a Europa impactou com força o Reino Unido, devido ao apoio ostensivo de Johnson à Ucrânia. Como 40% do aquecimento das casas é a gás e não há governo para buscar novas formas de suprimento, os preços dispararam — a previsão é de que o gasto mensal de energia nos lares britânicos mais do que duplique no ano que vem.

O Serviço Nacional de Saúde, ele próprio em frangalhos por falta de braços, alertou recentemente para a possibilidade de um inverno no qual as pessoas terão pela frente "a terrível escolha entre pular refeições para aquecer a casa ou comer e precisar suportar frio e umidade". Os dois candidatos à liderança do Partido Conservador — e, por tabela, ao cargo de primeiro-ministro —, o ex-ministro da Economia Rishi Sunak e a favorita Liz Truss, ministra das Relações Exteriores, deslancharam suas campanhas encarnando Margaret Thatcher e seu feroz liberalismo. Diante das peculiaridades da crise atual, porém, voltaram atrás e já falam em cortar impostos de energia e dar ajuda financeira aos mais necessitados. Ganhe quem ganhar, vai ser dureza encarar, além da crise econômica, um descontentamento de tirar inglês do sério. ■

DYLAN MARTINEZ/GETTY IMAGES

NO AGUARDO Truss, a favorita: novo premiê, só em 5 de setembro

UM NOVO HOMEM

Mediterrâneo, que nada. Na contramão dos iates que povoam o concorrido pedaço marítimo do globo neste verão escaldante, **LEWIS HAMILTON,** 37 anos, voou para a África. Em um roteiro abundante em cliques, o heptacampeão de Fórmula 1 passou duas semanas entretido com as girafas de um santuário na Namíbia, deu mamadeira para elefantes órfãos em Ruanda, tomou banho de rio na Tanzânia e ainda dançou em um povoado do Quênia. E eis que ali, onde vigora a brutal tradição de mutilar o clitóris das meninas, um marco da passagem para a vida adulta, o desavisado piloto britânico decidiu posar à vontade. Hamilton, que diz voltar às pistas renovado, não se abalou. "Eu não sou o mesmo homem que era antes desta viagem", declarou – e postou.

INSTAGRAM @LEWISHAMILTON

INSTAGRAM @GIOVANNAANTONELLI

CENAS DO PRÓXIMO CAPÍTULO

Rumo a seu oitavo papel de destaque em novelas globais, **GIOVANNA ANTONELLI,** 46 anos, cansou das mocinhas e da televisão, onde não vê mais grandes "desafios artísticos", e já programa a aposentadoria, para quando a nova trama de Gloria Perez, com estreia marcada para outubro, terminar. Nos planos, constam uma voltinha pelo planeta com o marido, o diretor Leonardo Nogueira, e pôr o pé no acelerador no ramo das clínicas de depilação, onde estreou. Por ora, ela se prepara para uma espécie de vale a pena ver de novo – viverá pela segunda vez a personagem Helô, uma delegada que encarnou em *Salve Jorge* e, agora, em *Travessia*. "Será uma grande despedida, o fechamento de um ciclo", filosofa a atriz, que acabou de avisar a Rede Globo sobre sua decisão.

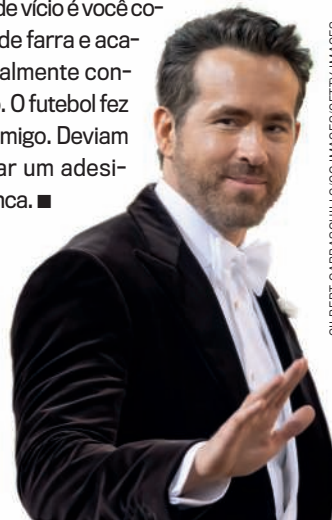
COM MEDO DE SER FELIZ

A jovem primeira-ministra da Finlândia, **SANNA MARIN,** 36 anos, arriscou sair da bolha e não deu certo. Dois vazamentos de imagens, em duas semanas, ergueram nas redes um clamor de ensurdecer até as renas de Papai Noel (que, como se sabe, é cidadão finlandês). No mais recente, duas amigas dela posam se beijando, sem sutiã, em seu gabinete, rescaldo de uma reuniãozinha íntima no jardim da residência oficial. "Elas entraram para ir ao banheiro e fizeram a foto. Foi errado. Peço desculpas", disse Marin, ainda sob efeito de um vídeo em que aparece animadíssima entre amigos em um clube. "Espero que seja aceitável que tomadores de decisões dancem, cantem e frequentem festas", rebateu as críticas. Por via das dúvidas, divulgou o resultado negativo de um exame toxicológico.

INSTAGRAM @SANNAMARIN

REPRODUÇÃO

CAIXINHA DE SURPRESA

Nascido e criado no Canadá, o ator **RYAN REYNOLDS,** 45 anos, não tinha a menor familiaridade com o futebol. Mesmo assim, seguindo um roteiro com pitadas da premiada série *Ted Lasso*, decidiu, junto com o colega americano Rob McElhenney, dar um chute: compraram por 2 milhões de libras o time galês Wrexham Football Club, da quinta divisão do futebol britânico, com o objetivo de tirá-lo da rabeira e filmar um documentário sobre o processo. Passado um ano, tendo o clube – o terceiro mais antigo do mundo – chegado à final e perdido, *Welcome to Wrexham* acaba de estrear no Disney+, com um efeito colateral: Reynolds jura que virou torcedor fanático. "A descrição de vício é você começar de farra e acabar totalmente consumido. O futebol fez isso comigo. Deviam inventar um adesivo", brinca. ■

GILBERT CARRASQUILLO/GC IMAGES/GETTY IMAGES

A PERDA QUE SE MEDE

A persistência da dor dilacerante provocada pela morte de alguém próximo agora tem nome, transtorno do luto prolongado, e tratamento, um alívio para o sofrimento

CAMILLE MELLO

A dor dilacerante da perda de um ente querido atravessa o tempo e o espaço e, compreensivelmente, afeta o cotidiano de quem fica, dando lugar a dias e dias em que a desolação supera todas as demais sensações e toma conta da pessoa. Mas a vida segue em frente, um clichê que, no caso dos enlutados, se confirma de forma tão inconsciente e imprevista que chega a causar surpresa — um belo dia, percebe-se que a tristeza que não passa continua lá, mas acomodada em um segundo plano que não compromete as demais emoções, inclusive a felicidade. A duração desse processo varia, claro, mas agora a medicina define um prazo a partir do qual ele pode deixar de ser considerado natural: quem permanece consumido pela angústia tendo se passado vários meses desde a morte de alguma pessoa próxima pode estar padecendo de uma doença, o transtorno do luto prolongado, que requer cuidados específicos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu a patologia, no início do ano, entre os 55 000 códigos da Classificação Internacional de Doenças (CID), que serve de base para estatísticas de saúde em todo o mundo. Em março, a condição também passou a integrar o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)*, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria e considerado a bíblia do setor. Nos dois documentos, a diferença entre luto nor-

ISTOCK/GETTY IMAGES

mal e o patológico segue o critério cronológico. O *DSM* especifica que o diagnóstico de transtorno do luto prolongado se aplica a pacientes que apresentarem anseio intenso pela presença da pessoa que se foi, bem como raiva, amargura, tristeza e culpa de forma aguda e crônica — a ponto de incapacitar para a vida normal —, passados doze meses desde a morte. Já o prazo estabelecido pela OMS para a definição do transtorno é menor, de seis meses.

A maior parte dos psiquiatras e psicólogos aplaudiu a iniciativa de qualificar o luto intenso e prolongado como patologia, ampliando a chance de tratamento para pessoas que não

ARQUIVO PESSOAL

“AINDA SINTO O VAZIO”

Simone Carvalho, 42 anos, estava na UTI com Covid-19 quando perdeu o pai, vítima da mesma doença. “Foi em março de 2021 e até hoje choro todos os dias. Esse tipo de dor é sufocante e bloqueia a vida”, diz ela, que demorou para iniciar o tratamento. “Tem me ajudado muito.”

conseguem sair do poço de sofrimento, uma angústia cotidiana que afeta 7% dos enlutados no mundo, segundo levantamento recente da Universidade de Aarhus, da Dinamarca. "Trata-se de uma condição rara mas incapacitante, que traz prejuízos para a vida social e a saúde dos enlutados e pode até levar ao suicídio", alerta Holly Prigerson, diretora do Centro de Pesquisas em Cuidados Paliativos da Universidade Cornell, em Nova York. Segundo especialistas consultados por VEJA, a proporção de indivíduos afetados pelo transtorno do luto prolongado tende a crescer devido ao aumento exponencial de mortes causadas pela Covid-19. "O impedimento de se despedir de forma digna dos familiares em razão das medidas sanitárias gerou seriíssimos problemas no processo de luto", afirma o psiquiatra Rafael Moreno, que viu o número de pacientes impactados pelo luto aumentar significativamente nos últimos dois anos.

A técnica em radiologia Simone Carvalho, 42 anos, soube da morte do pai por Covid quando estava na UTI lutando contra a mesma doença, em março de 2021, e sentiu a ausência dele de maneira tão insuportável que não conseguia trabalhar ou estudar. "O sentimento me bloqueou. Eu me sentia incapaz de tudo, até de dormir e comer", explica. Diagnosticada com o distúrbio há cinco meses, Simone diz que dar nome a seu problema foi "uma luz no fim do túnel". "Nunca tinha ouvido falar do transtorno, mas me senti acolhida ao perceber que não era a única a sofrer", conta ela, que participa de um grupo de apoio com mais de 200 pessoas na mesma situação e faz tratamento psicológico e psiquiátrico.

Além de dar visibilidade ao transtorno, o reconhecimento da gravidade do luto prolongado tem impulsionado o desenvolvimento de tratamentos específicos para o distúrbio, que é fre-

ANA BRANCO/AG. O GLOBO

"CADA DIA SINTO MAIS SAUDADE"

Em um intervalo de seis meses, entre 2020 e 2021, **Carlos Tufvesson,** 54 anos, perdeu a mãe e o marido. As perdas não o paralisaram, embora a dor permaneça intensa. "Eu, que sempre vivi uma vida de casal, no plural, me vi na solidão do singular", diz. "O trabalho me ajuda a seguir em frente."

quentemente confundido com depressão. Katherine Shear, diretora do Centro de Luto Complicado da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, está na linha de frente das pesquisas em torno de um método terapêutico mais adequado para a doença. "O tratamento com antidepressivos não é eficaz no luto prolongado, que é diferente da depressão na origem e em alguns sintomas", diz. Flaviana de Souza, dona de casa de Pontes Gestal, interior de São Paulo, entende bem a diferença: sofrendo de depressão há anos, mergulhou em um novo e dolorido tormento quando perdeu o pai de infarto, há dois anos. "Eu vivo esse luto a todo momento. Parece que minha vida parou", descreve ela, que recebeu o diagnóstico há dois meses e está sendo tratada com terapia e medicamentos.

Mesmo tendo ampla aceitação, no entanto, a classificação do transtorno enfrenta resistência de uma parcela dos profissionais. "A patologização do luto é emblemática de uma sociedade que não tolera sentimentos desagradáveis e não pode parar para que as pessoas processem o sofrimento no seu tempo", critica Artur Mamed, psicólogo e autor de *Apontamentos para uma Clínica Compreensiva da Perda*, livro sobre as mudanças na abordagem do luto ao longo do século XX. Um dos maiores opositores da "medicalização" generalizada, Allen Frances, psiquiatra e professor da Universidade Duke, dos Estados Unidos, alerta sobre a possibilidade de erros de diagnóstico. "Alguns profissionais podem abusar do novo rótulo, correndo o risco de estigmatizar o luto e receitar tratamentos para um processo natural ", diz ele.

Atravessar a dura perda de pessoas queridas é um aprendizado individual e inescapável a que praticamente todo mundo está sujeito, em algum momento. Como outros sentimentos profundos e marcantes, o luto transita com frequência pela música (caso da bela e tristíssima *Pedaço de Mim*, de Chico Buarque), pelas telas (como na delicada e ácida série *After Life*, de Ricky Gervais) e, claro, pela literatura, onde foi dissecado por grandes pensadores *(veja no quadro ao lado)*. Justamente por estar contido em um sentimento tão abrangente, o diagnóstico do transtorno do luto prolongado tem de ser feito com cautela — a experiência mostra que a maioria dos enlutados, por mais que sofra, dificilmente vai adoecer por causa da dor. "A avaliação clínica tem de examinar todos os aspectos e ir além de encaixar o paciente dentro do inventário de sintomas da CID ou do *DSM*", observa Cecilia Rezende, psicóloga e coordenadora do Entrelaços, instituto especializado no atendimento a enlutados.

Há quem passe por um longo período de extremo sofrimento sem, no entanto, parar de trabalhar e de se comunicar com outras pessoas, ambos sintomas do transtorno do luto prolongado. Coordenador da Diversidade Sexual da prefeitura do Rio de Janeiro, o estilista Carlos Tufvesson enfrentou durante a pandemia a morte da mãe e do marido em questão de seis meses. "É uma dor insuportável, que tira a noção de futuro — eu estava vivendo uma vida a dois e, do nada, fiquei ali sozinho", relata Tufvesson, que, no entanto, não se sentiu paralisado. "Acho que cada um tem sua forma de reagir a essa dor. Meu trabalho me ajuda a seguir em frente", explica. Para quem não consegue sair sozinho do fundo do poço, porém, a possibilidade de tratamento abre uma fresta não na saudade, que nunca passa, mas na intensidade com que é sentida. ■

VISÕES DA DOR

O sofrimento pela perda de uma pessoa querida é tema de grandes pensadores

"A dor profunda pela morte de cada alma amiga tem origem no sentimento de que existe algo inexprimível em cada indivíduo que se vê absoluta e irremediavelmente perdido."

ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860), filósofo

"No luto, o mundo fica pobre e vazio."

SIGMUND FREUD (1856-1939), o pai da psicanálise

"A morte conhece tudo a nosso respeito e talvez por isso seja triste."

JOSÉ SARAMAGO (1922-2010), escritor

ISTOCK/GETTY IMAGES

A GENÉTICA DO PALADAR

Cientistas descobrem que a influência dos genes nas preferências alimentares é enorme. A informação é uma das chaves para a criação de dietas que realmente funcionem **PAULA FELIX**

NÃO É DIFÍCIL compreender por que guloseimas fazem com que tantas pessoas salivem e como pode ser doloroso eliminar sabores adocicados, frituras e outras delícias do gênero para seguir uma dieta equilibrada. O intrigante mesmo é ver a facilidade de algumas pessoas para abrir mão dos pratos calóricos e demonstrar real prazer diante de um prato com vegetais cozidos no vapor. A resposta para esse enigma tem potencial para trazer alívio aos que sofrem para resistir às tentações calóricas e pouco saudáveis e surge como ferramenta na luta contra a balança. Nós até podemos ser o que comemos, mas em boa medida comemos por ordem dos nossos genes. Vêm deles uma decisiva influência na forma como cada um decide se vai de hambúrguer ou de salada.

A informação abre mais uma perspectiva para a formulação de tratamentos assertivos na briga contra a balança. Ela é resultado de uma análise com cerca de 162 000 pessoas que tiveram o gosto para 139 alimentos avaliados por pesquisadores da Uni-

DNA DE PESO
Gosto por frutas e verduras: resultado de algumas das 255 variantes genéticas encontradas

O GOSTO NO DNA

Pesquisadores separaram a preferência por sabores influenciada por genes em três grupos

ALTAMENTE PALATÁVEL

- DOCES
- SORVETES
- BISCOITOS
- REFRIGERANTE
- FRITURAS

ADQUIRIDO

- CAFÉ SEM AÇÚCAR
- CHOCOLATE AMARGO
- ÁLCOOL
- QUEIJO
- VEGETAIS DE SABOR FORTE, COMO ESPINAFRE E ASPARGO

BAIXO CALÓRICO

- VEGETAIS
- FRUTAS
- GRÃOS INTEGRAIS
- SEMENTES
- GRELHADOS

Fonte: *Universidade de Edimburgo*

versidade de Edimburgo, na Escócia. O objetivo era realizar a mais abrangente investigação sobre o tema. Eles cumpriram a missão e encontraram 255 variantes genéticas relacionadas às preferências alimentares. A pesquisa nasceu da necessidade de compreender o que leva uma pessoa a gostar de determinado alimento para, a partir daí, indicar abordagens realmente eficazes. O entendimento do ponto de vista genético pareceu o mais natural para os pesquisadores, que haviam se debruçado, como tantos outros, na formulação de dietas que levavam em conta os benefícios dos alimentos, porém muitas vezes fadadas ao fracasso por não atenderem às necessidades do paladar.

A questão é que, por mais que a população conheça os riscos da alimentação rica em gorduras, carne vermelha em excesso e comidas industrializadas, o consumo desses produtos permanece alto, refletindo diretamente no aumento da obesidade. A Organização Mundial da Saúde estima que 1 bilhão de pessoas no mundo são obesas e, até 2025, 167 milhões de indivíduos, entre crianças e adultos, terão algum impacto na saúde por estar acima do peso. Os mais comuns são aumento de risco para infarto e acidente vascular cerebral e para alguns tipos de câncer.

A pesquisa usou dados de participantes do Biobanco do Reino Unido, que reúne 500 000 voluntários, sobre preferências alimentares e composição genética. Os estudiosos chegaram a três grupos de paladares que estão sob forte influência dos genes. O "altamente palatável" se caracteriza pela busca de alimentos como sorvetes, salgadinhos, pães, bolos e outras delícias. O que foi denominado "baixo calórico" tem por trás material genético que estimula o consumo do cardápio dos sonhos dos nutricionistas: grelhados, frutas e sementes. O último é o "adquirido", cuja predominância genética incentiva a experimentação de sabores diferentes, criando apreciadores de café sem açúcar, queijos fortes, bebidas alcoólicas e comidas amargas, de chocolates a vegetais.

A avaliação permitiu o entendimento de pontos complexos e até inesperados. A vontade de comer vegetais, por exemplo, não está somente sob o controle dos genes por trás do grupo dos alimentos com baixas calorias. Enquanto as saladas integram a categoria, os que têm sabores acentuados fazem parte das preferências adquiridas. Os gostos, na verdade, podem transpassar os três grupos em alguns indivíduos. "Temos todos os tipos de pessoas, desde aquelas que gostam dos três tipos de alimentos até quem prefere os específicos", explica a VEJA Nicola Pirastu, um dos autores do estudo. O pesquisador está otimista em relação às possibilidades trazidas pelo trabalho. "Podemos avançar na criação de alimentos do time dos palatáveis que sejam saudáveis, de dietas mais personalizadas e, quem sabe, de medicamentos para alterar o gosto alimentar", planeja. Que cheguem logo os novos instrumentos para tornar menos árdua a batalha contra o sobrepeso e a obesidade. ■

LEITO RESSECADO Trecho do Rio Danúbio, o segundo maior da Europa: redução no fluxo de água e recuo das margens

FLAGELO EUROPEU

Seca inédita transforma as paisagens do Velho Mundo e serve de alerta para o descontrole climático do planeta **JENIFFER ANN THOMAS**

MARCADO por paisagens idílicas e pelos panoramas espetaculares das capitais que corta na Europa Central, o Rio Danúbio, segundo maior do continente, passou a exibir cenas inusitadas nas últimas semanas ao longo de seus mais de 2 800 quilômetros de extensão. Com a vazão reduzida pela seca que assola o continente, o curso d'água imortalizado nas valsas do austríaco Johann Strauss recuou de tal forma que em vários trechos expõe de forma inédita seu fundo ressequido. Próximo à cidade de Prahovo, na Sérvia, a falta de água revelou, por exemplo, as carcaças de pelo menos doze navios alemães afundados na II Guerra pelos próprios nazistas para que não caíssem nas mãos do Exército soviético. Com os navios vieram à tona mais de 10 000 peças de artilharia não detonada, que deixaram em pânico as autoridades do vilarejo.

As consequências do verão cáustico e extremamente seco se espalham por todo o continente. Na Espanha, cidades submersas há mais de sessenta anos ressurgiram do fundo de reservatórios. Em Roma, o Rio Tibre, agora esquálido, deixou à mostra fundações de pontes que datam do Império Romano. Na fronteira da Alemanha com a Polônia, o Rio Oder foi palco de uma mortandade de peixes

PABLO BLAZQUEZ DOMINGUEZ/GETTY IMAGES

PERDA AGRÍCOLA Plantação de trigo na Espanha: calor intenso e falta de água afetaram a safra de grãos no continente

FERENC ISZA/AFP

que, segundo especialistas, pode ter entre suas causas a baixa oxigenação provocada pela redução de seu volume. No Rio Reno, uma das vias fluviais do continente, o tráfego de navios foi reduzido em 74%. Na França, a operação das usinas nucleares que geram 70% da energia do país teve de ser reduzida por falta de água para resfriar os reatores. Especialidades regionais como a mostarda de Dijon e o arroz para risoto desapareceram do mercado por terem sua produção comprometida pela seca, que muitos consideram a pior em 500 anos.

Para um observador desavisado poderia ser mais uma conjunção bizarra de fatores em um verão atípico. Entretanto, cientistas do clima veem no fenômeno sinais inequívocos do desequilíbrio climático global. Antes da canícula iniciada em julho, o continente já havia experimentado um inverno e uma primavera particularmente secos. O resultado disso é que 47% do território da União Europeia está sob alerta de seca e outros 17% estão em situação de emergência. Para os cientistas, a coletânea de exemplos registrados recentemente mostra como a mudança dos padrões climáticos é inquestionável e vai muito além do derretimento das calotas polares e geleiras. “Tais fenômenos mostram a fragilidade climática, agora na rotina dos países ricos. Mostram também que os eventos climáticos extremos vieram para ficar”, diz o físico Paulo Artaxo, membro do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).

Por mais que seja difícil isolar ondas de calor e identificar quais são consequência do aquecimento global ou não, a maior frequência de eventos extremos ilustra os riscos previstos para as próximas décadas, caso a sociedade não consiga baixar drasticamente as emissões de gases de efeito estufa.“Cada onda de calor que ocorre hoje tem seus efeitos intensificados pela mudança climática induzida pelo homem”, avalia a climatologista Friederike Otto, do laboratório de clima e meio ambiente da Imperial College London. E, quando chove, a precipitação se dá na forma de pancadas violentas e fortes, como visto recentemente em algumas regiões do continente, o que leva a pouca retenção de água no solo já esturricado pelo calor — um cenário muito comum em países pobres, mas novidade nas nações ricas.

Frear a mudança do clima significa eliminar os combustíveis fósseis da matriz energética. Na União Europeia, eles representam 47% da matriz energética. Com a guerra da Ucrânia, há uma tendência de reversão na adoção de alternativas menos agressivas ao ambiente como o gás natural importado da Rússia e a volta de combustíveis poluentes, como o carvão. Caso isso aconteça, episódios inusitados como os registrados neste ano devem se incorporar à rotina no Velho Mundo. ■

UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE/GETTY IMAGES

Ser.mo Principe.

Galileo Galilei Humiliss.o Servo della Ser.tà V.a invigilando assiduam.te et con ogni spirito per potere non solam.te satisfare al carico che tiene della lettura di Matematica nello Studio di Padova,

Scrivere d'avere determinato di presentare al Ser.mo Principe l'Occhiale et di poter essere di giovamento inestimabile per ogni negozio et impresa marittima o terrestre stimo di tenere questo nuovo artifizio nel maggior segreto et solam.te a dispositione di S. Ser.tà L'Occhiale cavato dalle più recondite speculazioni di prospettiva ha il vantaggio di scoprire Legni et Vele dell'inimico per due hore et più di tempo prima che egli scuopra noi et distinguendo il numero et la qualità dei Vasselli giudicare le sue forze pallestirsi alla caccia al combattimento o alla fuga, o pure ancora nella campagna aperta vedere et particolarm.te distinguere ogni suo moto et preparamento.

Adi 7. di Gennaio Giove si vedde così: ✱✱ ⊛ ✱ occ:

Adi 8 così or. ⊛ ✱✱✱ era dunq. diretto et non retrogrado

Adi 12. si vedde in tale costituzione ✱ ✱ ⊛ ✱ occ:

Il 13 si veddono vicinissime a Giove 4 stelle ✱ ⊛ ✱✱✱ o meglio così ✱ ⊛ ✱✱✱

Adi 14 è nugolo

Il 15 così: ⊛ ✱ ✱ ✱ ✱ la pross.a a ♃ era la min.e la 4.a era distante dalla 3.a il doppio in circa

Lo spatio delle 3 occidentali non era maggiore del diametro di ♃ et erano in linea retta.

♃ long. 71.38 Lat. 1.13

É FALSO O polímata italiano, pai da astronomia, e o manuscrito que enganou muita gente: erros gramaticais e documento do século XVII em papel do século XVIII

NEM GALILEU ESCAPOU

Professor de história americano descobre que um manuscrito atribuído ao filósofo e astrônomo era, na verdade, obra de um notório vigarista italiano dos anos 1930 **ALESSANDRO GIANNINI**

UM MANUSCRITO atribuído a Galileu Galilei (1564-1642) sempre foi considerado uma das joias da Biblioteca da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Fora doado em 1938, depois da morte do empresário americano Tracy McGregor, ávido colecionador de livros e documentos. Quatro anos antes, McGregor o comprara em um leilão do espólio de outro milionário aficionado por papéis antigos e primeiras edições. Veio autenticado por um cidadão acima de qualquer suspeita, o cardeal Pietro Maffi (1858-1931), arcebispo de Pisa, que teria comparado a caligrafia com outros escritos do astrônomo italiano em sua coleção pessoal. Quase um século depois, contudo, descobriu-se agora que o documento não passa de falsificação ordinária, atribuída ao vigarista italiano Tobia Nicotra. Dono de extensa ficha corrida, o malandro carcamano forjou, no início do século passado, documentos escritos por George Washington, Cristóvão Colombo e Leonardo da Vinci, entre outros.

Era muito bom para ser verdade. Na metade superior, o suposto manuscrito de Galileu contém o rascunho de uma carta ao doge de Veneza, datada de 24 de agosto de 1609, para apresentar ao nobre um telescópio recém-construído. Na metade inferior, há notas esparsas com observações das luas de Júpiter, feitas entre 7 e 15 de janeiro de 1610. "É um documento duplo, ambos de registros valiosos, mas a chance de estarem em um mesmo pedaço de papel é ridiculamente pequena", disse a VEJA Nick Wilding, professor de história da Universidade do Estado da Geórgia, que revelou a contrafação. Ele descobriu a farsa ao examinar o papel em questão para uma biógrafa que está escrevendo sobre o gênio toscano. Também foi ele quem associou a forja a Nicotra. A versão completa e genuína da carta é mantida no Arquivo do Estado de Veneza e as notas autênticas fazem parte do Dossiê Sidereus Nuncius, na Biblioteca Nacional Central de Florença.

Wilding suspeitou da uniformidade da tinta e da largura da pena usadas no suposto manuscrito. Se fossem escritos com meses de intervalo, Galileu deveria ter usado tinta e pena diferentes. Mas o documento parece ter sido composto de uma só vez, com os mesmos materiais. Além disso, uma análise atenta da caligrafia mostrou erros gramaticais, algo que o autor não faria. O professor também comparou as anotações astronômicas com o dossiê depositado em Florença e notou contradições. Por fim, a marca-d'água indica que o papel foi produzido no fim do século XVIII, muito depois das datas inscritas. Relacionar o documento a Nicotra foi fácil. É sabido que o falsificador doou duas supostas cartas de Galileu ao cardeal Maffi nos anos 1920. "A nota de autenticação do arcebispo de Pisa deve ter sido forjada por ele", disse o americano. "Portanto, todo o contexto e as habilidades apontam para o vigarista."

ALVOS DO EMBUSTE

Personalidades históricas que o impostor italiano falsificou

DE AGOSTINI/GETTY IMAGES

Para testar suas habilidades, o falsificador escreveu um poema imitando **Torquato Tasso (1544-1595)** e o levou a especialistas que o autenticaram e elogiaram os versos

DE AGOSTINI/GETTY IMAGES

Com **Georg Händel (1685-1759),** o contraventor italiano foi ousado: forjou partituras de duas obras, uma ária do período italiano do compositor e uma parte do clássico *O Messias*

A. DAGLI ORTI/DE AGOSTINI/GETTY IMAGES

O falsário lucrou com **Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791),** cujas assinaturas forjadas foram vendidas a celebridades e à Biblioteca do Congresso dos EUA

Galileu não foi a única "vítima" de Tobia Nicotra. O embusteiro italiano, um personagem furtivo sobre o qual se sabe muito pouco — tanto é assim que jamais permitiu ser fotografado —, ficou famoso no início dos anos 1930, quando foi para os Estados Unidos e se fez passar pelo maestro italiano Riccardo Drigo, que havia sido diretor musical do Balé de São Petersburgo. Personificando Drigo, Nicotra fez uma pequena turnê musical e até deu entrevistas em rádios. Ocorre que o maestro, o verdadeiro, havia morrido dois anos antes. Nesse mesmo período, ele se aproximou de Walter Toscanini, filho do compositor italiano Arturo Toscanini, maestro da Filarmônica de Nova York, a quem vendeu um autógrafo de Wolfgang Amadeus Mozart pelo equivalente a mais de 500 dólares. A Biblioteca do Congresso também comprou dele documentos que atribuía a Mozart por valores parecidos.

Reza a lenda, *se non è vero, è ben trovato*, que Nicotra começou a carreira nos anos 1920, em Milão, vendendo autógrafos, cartas, documentos e partituras falsas para manter sete amantes simultâneas em apartamentos espalhados pela cidade — além da própria mulher. Ele frequentava a seção de livros raros da Biblioteca Municipal, arrancava as folhas de guarda dos volumes mais antigos e trabalhava sobre esses papéis. Em novembro de 1934, foi condenado na Itália a dois anos de prisão e uma multa em dinheiro. O filho de Toscanini, que denunciou o impostor e ajudou a localizá-lo, testemunhou contra ele. Ao fazer uma busca em seu apartamento, a polícia achou alguns "trabalhos em progressão", assinaturas e textos de Abraham Lincoln, Warren G. Harding, Marquês de Lafayette, Martinho Lutero, Lorenzo, o Magnífico e Michelangelo. Nunca mais se ouviu falar de Nicotra. Sua obra, por assim dizer, continua viva. ■

ADEUS À TROCA DE MARCHAS

A venda de carros automáticos decola no Brasil e expande debate sobre o conflito entre os avanços tecnológicos e o controle do homem sobre a máquina **LUIZ FELIPE CASTRO**

O PRAZER de guiar um carro, de preferência em alta velocidade e com motor potente, seduziu diferentes gerações no último século. A humanidade desenvolveu formas de locomoção, como o uso de cavalos e bicicletas, de modo que as ferramentas se tornassem uma extensão de sua consciência — tal qual uma prótese, como argumenta o escritor americano Matthew Crawford no livro *Why We Drive* (Por que Dirigimos, lançado nos Estados Unidos em 2020). O avanço tecnológico, no entanto, vai na contramão dessa simbiose e inibe cada vez mais a conexão entre homem e máquina. O iminente fim do pedal de embreagem, com o adeus às marchas de câmbio, é prova disso — e o ser humano já não controla um veículo como antes.

Em cinco anos, o emplacamento de modelos manuais no Brasil caiu de 57% para 38%, segundo a Bright Consulting. As explicações são essencialmente econômicas, pois a maioria dos carros de entrada já oferece o recurso. "No início, os automáticos eram bem mais caros e apresentavam mais problemas de manutenção, mas isso está completamente superado", diz Cássio Pagliarini, consultor da Bright. Ele cita como momento de virada o lançamento do Hyundai HB20, em 2012. "O preço começou a ficar mais palatável e o câmbio automático se popularizou também entre os jovens."

Apesar do avanço, o Brasil ainda é um dos países com maior frota mecânica, também por razões financeiras, já que a inflação fez explodir a busca por usados e modelos com motor 1.0. Nos EUA, veículos do tipo têm vendas ínfimas e já é possível tirar habilitação exclusiva para automáticos — um projeto semelhante tramita em Brasília. Na Europa, a tradição também se esvai. As alemãs Volkswagen e Mercedes devem extinguir os carros manuais até 2030 e dar prioridade total à produção de híbridos e elétricos.

Curiosamente, a história dos carros automáticos passa por dois brasileiros. José Braz Araripe e Fernando Lemos são reconhecidos como os inventores de um tipo de câmbio hidráulico, o primeiro a dispensar o uso do pé esquerdo para dirigir. A patente do projeto foi registrada nos EUA em 1932 e comprada na sequência pela General Motors, que em 1939 lançou o pioneiro modelo Oldsmobile 1940.

CONTROLE Item de museu: em pouco mais de uma década, câmbios manuais tendem a desaparecer

ISTOCK/GETTY IMAGES

SEM AS MÃOS O motorista sumiu: veículos autônomos já estão virando realidade

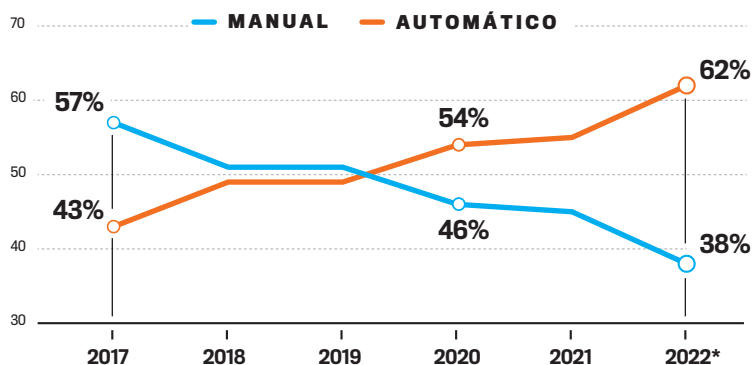
ISTOCK/GETTY IMAGES

Os automáticos, portanto, existem há oito décadas, mas o mercado demorou a acelerar. Além dos convencionais, cresce a procura por modelos CVT (transmissão continuamente variável), que não possuem marchas pré-definidas, operam de forma mais suave, sem trancos, e podem ser tão econômicos quanto um manual. Há ainda o tipo *dual clutch*, de dupla embreagem, encontrado em carros mais velozes, como Ferrari e Porsche. Diversos automáticos oferecem a troca de marchas por meio de "borboletas" no volante, o que ameniza a suposta falta de controle.

Além de acabar com o inconveniente de mudar as marchas em engarrafamentos, os automáticos oferecem recursos como direção hidráulica, freio ABS e injeção eletrônica. "Eles trazem mais segurança e eficiência", pondera Flavio Padovan, sócio da Padovan Consulting. "Quem experimenta um automático dificilmente volta atrás." Alguns motoristas, porém, resistem. O piloto Djalma Fogaça, 59 anos, campeão brasileiro de Fórmula Ford e Chevrolet, busca refúgio na Copa Truck, uma das raras competições esportivas a manter a troca manual de marchas. "Essa sensação de efetivamente sentir e guiar o caminhão é o que me dá prazer", diz Fogaça.

Para os tradicionalistas, o pior ainda está por vir: num futuro não tão distante, são os volantes que tendem a desaparecer. Carros autônomos possibilitarão a seus donos permanecer passivos no banco de trás, como em um táxi, mas sem condutor. É caminho sem volta, fenômeno já escancarado fora da indústria automotiva. Descargas de vasos sanitários, por exemplo, já são acionadas por sensores e plataformas de streaming indicam ao usuário o que ele gostaria de assistir, com base em algoritmos. Em suma, comodidade é sempre bem-vinda, mas será que ainda restará no futuro algum prazer em dirigir? ■

CAMINHO SEM VOLTA

Desde 2020, carros automáticos são maioria no país

*De janeiro a junho

Fonte: *Bright Consulting*

APOSTEI NA VIDA

Com leucemia, o cineasta Sebastião Braga, 37, é a primeira cobaia de um tratamento que lhe trouxe esperança

ATÉ O INÍCIO DE 2020, eu levava uma vida saudável e sem grandes sobressaltos. Trabalhava muito, praticava esportes e me alimentava bem. Estava envolvido na compra de uma casa com meu marido, já pensando lá na frente em ter filhos. Jamais imaginaria o tamanho do terremoto que se aproximava. Comecei a sentir dores agudas em uma perna e resolvi investigar o que era. Recebi então um hemograma que indicava o que estava por vir: meus leucócitos registravam dez vezes a taxa normal, o que uma tia médica estranhou no ato. “Há algo aqui fora do normal”, ela me disse. Passei a madrugada submetido a uma bateria de exames, até ouvir a mais assustadora de todas as frases. Suspeitavam que eu tinha um câncer, uma leucemia, e deveria ser internado. Fiquei sem chão, desesperado, mas certo de que faria tudo, tudo mesmo para sobreviver.

Quando, enfim, saiu o diagnóstico, soube que era uma leucemia em estágio avançado e iniciei o tratamento em regime emergencial. Estávamos no auge da pandemia e, para não ficar com a imunidade baixa demais, me recomendaram uma quimioterapia mais leve, o que não era o ideal. Mesmo assim, a doença parecia controlada e eu planejava retomar a rotina. Foi quando viram que o câncer havia evoluído, um fantasma que passou a me perseguir. A melhor opção, garantiam, era tentar um transplante de medula óssea. Num momento difícil para conseguir doador, o jeito foi receber a medula da minha mãe, com altas chances de dar certo por causa da parentalidade. Fiquei três meses internado depois da cirurgia e voltei para casa debilitado e com 20 quilos a menos. No primeiro sinal de melhora, engatei no meu cotidiano de produzir filmes, um reencontro com a vida. Mas o chão voltou a tremer neste ano, em março. O câncer estava lá de novo. Eu era um doente terminal.

Senti a morte próxima. A equipe do hospital chegou a sugerir terapeutas para mim e minha família. Tínhamos que conseguir lidar com a ideia do fim. Foi um período traumático, tomado pela agonia de não haver saída. Em meio à profunda desesperança, me falaram de um tratamento experimental chamado CAR-T Cell triplo, uma evolução do CAR-T Cell, já existente em diversos países. A questão: ele nunca havia sido testado em um paciente. Corri atrás de todos os brasileiros envolvidos no estudo sobre o tema, e eles me botaram em contato com o pesquisador que lidera as pesquisas nos Estados Unidos. De repente, me veio um horizonte. Todo o meu histórico permitia que me tornasse cobaia, e me convidaram para ser o primeiro humano submetido a tal tratamento no mundo. É um procedimento complexo, em que as células de defesa são retiradas e levadas a um laboratório, onde passam por uma espécie de reeducação: elas aprendem a identificar as células doentes para combatê-las. Fiquei três meses à espera da autorização do órgão americano responsável e peguei o avião.

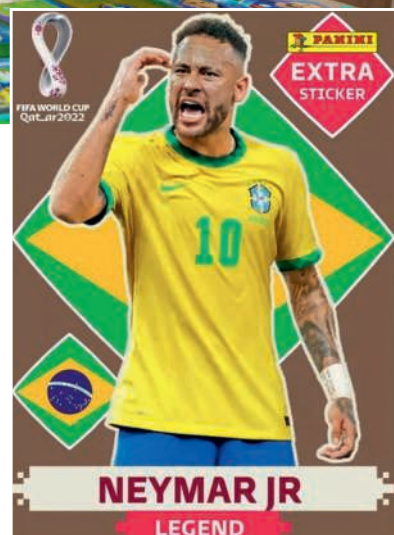
Não tive medo de me voluntariar. Era me arriscar em um terreno desconhecido ou esperar a morte, simples e duro assim. Eu me mudei para Ohio, para ser atendido no James Cancer Hospital. Cheguei há dois meses. Minhas células foram retiradas e, após uma semana, recolocadas em meu organismo. Tive febre e um pico de calafrios assustador. Parecia ter dado errado, mas aquele era um sintoma bom, de que o procedimento estava fazendo efeito. Passei mais um mês recebendo atenção médica 24 horas. E tive a melhor das notícias: a doença, pelo menos por ora, não é mais detectável em meu corpo. Claro que ainda estou em observação, com previsão de alta em setembro, e sei que tudo pode acontecer. Mas sinto que ganhei uma segunda chance, graças à ciência. O câncer mudou tudo. Vivia no automático. Hoje, não alimento mais rancores e mágoas inúteis. Meu objetivo zero é lutar para viver. E cada segundo tem um sabor único. ■

Depoimento dado a Duda Monteiro de Barros

EGBERTO NOGUEIRA/ÍMÃFOTOGALERIA

APRENDIZADO César e Dante, de 4 anos: o menino já conhece as bandeiras

O MUNDO EM UM CROMO

A onda do álbum de figurinhas da Copa ajuda a entender a inflação, o jogo das probabilidades e a relevância das amizades (além de ser divertido) **LUIZ FELIPE CASTRO** E **FÁBIO ALTMAN**

POR QUE colecionamos objetos de arte, roupas, discos antigos, traquitanas de todo tipo e... figurinhas de jogadores de futebol? Eis a questão que se impõe com o lançamento do clássico álbum da Copa do Mundo, da editora italiana Panini, que começou a circular no domingo 21. Porque funciona como um jogo, porque é bacana, porque é divertido, porque reúne a família longe de um smartphone — ou mesmo, se for o caso de beber de uma leitura, digamos, psicanalítica, porque se trata de acumular pequenas emoções, ainda que sempre exista um risco de alimentar obsessões. Vale sublinhar uma conhecida frase de Walter Benjamin, extraída de um badalado ensaio, *Desempacotando Minha Biblioteca*, de 1931: "Toda paixão beira o caos, a do colecionador beira o caos da memória".

Há, é claro, um modo menos pomposo de explicar a onda. "O segredo do sucesso é um misto entre o gosto pelo colecionismo e a paixão pela Copa do Mundo", diz Carolina Motta, gerente de marketing da Panini. "É uma tradição, um marco histórico como o Natal ou a Páscoa, mas de quatro em quatro anos. É muito gostoso poder passar para sua filha ou filho esse hábito." Não seria exagero afirmar também que, por trás da aparente leveza lúdica do álbum, mera brincadeira, é possível entender alguns movimentos do mundo — e se você, mãe ou pai, quiser alguns bons argumentos para dormir tranquilo à noite, depois de ter torrado dinheiro com os pacotinhos, convém saber que as figurinhas têm utilidade educativa.

A FEBRE VOLTOU

Tradição desde 1970, o álbum da Panini tem novidades — e sabores salgados

INFLAÇÃO

O pacote com cinco figurinhas custa 4 reais. Em 2018, era vendido a 2 reais e, em 2014, a 1 real

PREPARE O BOLSO

Para completar os 670 cromos do álbum, é preciso gastar no mínimo 536 reais em pacotinhos, levando em conta que todas as repetidas seriam trocadas. Sem trocas, e com sorte, o custo ficaria em torno de 3 797 reais

RELÍQUIAS

Há, porém, uma novidade: oitenta cromos extras, de vinte atletas, nas cores bordô, bronze, prata e ouro. Estes, sim, são produzidos em menor escala (a proporção é de 1 para 100) e podem custar milhares de reais no mercado paralelo. Um exemplar dourado de **Neymar** estava avaliado em 9 000 reais

Ajudam, em primeiro lugar, a entender os movimentos inflacionários. Em 2014, o pacotinho com cinco cromos custava 1 real. Em 2018, saltou para 2 reais. Agora, bateu nos 4 reais. Ou seja: de uma Copa para outra houve aumento de 100% — no mesmo período, a carestia medida pelo IPCA, o índice oficial de preços do Brasil, foi de 25%. A editora justifica o aumento em decorrência da escassez de papel e da necessidade de equiparação aos preços internacionais. Olhando um pouco mais para trás: em 2002, o pacote saía por 0,50 real, e vinha com seis unidades, e não as atuais 5. Uma figurinha valia, então, há vinte anos, 0,083 real, um décimo do que vale agora. Dói no bolso do consumidor — na alma, não —, mas os donos das bancas de jornais e revistas sorriem: de cada 4 reais, eles embolsam 1,20 real.

Colecionar serve também para aferir probabilidades. O matemático paranaense Guilherme Miguel Rosa, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFP), publicou em 2019 um trabalho de conclusão de curso com uma ideia insólita: “O problema do colecionador de cupons: quanto custa completar o álbum de figurinhas da Copa do Mundo”. Rosa, que mantém no YouTube o canal *Matemática em Exercícios*, refez os cálculos para 2022. Para fechar sozinho todos os 670 espaços, sem ninguém para trocar, gastam-se 3 797 reais. Usando-se o recurso (que muitos consideram um anátema) de comprar quarenta figurinhas faltantes direto na editora, o valor cai para 1 504 reais. A troca com um único amigo resulta em desembolso de cravados 2 524 reais. Se é o caso de pôr outras dezenove pessoas na roda, o valor chega a razoáveis 991 reais. Ou seja: a mania, para além da agradável divisão de uma atividade com amigos, representa economia.

Mas o que vale mesmo, e está no ar, insista-se, é o aspecto sentimental e saudosista de colar, colar e colar… O engenheiro civil César Cosentino, de 31 anos, não faz outra coisa com o filho Dante, de 4, desde o lançamento do álbum. “Minha mulher e eu sempre incentivamos a leitura e incluímos os álbuns nos ‘livros’ do Dante, ele adora folhear as edições antigas”, diz Cosentino. “Ele, inclusive, já conhece a maioria das bandeiras dos países por causa disso. Está tão ansioso quanto eu para esta Copa começar, mas ele ainda não tem um jogador favorito, gosta mesmo é quando sai figurinha brilhante.” Em 2018, quando o menino nasceu, o quarto da maternidade virou ponto de troca.

O evidente calor humano em torno das figurinhas naturalmente faria brilhar os olhos e a pena de bons escritores. Não por acaso, os cromos são o pontapé inicial de um clássico da literatura infantojuvenil, *O Gênio do Crime*, escrito em 1969 por João Carlos Marinho, e que desde então vendeu mais de 1 milhão de exemplares, de geração para geração. Começa assim: “Era um mês de outubro em São Paulo, tempo de flores e dias nem muito quentes, nem muito frios, e a criançada só falava no concurso das figurinhas de futebol. Deu mania, mania forte, dessas que ficam na cabeça da gente e não deixam pensar em mais nada. Quem enchia o álbum ganhava prêmios bons e jogava-se abafa pela cidade: São Paulo estava de cócoras batendo e virando. Batia-se de concha, de mão mole, de quina, com efeito, de mão dura, conforme o tamanho do bolo, o jeito do chão e o personalíssimo estilo de cada um”.

A trama policialesca do romance começa com a busca desesperada — nas mãos de um cambista, por valor aviltante — de um cromo de Rivellino, difícil de achar. O jornalista Marcelo Duarte, o criador do *Guia dos Curiosos*, encantado com o livro de Marinho, que atravessou sua pré-adolescência, cismou que um dia iria homenageá-lo. E assim fez, com *O Mistério da Figurinha Dourada*. “Colar figurinhas no álbum é como um ritual”, diz Duarte. “Meu pai é quem as grudava, com cola Tenaz, porque o álbum rasgava, não era fácil, não era coisa de criança”, lembra. “Depois vieram as colas em bastão e agora as autoadesivas, o que faz toda a diferença.” Pode não parecer, mas colecionar figurinhas tem hierarquia. É assunto sério, seriíssimo. Aliás, tem alguém aí com a figurinha extra, dourada, do Neymar, que andam vendendo pela internet por exagerados 9 000 reais? ■

EMBALO Fone e foco: batidas eletrônicas e violões dedilhados auxiliariam na fixação de informações durante o estudo

JÁ OUVIU ESSE SOM?

Canais que oferecem melodias e ruídos que ajudariam a relaxar, estudar e se concentrar fazem cada vez mais sucesso. A ciência investiga o que há de verdade nessas promessas **PAULA FELIX**

UMA BATIDA eletrônica mesclada de instrumentos suavemente dedilhados embala os pensamentos de quem busca concentração para estudar. Se o desejo for relaxar, o barulho da chuva caindo ou o da cachoeira pode ajudar. Caso a necessidade seja de adormecer, a sugestão é deixar-se levar pelos sons de sussurros, estalos e o da fricção de objetos. Em um mundo afetado pelos ruídos caóticos do trânsito, das obras, das falas altas e agitadas, da barulheira do cotidiano, brota um novo meio de acalmar alma e coração: são as playlists, canais no YouTube e aplicativos que oferecem trilhas sonoras destinadas a facilitar a execução de ações cotidianas. Cada vez mais populares, esses recursos prometem o alívio das tensões e a recuperação da energia necessária para dar conta de tanta coisa.

Os números impressionam. Apenas o Lofi Girl, canal no YouTube que toca ininterruptamente sequências de hip-hop que supostamente contribuiriam para aumentar a concentração nos estudos, tem 11,3 milhões de assinantes. Nos serviços de streaming de música, o sucesso de projetos semelhantes também é grande. Há diversos painéis dedicados às playlists de bem-estar, relaxamento e sono. A seleção "peace-

BARULHINHO BOM

A melhor trilha para:

Concentração

CHUVA

CACHOEIRA

ONDAS DO MAR

Trabalhar

Melodias com sessenta batidas por minuto. Indicações de composições:

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685- 1750)

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)

Ler e escrever

MÚSICA INSTRUMENTAL

Relaxar

ASMR (resposta sensorial autônoma do meridiano)

SUSSURROS

SONS DE TESOURA CORTANDO CABELO

BARULHO DE PAPEL

FRICÇÃO DE OBJETOS EM UM MICROFONE

Fontes: *Universidade de Essex; Vaughn College of Aeronautics and Technology*

FILIPPO BACCI/E+/GETTY IMAGES

ISTOCK/GETTY IMAGES

PLOC PLOC Barulho de plástico-bolha: a estratégia estimularia emoções boas

ful piano", do Spotify, soma 6,5 milhões de seguidores, que têm à disposição catorze horas de música. A "deep focus", voltada para aumentar a atenção, entrou para a lista de favoritos de 3,7 milhões de ouvintes.

O interesse crescente provocou a ciência a investigar o que há de verdade nos eventuais benefícios dos sons. Os estudos sugerem, de fato, a existência de efeitos positivos. Em um deles, publicado no periódico científico *Frontiers in Psychiatry*, a chamada estimulação auditiva foi considerada ferramenta promissora para a manipulação de processos cognitivos e modulação dos estados de humor. Contudo, o trabalho também registrou a ressalva de que são necessárias investigações mais profundas. Entre os alvos escolhidos, estão os batimentos auditivos binaurais, um fenômeno perceptivo que ocorre quando dois tons com ligeira diferença na frequência são apresentados simultaneamente aos ouvidos. Eles seriam capazes de influenciar a cognição e os estados mentais, melhorando a concentração.

Uma revisão de 22 pesquisas sobre o tema publicada na revista científica *Psychological Research* apontou eficácia na técnica e concluiu que os resultados são superiores quando a exposição ocorre também antes de determinada tarefa. A outra modalidade que se encontra sob escrutínio científico é a Resposta Sensorial Autônoma do Meridiano (ASMR), emissão sonora conhecida por causar formigamentos e comichões em quem a escuta. Nesse caso, os sons são pontuais, como o de corte de cabelo ou o de plástico ou papel sendo amassados. Em 2018, quando mais de 13 milhões de vídeos de ASMR circulavam pelo YouTube, a Universidade de Sheffield, na Inglaterra, mostrou que a técnica reduzia a frequência cardíaca e aumentava as emoções positivas.

As hipóteses para os possíveis benefícios incluem desde o efeito estimulante dos sons até a ativação, por eles, de centros cerebrais associados ao processamento das emoções. "A música melhoraria o rendimento pelo efeito emotivo", diz o neurologista Lúcio Huebra, do Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo. "Como a execução das atividades envolve sentimentos, ela seria beneficiada pelos sons." Ainda há muito a ser explicado sobre o assunto, porém. É preciso saber, por exemplo, se a profusão de sons terapêuticos não teria o efeito reverso se usada em demasia. Enquanto as respostas não chegam, a receita para relaxar, estudar ou trabalhar melhor deve incluir o básico da cartilha para uma mente saudável: exercícios físicos e tempo para o descanso do cérebro. A trilha sonora será sempre coadjuvante. ■

PROFISSÃO: REPÓRTER

Livro reúne reportagens escritas por Billy Wilder antes de se tornar uma lenda em Hollywood e mostra por que o jornalismo pode ser útil na criação cinematográfica **ANDRÉ SOLLITTO**

HUG/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

OBSERVADOR Talento com as palavras: ele capturou o espírito do tempo

NO EXTRAORDINÁRIO *A Montanha dos Sete Abutres,* clássico do cinema lançado em 1951, o diretor americano de origem polonesa Billy Wilder (1906-2002) revela como a narrativa jornalística muitas vezes se beneficia da espetacularização de dramas humanos. Wilder sabia o que estava falando. Antes de se consagrar nas telas com obras-primas como *Pacto de Sangue* (1944), *Crepúsculo dos Deuses* (1950) e *Quanto Mais Quente Melhor* (1959), ele trabalhou como repórter — e dos bons. Durante um dos períodos mais efervescentes da Europa, no fim dos anos 1920, foi um profissional que sujava o sapato correndo atrás de boas histórias. Agora, sua faceta menos conhecida é tema de *Billy Wilder: um Repórter em Tempos Loucos* (DBA Literatura), coleção organizada por Noah Isenberg, pesquisador da Universidade do Texas.

Nascido na Polônia, Wilder e família se mudaram para Viena em busca de ares cosmopolitas. Foi lá que o jovem, com 18 anos recém-completados, começou a carreira de jornalista. Por pura insistência, depois de tanto bater à porta de um tabloide local, Die Bühne (“O Palco”), acabou contratado mesmo sem experiências pregressas na área. E assim, na segunda década do século XX, começou a circular entre artistas da vibrante cena cultural de uma Viena ainda marcada pelo assombro da I Guerra. Ousado e confiante, conseguiu acesso a nomes relevantes. Em uma entrevista à edição americana da revista *Playboy,* em 1963, gabou-se de ter conversado com “Sigmund Freud, seu colega Alfred Adler, o roteirista e romancista Arthur Schnitzler e o compositor Ri-

DOMINIQUE BERRETTY/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

AGITO Café em Berlim nos anos 1920: a vida cultural era o foco de seus textos

ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

SOMBRIO Propaganda de Hitler: Wilder foi viver nos EUA para fugir do nazismo

chard Strauss. Em uma manhã", disse ele. Nenhuma dessas reportagens sobreviveu, mas as outras que preenchem o livro mostram seu talento para a observação de costumes e o retrato de grandes personagens.

Entre outros feitos, Wilder acompanhou a passagem da trupe britânica de dançarinas Tiller Girls por Viena e a chegada do bandleader Paul Whiteman, conhecido como o "rei do jazz". Encantado com Whiteman, o futuro diretor embarcou com o grupo de músicos e seguiu rumo a Berlim. Foi lá que produziu algumas de suas maiores reportagens, como a série em que relata sua experiência como dançarino de aluguel na agitada noite da República de Weimar. Entrevistou também Cornelius Vanderbilt Jr., herdeiro e magnata do jornalismo, e Edward VIII, príncipe de Gales.

A coletânea permite compreender por que o jornalismo esteve tão presente na jornada cinematográfica de Wilder. Películas como *A Montanha dos Sete Abutres* e *A Primeira Página* são grandes tratados sobre o trabalho da imprensa. Por sua vez, *Quanto Mais Quente Melhor* é uma referência direta aos passos e descompassos das Tiller Girls. Não é exagero dizer que a precisão com que construía personagens no cinema foi moldada por suas reportagens. "Wilder tinha talento para a escrita", disse a VEJA Noah Isenberg. "Em poucas palavras, ele oferece um panorama fiel e o leitor tem uma boa sensação de como era o mundo naquela época."

Cinema e jornalismo têm conexão entre si. O americano Stanley Kubrick, diretor de *2001: uma Odisseia no Espaço,* foi repórter fotográfico, o que provavelmente o levou a enxergar o que ninguém mais via — e levar seu olhar único para os enquadramentos inovadores que marcaram seus filmes. O francês François Truffaut, pai da Nouvelle Vague, foi crítico de cinema da lendária revista *Cahiers du Cinéma*. "A necessidade de escrever o impulsiona a melhorar e o obriga a fazer uma ginástica mental. É quando você tem de resumir um roteiro que percebe suas fraquezas ou sua força", disse Truffaut. Na II Guerra, cinco ilustres diretores — John Ford, William Wyler, John Huston, Frank Capra e George Stevens — foram escalados para fazer documentários e inspirar soldados contra as forças inimigas.

Além de oferecer a perspectiva histórica, as reportagens de Wilder continuam atuais. No texto "A arte dos pequenos ardis", publicado em 1927, faz uma defesa, em tom jocoso, do ensino da mentira como disciplina obrigatória nas escolas, pois assim ela "não seria um privilégio dos poucos que têm uma predisposição natural nesse campo". E acrescentou: "Em duas ou três décadas, as mentiras serão vistas como um implemento indispensável ao nosso cotidiano". Em tempos de *fake news* e debates políticos que ignoram qualquer relação com a realidade, as palavras de Wilder não poderiam ser mais oportunas. ■

PAS DE DEUX FASHION

O desejo por roupas confortáveis aliado à nostalgia do romantismo traz de volta modelos inspirados no figurino do balé. E dessa vez com peças também para os homens **CILENE PEREIRA**

A MODA é conhecida por ser um retrato vivo do tempo. As roupas, os calçados e os acessórios quase sempre são representações dos desejos de populações inteiras ou de grupos distintos, mas sempre revelando pensamentos muito próprios de sua era. Essa é a principal explicação para a incrível tomada do palco fashion neste momento pela inspiração do balé, a arte que exala leveza. Em meio a guerras, Covid-19, varíola dos macacos e outras desgraças, transportar-se ludicamente por meio de um elemento do figurino para o ambiente de sonho dos passos ritmados, do *pas de deux*, dos giros no ar e do corpo equilibrado na ponta dos pés é pausa atraente e bem-vinda.

O encantamento pela figura dos bailarinos está expresso em coleções de primavera-verão 2023 apresentadas por algumas das casas tradicionais da alta-costura, como Dior e Chanel, e pelas mais novatas. A italiana Miu Miu e a grife da irlandesa Simone Rocha, por exemplo, mostraram criações repletas de referências aos corpetes que destacam as curvas da silhueta, às sapatilhas de ponta e, especialmente, às saias tutu. Em geral feitas de tule ou renda, são elas em boa medida as responsáveis pelo espetáculo visual proporcionado a partir dos movimentos delicados e precisos das dançarinas. Os modelos da britânica Molly Goddard, ao contrário, são mais literais. Vestidos e saias terminam em sobreposições esvoaçantes, como as que encantaram os espectadores que viram pela primeira vez uma bailarina vestida *comme il faut*. O ano era 1832 e a artista pioneira foi Marie Taglioni, uma das maiores de todos os tempos. Depois de sua apresentação, seu figurino totalmente em sintonia com o romantismo que pautava as artes plásticas, a música e a literatura se tornou o padrão de elegância nos palcos.

O curioso é que, desde então, de tempos em tempos o balé vira a inspiração para a moda, e vice-versa. Coco Chanel, a estilista francesa que fundou a grife de mesmo nome, desenhou vestidos de tule nos anos 1930 após se apaixonar pelas roupas dos bailarinos. Cerca de trinta anos depois, lá estavam as sapatilhas nos pés de mulheres como Jacqueline Kennedy, símbolo de refinamento na década de 60. Em 2013, as mãos se inverteram. A inglesa Vivienne Westwood, a criadora das modas punk e new wave dos anos 1980, assinou o figurino dos integrantes do Balé de Viena, na Áustria, para a apresentação que fizeram nas festas do final daquele ano. Podia-se ver em várias peças os toques irreverentes de Vivienne, como estampa xadrez e golas um tanto rebuscados. Mas a essência da vestimenta do balé, caracterizada pela roupa fluida que dá liberdade aos movimentos do corpo, estava lá.

SÓ FALTA A DANÇA
Look de Simone Rocha: sapatilhas, saias sobrepostas e presilhas no cabelo

IMAX

@HARRY_LAMBERT

PIERRE SUU/GC IMAGES/GETTY IMAGES

NO PALCO E NA RUA Elegância de Harry Styles e Jennifer Lopez: preferência por peças que facilitem os movimentos

Na versão 2022-2023, a dança da moda mantém todos esses elementos, mas vai um pouco além do que foi visto até agora. No look exibido recentemente pela atriz e cantora Jennifer Lopez, com direito a sapatilhas, o vestido ganhou ares mais esportivos com a adição de punhos marcados. Além disso, a inspiração finalmente chegou ao guarda-roupa masculino, representada em macacões colados ao corpo, como o usado pelo cantor e ator Harry Styles em uma das apresentações de sua turnê mundial. Não era sem tempo. A beleza do balé e tudo o que ela estimula não têm gênero. Vaslav Nijinsky, Rudolf Nureyev e Mikhail Baryshnikov, para citar alguns dos mais famosos bailarinos do mundo, já deixaram isso claro, em piruetas que não cessam. O bem-vestir e os passos bonitos andam juntos. ■

INSTAGRAM @VALENTINO200

OUSADIA Bailarinas do Balé de Viena, em 2013: estampas no conjunto criado por Vivienne Westwood

ARQUIVO PESSOAL

NO JARDIM DE CASA Sergio e Macarena, da Viñateros: fabricação doméstica

UM BRINDE À CONTRACULTURA

Produtores artesanais criam vinhos únicos que fogem das padronizações do mercado. O Brasil entra na onda ao sediar as maiores feiras do setor na América Latina **ANDRÉ SOLLITTO**

NO RAMO das bebidas, os produtos autorais costumam ser associados apenas a cervejas ou cachaças. Tanto é assim que os itens artesanais viraram febre nos últimos anos e levaram entusiastas a fabricar os próprios rótulos domésticos. Agora, a novidade chega ao universo dos vinhos. Após passar treze anos trabalhando no premiado grupo Ventisquero, o enólogo chileno Sergio Hormazabal decidiu seguir carreira-solo — na verdade, junto com a mulher, a paisagista Macarena Guzman, e os dois filhos — e criar a Viñateros de Raiz, uma pequena vinícola instalada no jardim de sua casa em Melipilla, a 70 quilômetros de Santiago. Ele diz que a ideia é priorizar questões ambientais. Além de adotar técnicas de agricultura regenerativa, produz todas as uvas de forma orgânica. Graças a essas iniciativas, e obviamente à qualidade de seus vinhos, Hormazabal vem conquistando boas pontuações com as bebidas que produz. O enólogo foi um dos trinta produtores que participaram da primeira edição da feira VinAu, realizada em São Paulo na última semana. Centrado em pequenas vinícolas e rótulos artesanais chilenos, o evento marca o lançamento da nova edição do *Guía Vinau,* criado pelo reputado sommelier Francisco Zúñiga e que destaca apenas vinhos autorais.

Trata-se de um movimento crescente de enólogos e produtores de diversos países que estão mesclando métodos antigos de produção de vinhos com um olhar moderno sobre a bebida. O vibrante fenômeno tem resultado em vinhos fora da curva. As raízes dessa corrente vieram, como não poderia deixar de ser, da França. Um grupo de viticultores liderado por Marcel Lapierre passou a cultivar uvas sem insumos químicos e

PRATELEIRA EXCLUSIVA

Alguns dos produtos disponíveis

	PX#1 2019
PRODUTOR	Colectivo Mutante
PAÍS	**Chile**
UVAS	Pedro ximenez, usada na produção de xerez
CARACTERÍSTICAS	***Possui acidez alta e aromas cítricos e de ervas secas como tomilho***

TRADIÇÃO
Métodos manuais: os produtores revivem técnicas do passado

MORSA IMAGES/GETTY IMAGES

com baixa intervenção ainda na década de 80. As garrafas começaram a se espalhar pela Europa e, depois, pelos Estados Unidos. Pouco a pouco, outros enólogos seguiram caminhos parecidos. Agora, a cena autoral é ampla, com variedade de nomenclaturas e diferentes tipos de terroir. Há os vinhos naturais feitos com uvas de agricultura orgânica fermentadas espontaneamente por leveduras selvagens e nada mais, além de processos de vinificação natural, em que nenhum aditivo é adicionado às uvas.

O Brasil entrou na onda. A Vivente Vinhos Vivos, do Rio Grande do Sul, é uma iniciativa dos sócios Diego Cartier e Micael Eckert, que trocaram a carreira no mercado de cerveja artesanal para fundar a primeira vinícola natural do país. Segundo eles, a empresa tornou-se referência por oferecer rótulos sempre novos, fiéis à colheita daquele ano. “O vinho natural é uma forma de contracultura e expressa o que foi cada safra e as características do terroir”, afirma Cartier. “Trata-se de um produto vivo e que vai muito além dos aspectos sensoriais. Não há padronização e existe cuidado e respeito com a natureza, o tempo e a saúde”, garante o empresário.

A maior feira do setor na América Latina, a Naturebas, tem o Brasil como palco. A iniciativa surgiu em 2013 como um desdobramento das atividades da Enoteca Saint VinSaint, em São Paulo, de Lis Cereja, que aposta na agricultura orgânica e oferece menus sazonais. “Nós estávamos cansados de não ter nenhuma iniciativa de vinhos naturais e levantamos a primeira edição em apenas um mês”, pontua Lis. A feira cresceu desde então e passou a oferecer um mapeamento dos produtores brasileiros que trabalham de forma artesanal e natural. Em 2022, a Naturebas será realizada pela primeira vez no Uruguai, como parte de uma tentativa de unificar o cenário na América Latina. Para quem busca sabores europeus, há no mercado brasileiro importadoras como a De La Croix, de rótulos franceses. Além disso, os vinhos naturais vêm ganhando espaço nas cartas de restaurantes de ótima reputação. Com todas essas iniciativas, o momento parece ser ideal para quem pretende se aventurar pelo universo dos rótulos autorais, formado por pequenos produtores que valorizam a vinificação artesanal. Não há dúvida: a contracultura do vinho é uma viagem saborosíssima. ■

LOUP Y ES-TU? 2021

Domaine de l'Hortus

França

Muscat, chardonnay e viognier cultivadas de forma sustentável

Fresco, com aroma de frutas cítricas e flores brancas

BARBERA 2021

Vivente Vinhos Vivos

Brasil

Barbera

Aromas e sabores de frutas vermelhas e notas de especiarias

SIMPLE ORANGE PET NAT

Nakkal Wines

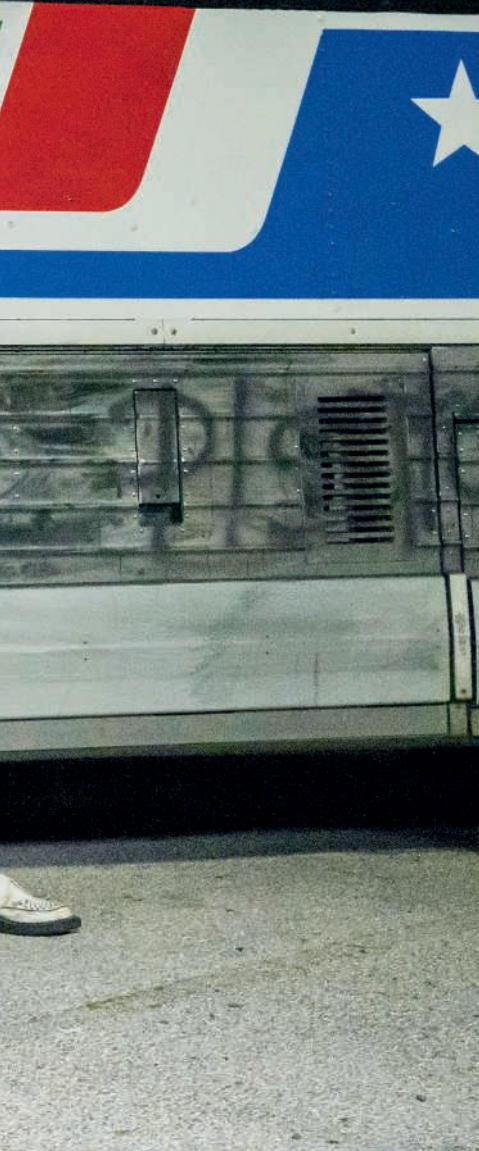
Uruguai

Moscatel, sauvignon blanc e viognier

Pét-nat (espumante natural), possui aromas de frutas tropicais e acidez elevada

REBELDIA DE BUTIQUE

Na minissérie *Pistol*, o diretor Danny Boyle recria com brio a saga da banda que simbolizou o movimento punk — e atesta que essa barulhenta revolução do rock foi totalmente fabricada

FELIPE BRANCO CRUZ

STAR+

Corria o ano de 1977, e no Reino Unido só se falava do Jubileu de Prata da rainha Elizabeth II. O agitador cultural Malcolm McLaren (Thomas Brodie-Sangster) precisava criar um fato forte para chamar a atenção dos jornais para o Sex Pistols, grupo musical inventado por ele com jovens desajustados e niilistas, mas claramente sem talento. Em 7 de junho daquele ano, em pleno feriado do jubileu, McLaren levou a cabo sua ideia mais ousada: ancorou um barco no meio do Rio Tâmisa, em frente ao Parlamento britânico, e pediu que Johnny Rotten (Anson Boon), Steve Jones (Toby Wallace), Paul Cook (Jacob Slater) e Sid Vicious (Louis Patridge) tocassem *God Save the Queen*, canção com o mesmo título do hino do país, mas letra nem um pouco simpática à monarca: "Deus salve a rainha / E seu regime fascista / Ela faz de você um idiota", diziam os versos de abertura. Quando o grupo finalmente desembarcou, ninguém foi preso: apenas houve uma repreensão verbal da educada polícia londrina. Indignado com tamanha cortesia (que não renderia manchetes), McLaren ofendeu os policiais e tentou agredi-los — até que conseguiu ser algemado e preso. No dia seguinte, não deu outra: os Sex Pistols eram tão falados quanto a rainha. A novata banda atingiria o primeiro lugar das paradas.

DESAJUSTADOS Boon, Patridge, Wallace e Slater como os integrantes do grupo: anarquia na Inglaterra

RB/REDFERNS/GETTY IMAGES

BANDA REAL Os Pistols de verdade em ação: molecagem na festa da rainha

A célebre molecagem detonou a explosão do punk, um dos movimentos mais ruidosos do rock, na Inglaterra dos anos 1970. Quarenta e cinco anos depois, coincidentemente neste 2022 que marca mais um jubileu de Elizabeth II, a cena é recriada pelo diretor Danny Boyle na minissérie ***Pistol***, que estreia nesta quarta-feira, 31, na plataforma Star+. Com roteiro baseado no livro autobiográfico do guitarrista Steve Jones, *Lonely Boy: Tales from a Sex Pistol,* a série mostra esses e outros momentos antológicos do grupo que entraria para a história como o suprassumo da rebeldia punk.

Boyle narra a saga dos Sex Pistols não só com a direção ágil ou os enquadramentos pouco óbvios de praxe: ele é, sobretudo, alguém que viveu sua juventude no período. Assim como em *Trainspotting* (1996), seu clássico retrato da geração das raves, Boyle infunde a realidade punk com certa euforia delirante — e por vezes trágica. Encontra um excelente fio condutor na relação entre Jones e McLaren. À época com 31 anos, McLaren queria sacudir a sociedade britânica e teve como marionete de seu plano Jones, um analfabeto funcional que vivia furtando a loja de roupas Sex, fundada pelo empresário e sua esposa, a estilista Vivienne Westwood (Talulah Riley). Na cabeça de McLaren, a música era o que menos importava: a fagulha revolucionária do punk estava na atitude rebelde e no lema do "faça você mesmo", que dava a qualquer jovem sem formação musical o direito de fazer barulho sem pudor.

“ELE ERA UM MARQUETEIRO”

O inglês Thomas Brodie-Sangster falou a VEJA sobre Malcolm McLaren e a minissérie *Pistol*

Um novo McLaren poderia surgir e revolucionar a música hoje? Se surgisse alguém querendo ser uma versão moderna de Malcolm McLaren não funcionaria, porque soaria falso e ele não era nada disso. Era um marqueteiro muito bom, isso sim. Um novo McLaren teria de ser autêntico, tal como a energia punk, e fazer algo completa e escandalosamente diferente do que já foi feito.

A série foi lançada durante o Jubileu de Platina da rainha. O que achou da coincidência? Não sei se foi intencional ou não, mas Londres está bastante patriótica nos últimos meses. A magia dos Pistols era dizer: você pode ser o que quiser. E esse sentimento ainda é muito forte no Reino Unido. Nos anos 1970, os punks vendiam a ideia de que você não precisava ser um produto da geração anterior, traumatizada pela II Guerra — você poderia ser diferente. A ideia é tão sedutora que marcaria as gerações seguintes.

John Lydon tentou proibir o uso das músicas dos Sex Pistols na série. O espírito brigão da banda continua igual? Entendo o ponto de vista do Johnny, mas a série não é um documentário. É algo dramatizado. Haverá coisas que agradarão a alguns e outras, não. A memória é uma fonte de informação muito ruim, especialmente se você estava sob o efeito de drogas e álcool e Deus sabe o que mais.

STAR+

ULTRAJE Brodie-Sangster como McLaren: retrato afiado do mentor dos Pistols

Aplicada na criação e promoção do Sex Pistols, a tática deu certo — ainda que por um reinado efêmero. A banda durou três anos e lançou só um álbum, *Never Mind the Bollocks*. Apesar da existência curta e grossa, foi responsável por influenciar inúmeras outras bandas — essas, sim, talentosas. “É difícil imaginar um conjunto como o Sex Pistols surgindo hoje, especialmente porque não existiria a indústria musical atual se não fossem esses caras”, disse a VEJA o ator Jacob Slater, que faz as vezes do baterista Paul Cook. Faz sentido: se musicalmente os Pistols viraram só uma relíquia do passado, a lógica da rebeldia fabricada para repercutir e trazer sucesso seria copiada e aperfeiçoada por toda sorte de gênero, das boy bands ao rap. O que torna o marqueteiro McLaren, vivido com brio por Thomas Brodie-Sangster *(confira a entrevista à esq.)*, o grande herói do punk.

REPRODUÇÃO

CÉREBROS McLaren e Vivienne Westwood: os craques por trás da imagem rebelde e da moda punk

Fazer pose de rebelde não era tão difícil para os integrantes da banda. Eles travavam intensas brigas — e continuam se estranhando até hoje: Johnny Rotten não aprovou o roteiro e disse que a série vai contra tudo em que eles acreditavam. Mas, mesmo aos trancos e barrancos, a banda poderia ter durado mais alguns anos se Sid Vicious não tivesse morrido aos 21 de overdose de heroína, após ter sido acusado de matar a facadas a namorada Nancy Spungen (Emma Appleton). Atualmente, a atitude subversiva do punk sobrevive em ritmos como o rap e o funk. É na moda, contudo, que sua herança se faz presente com mais força. E muito disso se deve à mítica loja de roupas Sex e sua dona, Vivienne Westwood, de 81 anos. Foi ela quem criou o símbolo da anarquia, que se tornaria tão popular quanto a foice e o martelo do comunismo. “Sem Vivienne, não haveria punk”, diz Talulah Riley, que a vive na série. Como se vê, era tudo uma questão de imagem. ■

PELO DIREITO DE SONHAR

Marte Um cativa com a história da família de um menino negro que deseja ser astrofísico — um retrato tocante do Brasil humilde que só rende elogios ao novato diretor mineiro Gabriel Martins

EMBAÚBA FILMES

O CÉU É O LIMITE Deivison e sua família: cotidiano de durezas e ambições

EM FRENTE ao computador, o garoto Deivison (Cícero Lucas) assiste fascinado a uma entrevista do astrofísico Neil deGrasse Tyson no YouTube. Em seguida, vê o anúncio de uma palestra fictícia no Brasil com o famoso cientista americano. Mas o valor do ingresso é salgado para os padrões financeiros de sua família negra, humilde e moradora de uma periferia em Contagem, Minas Gerais: 550 reais. Ciente de sua realidade, o menino engole a seco o desejo de se aproximar do ídolo e conversar sobre seu sonho de participar de uma missão da Nasa a Marte em 2030 — ou, acima de tudo, tornar-se um astrofísico. A ambição de Deivison é só uma das quatro histórias de resiliência exploradas com frescor notável em ***Marte Um*** (Brasil/2022), em cartaz nos cinemas.

O filme acompanha o cotidiano da família Martins, composta por pessoas simples, mas com personalidades marcantes. O pai, Wellington (Carlos Francisco), é o porteiro mais antigo de um condomínio de luxo, e vive confortável com seu salário mínimo. Zeloso do futuro dos filhos, ele quer ver Deivison, que brilha nas quadras de futebol de várzea, defendendo a camisa do Cruzeiro profissionalmente. A mãe, Tércia (Rejane Faria), faz faxina nas casas de endinheirados e só espera viver em paz dia após dia. Já a filha mais velha do casal, Eunice (Camilla Damião), busca por uma liberdade que não encontra na moradia simples: a de assumir sua homossexualidade e morar com a namorada.

Na constelação do cinema brasileiro, o retrato social oferecido por *Marte Um* está mais próximo de um *Central do Brasil* (1998), com sua visão pungente mas esperançosa das camadas de baixa renda, que da exposição das mazelas e da violência à queima-roupa de um *Cidade de Deus* (2002). O fato de uma família negra estar em foco — e de o próprio diretor mineiro Gabriel Martins ter raízes afro-brasileiras — coloca inevitavelmente em cena as dificuldades desse enorme contingente da população, da dureza da vida ao, sobretudo, racismo. A trama, no entanto, não joga esses problemas na cara do espectador, nem assume um olhar engajado: a discriminação paira no ar como um mal-estar sutil, ainda que sempre presente.

Com essa conjunção astral entre personagens carismáticos e uma mensagem social fértil, *Marte Um* tornou-se um daqueles filmes pequenos de alto impacto. Após estrear em Sundance, passou por outros festivais colhendo elogios e, na semana passada, ganhou o Prêmio do Júri em Gramado. "Eu quis juntar todas essas questões da crise de identidade brasileira em meio ao caos político do país, evidenciando o verdadeiro protagonista: o afeto", diz Martins. Em seu primeiro filme-solo, ele mostra que as famílias humildes conservam uma força que a violência retratada no noticiário não consegue apagar: o direito de sonhar. ■

Kelly Miyashiro

UNIVERSAL PICTURES

FAROESTE ALIENÍGENA

Em *Não! Não Olhe!,* Jordan Peele vai além do terror racial para explorar novos meandros do filão — enquanto discorre sobre as delícias e as agruras da arte de fazer cinema **RAQUEL CARNEIRO**

UM GRUPO INUSITADO, formado por dois irmãos fazendeiros, um vendedor de uma loja de eletrônicos e um cineasta excêntrico, conversa na cozinha de um rancho próximo a Los Angeles, na Califórnia. Eles acabam de traçar um plano audacioso para registrar a presença de uma nave alienígena que vem sobrevoando o local, sem que se saiba ao certo se ela veio para cá em missão de paz. Derrotar ETs é uma tarefa corriqueira no cinema hollywoodiano — especialmente para exaltar o poder armamentista dos Estados Unidos. Em ***Não! Não Olhe!,*** em cartaz nos cinemas, no entanto, os protagonistas não querem posar de papel de salvadores da pátria: o quarteto quer simplesmente filmar o tal óvni para mostrar ao mundo que ele existe. Assim, o grupo faturaria com a fama caso as imagens viralizassem. Se os alienígenas se revelarem hostis à humanidade, fica claro, não é problema deles.

O terceiro filme de Jordan Peele, dos explosivos *Corra!* (2017) e *Nós* (2019), oferece um painel das durezas do ofício de fazer cinema, mas é também um comentário irônico sobre a dependência obsessiva do mundo atual por estar conectado a aparelhos eletrônicos: todos eles deixam de funcionar quando a força alienígena se aproxima, dificultando o registro almejado pelo grupo. A situação vai ficando cada fez mais problemática. Sem celulares, o isolamento do rancho e a vulnerabilidade de seus moradores ganham outra dimensão: a possibilidade de sucumbir ao invasor, torna-se ainda mais assustadora quando o perigo não tem rosto e a falta da vítima nem mesmo será sentida.

Não! Não Olhe! mantém o currículo do diretor nova-iorquino irretocável, enquanto expande o alcance de seu domínio narrativo. Ao sair da zona de

GLEN WILSON/UNIVERSAL PICTURES

INVENTIVO Peele: o primeiro negro a ganhar o Oscar de roteiro original

UNIVERSAL PICTURES

TESTEMUNHAS Daniel Kaluuya, Keke Palmer e Brandon Perea *(acima):* o grupo almeja registrar a presença do óvni *(à esq.)* surgido em seu quintal, na Califórnia

conforto do terror racial, subgênero que o fez conhecido, Peele abraça um amálgama peculiar que vai da ficção científica ao faroeste, culminando no tecno-horror — substrato da ficção no qual a paranoia com a tecnologia é parte fundamental do medo. A liberdade de experimentação é termômetro da segurança daqueles que já provaram do sucesso. Aclamado, Peele agora se dá o direito de ser mais que um ativista com uma câmera na mão: aos 43 anos, ele é um exímio cineasta, capaz de produzir entretenimento provocativo da melhor qualidade.

Em um passado não muito distante, porém, o diretor era um roteirista e comediante inexpressivo. Esse status mudou radicalmente com sua estreia na direção, *Corra!* (2017), que o consagrou como o primeiro (e ainda único) negro a ganhar o Oscar de roteiro original. O filme sobre a relação de um rapaz negro e uma moça branca sacudiu os padrões do terror psicológico ao adicionar racismo à sua fórmula. Em *Nós*, Peele elevou a régua da complexidade filosófica: uma família negra de férias é perseguida por seres sinistros de outra realidade.

Não! Não Olhe! aprofunda seu humanismo peculiar. O filme segue o tímido OJ (Daniel Kaluuya) e sua irmã falante, Emerald (Keke Palmer, ótima), herdeiros de um rancho outrora importante para Hollywood por seus cavalos treinados, imprescindíveis no auge dos faroestes. A evolução dos efeitos especiais diminuiu a demanda por bichos de verdade, e o negócio entrou em decadência. A aparição do óvni assusta e anima a dupla na mesma proporção: se registrarem uma prova de vida alienígena, eles podem ficar ricos e célebres. As cenas filmadas por Peele perpassam referências de filmes antigos, de Alfred Hitchcock a M. Night Shyamalan. A homenagem reverbera também feridas da indústria do cinema — como a presença ínfima de negros nela por tanto tempo. Emerald lembra que a primeira captura de imagens em movimento, em 1878, registrava um homem negro cavalgando. Até hoje, sabe-se só o nome da égua, não o de seu condutor.

A internet transborda teorias sobre os filmes de Peele, fazendo paralelos com momentos históricos, mitos e até a *Bíblia*. O mesmo já ocorre com os aliens de *Não! Não Olhe!*. As respostas, contudo, se revelam cada vez mais parte da experiência particular de cada espectador. Um bom cineasta não entrega tudo de mão beijada. ■

KEVIN KOLCZYNSKI/UNIVERSAL ORLANDO RESORT/GETTY IMAGES

ALEGRIA DE FACHADA Jennette nos tempos da série de sucesso da Nickelodeon: fama indesejada e distúrbios mentais

TUDO SOBRE MINHA MÃE

Ex-estrela da série adolescente *iCarly* expõe em livro devastador um fenômeno tristemente comum: a exploração de talentos infantis por figuras maternas nocivas **GABRIELA CAPUTO**

JENNETTE McCurdy tinha 11 anos quando percebeu que estava crescendo. E se desesperou: crescer significava concorrer a menos papéis como atriz infantil. Debra McCurdy, sua mãe, ofereceu uma solução: dieta com restrição radical de calorias para adiar a puberdade. Em casa, tirava medidas corporais e continha o apetite de Jennette, enquanto mentia aos médicos sobre o baixo peso da filha. O legado foi duro: a garota lutou por anos com transtornos alimentares como anorexia e bulimia, além de ansiedade e vício em álcool. A memória de como navegou pela fama indesejada e manipulada pela mãe abusiva é narrada por Jennette, hoje aos 30, no devastador livro *I'm Glad My Mom Died* (Estou Feliz que Minha Mãe Morreu), recém-lançado nos Estados Unidos.

DAVID CROTTY/GETTY IMAGES

MUY AMIGA A atriz e Debra *(à esq.)*: alívio com a morte da mãe opressora

Conhecida pela personagem Sam Puckett na sitcom *iCarly*, da Nickelodeon, a ex-atriz americana expõe um drama que não é novidade no showbiz. As chamadas *stage mothers* (ou “mães de bastidor”) de Hollywood são uma versão moderna das “mães de miss”: determinadas a transformar as filhas em estrelas, comandam cada passo delas e, em muitos casos, o sonho vira uma obsessão exploratória. A trilha de traumas deixados por essas mães passa por Judy Garland (1922-1969): a protagonista de *O Mágico de Oz* fazia dietas e consumia pílulas de anfetamina por incentivo da matriarca — que, dizem, era apelidada por Judy de “a verdadeira Bruxa Má do Oeste”. Já Brooke Shields, atriz de *A Lagoa Azul*, foi altamente exposta na infância pela ambição da mãe: aos 10 anos posou

nua para a *Playboy* (sim, eram outros tempos); aos 13, interpretou uma prostituta infantil em *Pretty Baby — Menina Bonita*.

Poucas vezes se soube de uma trajetória infelizmente comum em detalhes tão impactantes como os expostos por Jennette. Ela conta que começou a carreira aos 6 anos, contra sua vontade. Na época, Debra era uma paciente de câncer em remissão e Jennette, a caçula de uma família com dificuldades financeiras. Logo cedo, a menina tomou para si a responsabilidade de salvá-los e de fazer a mãe feliz, acima de qualquer coisa. Narcisista e neurótica com a aparência da filha, Debra controlou cada passo de Jennette até a adolescência: dava-lhe banho, depilava suas pernas e fazia exames preventivos vaginais e de mama na menina. Quando chegou ao estrelato com *iCarly*, Jennette percebeu que odiava atuar e ser famosa. E o sentimento de culpa só aumentava. Por trás dos risos e piadas, havia uma jovem destruída.

Na Nickelodeon, seus distúrbios se intensificaram nas mãos de um produtor cruel. Mas isso era fichinha perto das diabruras maternas. Em 2013, Jennette perdeu Debra para o câncer. O luto, acompanhado de uma mistura de alívio e liberdade, veio ainda com a descoberta de que Debra havia mentido a vida inteira sobre o pai biológico da garota. Aos poucos, Jennette embarcou em processos terapêuticos para se curar dos traumas. Abandonou a carreira de atriz e hoje se arrisca como diretora e roteirista. Apesar de dilacerante, o relato é bem-humorado e atualmente lidera o ranking da Amazon americana. Jennette assume resignada que, sim, sente falta da mãe — mas sabe que seguiria prisioneira se ela fosse viva. ■

QUANDO O TEMPO DERRETE

De viagens aéreas a consultas, a noção de pontualidade acabou

ERA UMA VEZ, há muitos e muitos anos, uma época em que se pedia desculpas pelo atraso. Até se davam explicações. Hoje, quem vai pegar um avião não tem ideia de que horas realmente vai partir, e quando vai chegar. Os passageiros ficam esperando, esperando… Outro dia, cheguei a embarcar e permanecer uma hora dentro do avião. Sem saber o motivo. Sem ouvir nem sequer um pedido de desculpa. Antes, pelo menos, as companhias aéreas tentavam amenizar com explicações. Hoje, o jeito é engolir o sapo. A gente perde compromissos já agendados. E, principalmente, a paciência.

Médico também é campeão de atraso. Algumas consultas só acontecem uma ou duas horas depois do previsto. A secretária explica que o doutor “teve uma emergência”. Eu devo ser sorteado. Sempre chego quinze minutos antes, no mínimo. Fico sentado enquanto o tempo derrete. Recentemente, tinha uma consulta às 17 horas. Atrasou até as 18. Só que eu tinha um curso às 19. Resultado: meu horário se esfacelou. Não deu tempo de comer. Assisti ao curso de mau humor.

> “Horário nunca foi um dom do brasileiro. Ninguém aqui acha que quinze minutos é atraso”

São muitas as categorias que até apreciam o atraso, como tática de trabalho. Shows ao vivo, por exemplo. A gente entra. Senta numa plateia lotada. Espera e espera. O público aplaude. Bate os pés no chão. A certa hora, nunca se sabe quando, o artista se apresenta. Todo mundo perdoa, afinal foram lá para vê-lo. Ao partir, descubro que estou quadrado, de tanto ficar sentado.

A noção de horário nunca foi um dom do brasileiro. Eu lembro que, há décadas, fiz uma viagem de trabalho para a Holanda. No dia que atrasei dez minutos parecia que ia cair o mundo. Holandeses são pontuais, assim como boa parte dos europeus. Eles simplesmente não compreendiam que eu achava um atraso normal. Cá entre nós, ninguém aqui acha que dez, quinze minutos é atraso. Diga isso a um japonês. Cinco minutos em Tóquio é um absurdo!

Tive uma amiga para quem o tempo era absolutamente elástico. Marcava de sair para jantar às 20 horas. Oferecia uma carona. Às 20h45, quando eu ligava, dizia que já estava “chegando”. Às 21h30 explicava que o trânsito estava péssimo. Aparecia às 22h30. Já tinha esquecido da primeira desculpa e dava outra explicação.

Só tem algo pior que um atraso. É não ter horário mesmo. Há empresas que marcam, por exemplo, uma visita técnica. Avisam: “Ele vai chegar durante a tarde, mas não tem horário definido”. É incrível. A gente adia compromissos, desmarca dentista (outra categoria que atrasa). Espera-se a visita técnica por horas. Para muitas vezes ouvir: “O técnico teve um imprevisto, vai ter de remarcar para outro dia”. Dá vontade de engolir o celular de raiva.

Faz falta um pouco da gentileza de antigamente, quando se pedia desculpa, com explicações plausíveis. Ando tão neurótico com horário que outro dia cheguei a um compromisso pedindo mil desculpas pelo atraso. Só então notei que não havia mais ninguém. Eu chegara um dia antes! Pois é, de tanto me preocupar com pontualidade, já virei até motivo de piada. ■

DISCO

CHAOS IN BLOOM, **de Goo Goo Dolls (Warner, disponível nas plataformas de streaming)**

Dona do hit atemporal *Iris*, trilha do filme *Cidade dos Anjos* (1998), a banda americana Goo Goo Dolls tem quase quarenta anos de estrada e lança seu 13º álbum de estúdio. Intitulado *Chaos in Bloom*, o disco tem composições dos únicos fundadores remanescentes, Johnny Rzeznik e Robby Takac, que preservam a veia do rock e as baladas românticas que os consolidaram no cenário musical — mas agora com um toque mais dançante e letras sarcásticas que debocham das futilidades da nova geração, como na faixa *Yeah, I Like You*.

FACEBOOK @GOOGOODOLLS

CINQUENTÕES Os roqueiros da banda Goo Goo Dolls: românticos e dançantes

CINEMA

O LENDÁRIO CÃO GUERREIRO ***(Paws of Fury: The Legend of Hank*, Estados Unidos, 2022. Em cartaz)**

Numa região habitada por gatos, o líder local, Ika Chu, visa a expandir seu palácio e, para isso, ataca uma vila vizinha. Para reforçar a destruição, delega o cargo de samurai protetor ao atrapalhado beagle Hank, que, despreparado, é recebido com franca hostilidade — já que cães e gatos não deveriam ser amigos. Após convencer Jimbo, um ex-samurai, a treiná-lo, Hank consegue conquistar os aldeões e mostra que a coragem é a maior força de um guerreiro. A animação é um remake da sátira racial *Banzé no Oeste* (1974) — filme de Mel Brooks, que aqui assina a produção executiva —, em que um xerife negro trabalhava numa cidade de brancos. Com uma narrativa que ironiza o cinema e diálogos divertidíssimos, o filme família exalta a amizade e a superação dos preconceitos herdados de outrora.

PARAMOUNT PICTURES

DIFERENÇAS Jimbo e Hank: animação sobre tolerância estrelada por divertidos cães e gatos

LIVRO

ENTRE DENTES, **de Kristen Arnett (tradução de Laura Folgueira; HarperCollins; 320 páginas; 54,90 reais e 39,90 em e-book)**

A aparência da vida perfeita é uma cobrança ainda maior para Sammie e Monika, um casal lésbico que acaba de ter um filho. As fotos sorridentes da família transbordando normalidade destoam da experiência de Sammie. Enquanto a esposa trabalha fora, ela fica em casa com o garoto — e se esforça, sem muito resultado, para ter uma boa relação com ele. O que era ruim na infância, fica pior quando ele chega à adolescência. Uma trama de humor ácido e envolvente sobre o lado nada romântico da maternidade. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA** — Colleen Hoover [1 | 54#] GALERA RECORD
2. **VERITY** — Colleen Hoover [9 | 21#] GALERA RECORD
3. **BOX – GEORGE ORWELL** — George Orwell [0 | 26#] Principis
4. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** — Colleen Hoover [7 | 37#] GALERA RECORD
5. **A HIPÓTESE DO AMOR** — Ali Hazelwood [3 | 7] ARQUEIRO
6. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** — Taylor Jenkins Reid [2 | 70#] PARALELA
7. **TUDO É RIO** — Carla Madeira [0 | 20#] RECORD
8. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE** — Matt Haig [0 | 7#] BERTRAND BRASIL
9. **A GAROTA DO LAGO** — Charlie Donlea [6 | 149#] FARO EDITORIAL
10. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE** — V.E. Schwab [0 | 18#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1. **RÁPIDO E DEVAGAR** — Daniel Kahneman [7 | 172#] OBJETIVA
2. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3** — Laurentino Gomes [1 | 10] GLOBO LIVROS
3. **CABEÇA FRIA, CORAÇÃO QUENTE** — Abel Ferreira [6 | 19#] GAROA LIVROS
4. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** — Anne Frank [4 | 286#] VÁRIAS EDITORAS
5. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** — Yuval Noah Harari [3 | 286#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
6. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** — Clarissa Pinkola Estés [2 | 120#] ROCCO
7. **COMO AS DEMOCRACIAS MORREM** — Steven Levitsky; Daniel Ziblatt [0 | 48#] ZAHAR
8. **EM BUSCA DE MIM** — Viola Davis [5 | 5#] BestSeller
9. **MENTES INQUIETAS** — Ana Beatriz Barbosa Silva [0 | 37#] PRINCIPIUM
10. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** — Tori Telfer [10 | 81#] DARKSIDE

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O PODER DA CURA** — Reginaldo Manzotti [1 | 8#] PETRA
2. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** — George S. Clason [2 | 90#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** — Napoleon Hill [3 | 171#] CITADEL
4. **FAÇA SUA COMUNICAÇÃO ENRIQUECER VOCÊ** — Tathiane Deândhela [0 | 1] GENTE
5. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** — T. Harv Eker [5 | 381#] SEXTANTE]
6. **MINDSET** — Carol S. Dweck [6 | 124#] OBJETIVA
7. **DO MIL AO MILHÃO** — Thiago Nigro [0 | 168#] HARPERCOLLINS BRASIL
8. **PAI RICO, PAI POBRE** — Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [4 | 91#] ALTA BOOKS
9. **QUEM PENSA ENRIQUECE!** — Napoleon Hill [0 | 96#] CITADEL
10. **EM MIM BASTA!** — William Sanches [0 | 2#] CITADEL

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR** — Colleen Hoover [1 | 28#] GALERA RECORD
2. **NOVEMBRO, 9** — Colleen Hoover [7 | 25#] GALERA RECORD
3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** — Casey McQuiston [3 | 73#] SEGUINTE
4. **O PRÍNCIPE CRUEL** — Holly Black [0 | 24#] GALERA RECORD
5. **COLEÇÃO HARRY POTTER** — J.K. Rowling [6 | 124#] ROCCO
6. **TRONO DE VIDRO (VOL. 1)** — Sarah J. Maas [0 | 9#] GALERA RECORD
7. **A RAINHA VERMELHA** — Victoria Aveyard [10 | 102#] SEGUINTE
8. **TODO ESSE TEMPO** — Mikki Daughtry e Rachael Lippincott [0 | 5#] ALT
9. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** — J.K. Rowling [5 | 354#] ROCCO
10. **AMOR & GELATO** — Jenna Evans Welch [2 | 57 #] INTRÍNSECA

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Drummond, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

RESSACA DA VITÓRIA

ACONTECEU na terça-feira, 26 de novembro, numa suíte de hotel em Brasília. Deputados federais há mais de uma década, eles presidiam partidos e negociavam a base parlamentar do novo governo.

A conversa na manhã daquela primavera de 2002 foi curta e proveitosa para ambos. Ao sair, Valdemar Costa Neto, do Partido Liberal, deixou com José Dirceu, do Partido dos Trabalhadores, uma lista com duas dezenas de nomes para ministérios e empresas estatais.

Quando o inverno chegou, Lula já governava com o apoio de seis em cada dez deputados e senadores. Sua base parlamentar aumentara um terço em apenas um semestre. O epílogo desse enredo do Centrão de Lula é conhecido. Hoje, enleva petistas na aversão ao relacionamento com partidos de centro, sobretudo com os de centro-direita. “Nós não vamos aprender com a história?” — tem repetido Fernando Haddad, candidato do PT ao governo de São Paulo.

Passaram-se duas décadas até a última segunda-feira, quando Jair Bolsonaro foi ao *Jornal Nacional* justificar a dependência e a utilidade de ter o próprio Centrão, depois de demonizá-lo na campanha de 2018 — contradição questionada por seus eleitores.

“O Centrão são mais ou menos 300 deputados” — argumentou. “Se eu deixar de lado, vou governar com quem? São 513 deputados (...) O lado de lá, os 200 que sobram, pessoal do PT, PC do B, PSOL, Rede, não dá para você conversar com eles. E até não teriam número suficiente para aprovar sequer um projeto de lei comum (...) Como é que eu vou trabalhar com o Parlamento sem os partidos do Centrão?”

Com Bolsonaro, esse aglomerado de partidos foi além da partilha de espaços na administração pública. Uma providencial ajuda da maioria da oposição permitiu-lhe consolidar o controle direto do Congresso sobre um quarto do Orçamento federal. Multiplicaram-se por quatro (para 20 bilhões de reais) os gastos anuais com emendas parlamentares, em comparação com os governos Dilma Rousseff, do PT, e Michel Temer, do MDB. A falta de transparência nos repasses caracterizou o “orçamento secreto” ou “paralelo”.

> **“Agora, a aprovação dos presidentes despenca cada vez mais rápido”**

Quem se eleger presidente em outubro vai precisar encarar um Congresso mais coeso e enxuto — hoje são 24 partidos. Revigorado na imposição do Orçamento e, também, no domínio de uma agenda para 2023 pontuada por enormes conflitos de interesses. É o caso da revisão do papel das agências estatais que regulam e fiscalizam os mercados de saúde, energia, finanças, saneamento, transportes e telecomunicações, entre outros.

O país, de novo, vai eleger um presidente sem maioria para governar. No máximo, terá bancada aliada equivalente a um quarto dos deputados e dos senadores, de acordo com os cenários mais otimistas do PT de Lula e do PL de Bolsonaro. Vai precisar obter o dobro e mais um para completar a maioria na Câmara e no Senado.

Dois dos cinco presidentes eleitos nas últimas três décadas foram apeados do Palácio do Planalto por impeachment (Fernando Collor e Dilma Rousseff). Bolsonaro resolveu entregar corpo e caixa do governo aos aliados do Centrão para escapar da centena e meia de pedidos de impedimento. O número mágico da sobrevivência política no Congresso é 171. Equivale a 33% dos votos dos deputados e é o mínimo necessário para impedir a aprovação de impeachment na Câmara.

Sendo cada voto imprescindível, negociar com o Congresso é governar. A questão central está em o que e como negociar. Essa é a escolha fundamental de cada presidente. É pessoal e intransferível. Nas últimas duas décadas prevaleceu o método, variou a forma — antes, por fora do Orçamento, com o mensalão, e agora por dentro dele, com o “orçamento secreto”. O resultado tem sido uma crise perene

Arrogância presidencial, é bom lembrar, costuma ser vista como pecado capital, passível de eterno arrependimento. Como naquela história de Antônio Soares Calçada, dirigente do Vasco, que diante da oferta de um jovem atacante, em 1955, respondeu: “Pelé? Quem é Pelé? Você está brincando comigo”.

Vencer em outubro é difícil, e é apenas o começo. A ressaca da vitória ensina que o poder é um empréstimo. E, desta vez, tem uma novidade. A aprovação dos presidentes na América Latina passou a despencar drástica e rapidamente a partir do dia da posse. A lua de mel com os eleitores caiu, na média, de seis para três meses, informa o Directorio Legislativo, da Argentina, que monitora pesquisas de opinião política no Brasil e em mais dezessete países. Negociar é preciso, subestimar o eleitorado custa caro. ■

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA